



Universidade Federal do Pará
Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa Amazônia Oriental
Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas

NATALIA MONGE ZÚÑIGA

**SABERES, PRÁTICAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE PARTEIRAS
TRADICIONAIS DA RESEX MAPUÁ, ILHA DO MARAJÓ**

BELÉM, 2017

NATALIA MONGE ZÚÑIGA

SABERES, PRÁTICAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE PARTEIRAS TRADICIONAIS DA RESEX MAPUÁ, ILHA DO MARAJÓ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, da Universidade Federal do Pará- UFPA e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA Amazônia Oriental, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros.

BELÉM, 2017

NATALIA MONGE ZÚÑIGA

SABERES, PRÁTICAS E HISTÓRIAS DE VIDA DE PARTEIRAS TRADICIONAIS DA RESEX MAPUÁ, ILHA DO MARAJÓ

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Bezerra Barros

PPGAA-NCADR/UFPA

Orientador

Profª Drª Maria Betânia Barbosa Albuquerque

PPGED-UEPA

Membro externo

Profª Drª Benedita Celeste de Moraes Pinto

PPGEDUC-UFPA

Membro externo

Profª Drª Maria das Graças Pires Sablayrolles

NCADR-UFPA

Membro externo

Profª Drª Dalva Maria da Mota

PPGAA-Embrapa

Membro suplente

BELÉM, 2017

AGRADECIMENTOS

Sou grata pela vida. Agradeço as deusas e deuses que me acompanham neste caminho.

Este trabalho é dedicado às mulheres de cura do mundo interior, por serem guardiãs do saber ancestral e por levar nos corpos o poder e dom de dar a luz.

Agradeço ao Rio Mapuá, porque suas águas pretas limpam minha alma de tristezas e fortaleceram meu espírito. Por me mostrar a beleza das crianças que nele vivem, por fazer com que me encontrasse a mim mesma procurando achar seus mistérios.

Agradeço aos ribeirinhos e ribeirinhas da Resex Mapuá, por me mostrar as belezas da Amazônia Brasileira com tanta paixão. Especialmente agradeço as oito parteiras do Baixo e Médio Mapuá: Dona Julieta, Dona Joana, Dona Merata, Dona Iracema, Dona Martinha, Dona Maria Isabel, Dona Maria Esteni e Dona Maria Borges por terem me permitido compartilhar de mulher a mulher sua sabedoria, suas histórias e carinho durante o tempo que estive lá. Ficaram nas minhas lembranças eternamente.

A JAZMIN E LEANDRO,

ETERNAMENTE VIVOS NO VENTRE VIRGEM DA PACHAMAMA.

“POR UN INSTANTE...

*Apreciar al otro sin condena,
sin sentir pena, sin considerar que lo que hace,
dice o piensa está mal; no encerrarlos
en las proyecciones inconscientes que hacemos de nuestra
propia historia, de nuestra propia histeria;
qué alivio surge al abandonar el hábito ciego de juzgar!
Y que gran posibilidad tenemos de depurar nuestra propia mente y dejar que otro orden nos
vincule a la vida...y sentir paz.”*

Lorena Ciocale

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma etnografia sobre o conjunto de crenças, saberes e práticas que detêm as parteiras da RESEX Mapuá, Ilha do Marajó, Brasil. O objetivo principal foi relatar com as histórias de vida destas mulheres o universo de partejar desenvolvido pelas parteiras das comunidades de São Sebastião, Bom Jesus e São Benedito. Observação participante e entrevistas semiestruturadas foram os principais métodos utilizados, apoiados de registros fotográficos e fonográficos. Os resultados expõem histórias de vida de oito (8) parteiras, destacando-as como detentoras de um rico e complexo saber sobre saúde das comunidades onde atuam. Ressalta-se a importância de visualizar o universo ao redor do ofício de partejar, para assim compreender o papel essencial dessa sabedoria para as comunidades tradicionais e para o mundo inteiro.

Palavras-chave: parteiras, saberes tradicionais, RESEX Mapuá, Ilha do Marajó.

RESUMEN

Este trabajo presenta una etnografía sobre el conjunto de creencias, saberes y prácticas que poseen las parteras de la RESEX Mapuá, Isla de Marajó, Brasil. El principal objetivo fue relatar por medio de historias de vida de estas mujeres el universo de “partejar” llevado a cabo por las parteras tradicionales de las comunidades São Sebastião, Bom Jesus y São Benedito. Observación participante y entrevistas semiestructuradas fueron los métodos utilizados, apoyados de registros fotográficos y fonográficos. Los resultados exponen historias de vida de ocho (8) parteras, destacándolas como detentoras de un rico y complejo saber sobre salud de las comunidades donde actúan. Se resalta la importancia de visualizar el universo alrededor del oficio de ser partera, para así comprender el papel esencial de esa sabiduría para las comunidades tradicionales y para el mundo entero.

Palabras-clave: parteras, saberes tradicionales, RESEX Mapuá, Isla de Marajó.

LISTA DE SIGLAS

ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

SISBIO: Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

TAP: Termo de Anuência Prévia

CNS: Conselho Nacional dos Seringueiros

RESEX: Reserva Extrativista

AMOREMA: Associação de Moradores da RESEX Mapuá

APTIM: Associação de Parteiras Tradicionais da Ilha do Marajó

CFR: Casa Familiar Rural

STR: Sindicato de Trabalhadores Rurais

UC: Unidade de Conservação

CD: Conselho Deliberativo

IFT: Instituto Floresta Tropical

PNAE: Programa Nacional de Alimentação Escolar

INCRA: Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PC: Pastoral da Criança

ACS: Agente Comunitário de Saúde

PSF: Programa Saúde da Família

SUS: Sistema Único de Saúde

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SINASC: Sistema de Informação de Nascidos Vivos

CONTEÚDO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| ESTADO DA ARTE: SABERES TRADICIONAIS E PARTEIRAS COMO SUJEITOS DE ESTUDO | 17 |
| CAMINHOS DA PESQUISA | 22 |
| CAPÍTULO I: CONTEXTO GEOGRÁFICO E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA REGIÃO EM ESTUDO..... | 35 |
| A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA RESEX MAPUÁ | 36 |
| A VIDA NO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ: uma breve caracterização | 39 |
| CAPÍTULO II: AS PARTEIRAS DO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ..... | 58 |
| GENERALIDADES: O PERFIL DAS PARTEIRAS..... | 58 |
| CONDIÇÕES DO OFÍCIO DE “PEGAR CRIANÇA”, “PARTEJAÇÃO” E “CORTAR UMBIGO” NA RESEX MAPUÁ | 68 |
| CAPÍTULO III: CRENÇAS, SABERES E FAZERES DAS PARTEIRAS DO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ | 84 |
| <i>KOSMOS</i> -CRENÇAS: religiosidades e elementos mágico-místicos..... | 85 |
| <i>CORPUS</i> - SABERES: conjunto de saberes | 91 |
| <i>PRÁXIS</i> - PRÁTICAS: fazeres nas mãos das parteiras | 100 |
| CAPÍTULO IV: “A VELHA JOANA”: história de vida da benzedeira-parteira..... | 111 |
| REFLEXÕES FINAIS | 137 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 139 |
| APÊNDICES..... | 145 |

INTRODUÇÃO

Desde que me entendi como pessoa sou apaixonada pelos mistérios da natureza, da vida, da morte, da alma e da mente. Sempre me chamou a atenção a energia que os animais, as plantas, as crianças e as pessoas idosas transmitem ao estar perto delas. Nasci no seio de uma família amante da agricultura: minha mãe uma grande mulher trabalhadora com mãos de ouro para plantar; meu pai um exemplar e brilhante professor apaixonado pela arte de criar orquídeas; minha irmã uma maravilhosa artista, uma verdadeira amiga e cúmplice no jardim de ervas; e meu irmão um companheiro de aventuras com um dom nas mãos que curam animais.

Fui crescendo junto com eles e assim foi aumentando meu anseio de conhecer mais sobre meu passado, minhas ancestrais. A curiosidade pelas culturas ancestrais associada sempre ao imenso zelo por entender como eles sabiam tanto sobre plantas de poder, sobre medicinas sagradas e sobre curas espirituais.

Entrei na faculdade para estudar Agronomia na Universidad de Costa Rica (UCR) em 2005, instituição formadora de grandes engenheiros e engenheiras agrônomas com uma visão bastante produtivista, em minha opinião, e no esquema ainda da Revolução Verde. No entanto, encontrei ali grandes amigos e companheiros com outra perspectiva sobre a agricultura, aquela que valoriza os saberes tradicionais e o cultivo do ser humano por meio da agricultura. Construímos juntos um movimento de jovens, estudantes, professores e agricultores chamado: GAE – “Grupo Agroecológico Estudiantil”. Abrimos um espaço dentro da UCR para discussões com produtores rurais, mulheres agricultoras e estudantes de todas as áreas.

Um tempo depois entrei como voluntária num projeto da escola de biologia da mesma universidade, que tinha como objetivo trabalhar de forma sustentável com populações tradicionais dentro de áreas de conservação da região norte da Costa Rica, especificamente no Parque Nacional Diriyá. Foi meu primeiro contato com estes particulares modos de vida, e foi transformador. Com eles aprendi a plantar feijão na época certa, a colher o milho para semente e, principalmente a observar os ciclos da natureza.

As histórias que eles me contavam sobre seus ancestrais me lembravam dos relatos da minha avó Lilliam, que apesar de não gostar das tarefas do campo, adorava passear e observar as pessoas que se dedicavam a trabalhar a terra. Também, ao escutar as pessoas idosas falando sobre plantas medicinais e curas, pensava na minha avó Inés, sempre com seus remédios e carinhos cuidando da saúde da família e dos vizinhos.

Entendi que esses saberes e receitas eram mais do que algo escrito na antiga agenda de 1980 da minha avó. Ela cuidava, e até hoje cuida, das suas plantas de cura com muito amor, tendo uma especial conexão com a terra. Ela sempre me falou sobre os indígenas e suas formas de curar, me mostrava as plantas para fazer remédios para dor de estômago, de cabeça, para as cólicas menstruais e até para abrir o apetite.

Isto me incentivou a plantar minhas próprias ervas, quis me aventurar e conhecer mais de perto a arte da agricultura. Pedi emprestado um terreno de um tio e foi aí que reparei no grande aprendizado de trabalhar a terra. Durante quatro anos mergulhei na agricultura e senti na pele, no corpo e no espírito o prazer de produzir meus próprios alimentos-medicinas.

Durante esse tempo tive a oportunidade de ser vizinha de grandes agricultores e pessoas do meio rural que me mostraram as dificuldades e as belezas de trabalhar no campo. Junto com outros colegas agrônomos, de diferentes grupos agroecológicos, discutíamos a importância de conhecer esse lado da agricultura que o mundo acadêmico, onde tínhamos nos formado, pouco tinha falado.

O “Movimiento Agroecológico de Costa Rica” foi quem me incentivou a conhecer sobre a agricultura biodinâmica. Eles me contactaram com uma fazenda no Brasil para fazer um estágio e aprender sobre esta forma de vida. Em 2011 cheguei à Fazenda Volkmann, produtora de arroz biodinâmico do interior do Rio Grande do Sul, meu primeiro encontro com a imensa e diversa cultura brasileira. Conheci depois o Sítio Sol Nascente onde aprendi sobre alimentação consciente e construção natural.

Aprendi muito sobre agricultura familiar gaúcha, sobre búfalas, plantas medicinais, produtos naturais e sementes mas, acima de tudo, descobri uma parte de mim que ainda não conhecia. Construí amizades verdadeiras e por meio delas conheci a mais forte medicina de cura que até hoje levo na alma e no pensamento: a sagrada ayahuasca ou Santo Daime.

Medicina originária da Amazônia, venerada por muitas das populações nativas destas terras férteis. Ela me mostrou o caminho para chegar até aqui, quatro anos mais tarde daquele nosso primeiro contato. Quis conhecer sobre estes povos da região norte do Brasil, quis mergulhar nas medicinas vindas dessas matas.

Voltei para meu país com muita saudade do Brasil, senti que um dia voltaria, a minha intuição sabia que ainda tinha muito por aprender nessas terras. Me formei e trabalhei no campo produzindo hortaliças. A oportunidade apareceu em 2014, uma convocatória para fazer estudos de mestrado no Brasil, um dos programas com o nome de *Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável*. Sem dúvida me animei e me postulei como candidata, elaborei um pré-projeto para concorrer por uma vaga na Universidade Federal do Pará. O pré-projeto era sobre sistemas agrofloretais em comunidades tradicionais.

Em 11 de novembro de 2014 saiu o resultado, tinha sido admitida no programa e teria que viajar para morar, por dois anos, nos encantos do norte brasileiro, a partir de fevereiro de 2015. Procurei a minha passagem pensando em querer primeiro visitar meus queridos gaúchos. Minha grande mestra Ana e o meu alegre e trabalhador amigo Neco me receberam com tanto amor como eu não imaginava, estava de volta ao amado Brasil, que saudade!

Com eles conversei sobre a vida, a morte, as amizades, as plantas de poder e os ensinamentos dos espíritos da floresta. A Ana estava se formando como doula, e veio me perguntar sobre agricultura biodinâmica, pois estava estudando um livro intitulado “O Camponês e a Parteira” que faz um paralelismo entre a industrialização da agricultura e a medicalização do parto.

Um mês depois cheguei a Belém, conheci a UFPA e em menos de um mês já tinha começado as aulas do mestrado. Meus colegas da turma, figuras inesquecíveis desde o primeiro dia. Meu “portunhol” ótimo, mesmo assim conseguia me comunicar e contar um pouco da minha vida enquanto ia me encantando pelo sotaque belenense.

A elaboração do projeto de pesquisa do mestrado ia caminhando, mas não me senti satisfeita com o tema, sentia que a minha missão na Amazônia brasileira era outra. Em outubro de 2015, meu grande amigo e companheiro Rafa me presenteou com um livro, aquele do qual Ana já tinha

me falado. “O Camponês e a Parteira” chegou nas minhas mãos com muita força, parecia que esclarecia muitas das minhas dúvidas enquanto eu lia, e ao mesmo tempo colocava também muitos questionamentos na minha cabeça.

Tomei a decisão e mudei de tema, de um dia para outro quis trabalhar com parto, com nascimento, com a forma em que seres humanos chegamos a terra. Me perguntava: *Quem são as obstetras não oficiais nas regiões isoladas da Amazônia brasileira? Quais os saberes tradicionais dessas mulheres? Com quem aprenderam? Como elas cuidam de outras mulheres durante a gestação, parto e pós-parto? Utilizam plantas para sua medicina?* Logo depois, a pergunta: *aonde eu vou à busca dessas mulheres?*

A Igreja Mãe da Comunidade de Santo Daime do RGS leva o nome de Céu do Mapiá e a partir desse nome comecei procurar na internet e com amigos e colegas, alguma comunidade, algum lugar que englobasse esses mistérios do parto nas mãos de mulheres de cura. Aparecia informação sobre a etnia dos Mapuás, de lugares relativamente próximos à Belém. Porém, me deparei com pouca informação que marcasse o caminho para onde ir.

Encontrei uma Reserva Extrativista no mapa com o nome de Mapuá. Resultou estar na maior ilha fluviomarítima do mundo, na mística e diversa Ilha do Marajó. Lar dos encantados, pedaço de terra que acompanha o grandioso Rio Amazonas no seu encontro com o mar do Atlântico. Consultei meu orientador que não por acaso, tinha um contato por aqueles cantos.

Comecei o trabalho pesquisando sobre o lugar, as pessoas, como chegar, as formas de vida, mas achei pouca informação sobre parteiras e medicina tradicional. Tinha encontrado o espaço físico, o vazio de informação acadêmica e o desejo no meu coração.

Deste complexo e mágico percurso resultou o presente trabalho. O objetivo principal foi relatar as histórias de vida, os saberes e práticas das parteiras tradicionais da RESEX Mapuá, localizada no Município de Breves, Ilha do Marajó, Pará, Brasil. Os objetivos específicos foram (1) descrever o perfil das parteiras e as condições do ofício de partejar no Baixo e Médio Mapuá; (2) caracterizar e analisar o universo mágico-religioso, os saberes locais e as práticas envolvidas na arte de “pegar criança” a partir de uma análise dos elementos *K-cosmos*, *C-corporis*, *P-praxis* de Toledo e Barrera-Bassols.; e (3) retratar e analisar a história de vida da Dona Joana, benzedeira e parteira da RESEX Mapuá.

Este documento está dividido em cinco segmentos. O primeiro trata-se da presente “INTRODUÇÃO”, que intenciona apresentar as razões que motivaram a pesquisa do tema, relevância pessoal e acadêmica do estudo, além do que se pretendeu investigar ao longo do processo para responder aos questionamentos.

No segundo segmento intitulado “ESTADO DA ARTE”, discuto de forma mais específica a importância do estudo dos saberes tradicionais das parteiras e o estado das informações referentes ao trabalho destas mulheres. No terceiro, denominado “CAMINHOS DA PESQUISA”, relato a minha chegada à RESEX Mapuá e descrevo os procedimentos metodológicos usados durante o estudo de campo e no esboço do trabalho escrito.

No quarto segmento se expõem os resultados da pesquisa de campo, e está estruturado em QUATRO CAPÍTULOS. O primeiro chamado “CONTEXTO GEOGRÁFICO E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA REGIÃO EM ESTUDO” trata da história da formação da RESEX Mapuá e descreve brevemente aspectos sobre a forma de vida dos moradores deste território.

O segundo capítulo, denominado “AS PARTEIRAS DO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ” ilustra por meio de relatos de vida, o perfil das parteiras das comunidades de São Sebastião, Bom Jesus e São Benedito. Se apresenta também neste capítulo uma seleção dos retratos fotográficos das mulheres que “pegam criança” e uma caracterização das condições de trabalho do seu ofício.

O terceiro capítulo intitulado “CRENÇAS, SABERES E FAZERES DAS PARTEIRAS DO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ” apresenta a heterogeneidade deste ofício de uma perspectiva das religiosidades e elementos mágico-místicos, do conjunto de saberes e sua transmissão, assim como, dos fazeres e práticas das parteiras tradicionais. Visa uma análise a partir do conjunto K-C-P proposto por Toledo e Barrera-Bassols (2015).

No quarto capítulo denominado “A *VELHA JOANA*: HISTÓRIA DE VIDA DA BENZEDEIRA-PARTEIRA DA RESEX MAPUÁ” exponho a história de vida da Dona Joana Ferreira do Nascimento, desvendando aspectos significativos da trajetória dessa mulher de cura. Os relatos sobre sua história de vida fizeram com que eu lhe dedicasse um capítulo deste trabalho, embora eu esteja consciente de que merece e poderia dedicar um livro inteiro. Mas, *por que a Dona Joana e não outra parteira?* A resposta envolve uma análise complexa sobre a escolha, porém foi baseada praticamente em três questões: primeiramente porque ela foi a parteira mais mencionada durante as entrevistas; segundo, porque é a única parteira que é benzeadeira o que faz com que ela seja a mais procurada; e por último, porque foi a parteira de quem acompanhei mais atendimentos de gestantes durante o trabalho em campo.

A quinta e última seção trata-se das ”REFLEXÕES FINAIS” do trabalho. Utilizo os resultados para refletir sobre a importância do universo dos saberes tradicionais das parteiras na Amazônia brasileira e no mundo.

Desejo demonstrar através da pesquisa a realidade da Amazônia Marajoara de modo a ressaltar a sua diversidade e a necessidade da academia dialogar com a identidade dos sujeitos amazônicos e vincular-se aos seus territórios e as necessidades específicas de cada um.

ESTADO DA ARTE: SABERES TRADICIONAIS E PARTEIRAS COMO SUJEITOS DE ESTUDO

Estamos vivendo uma era de erosão de conhecimentos tradicionais e saberes ancestrais. Esta época começa a partir da metade do século XV com a agressiva conquista europeia ao continente americano, onde muitas comunidades nativas foram exterminadas e expulsas das suas terras, violentamente separadas das suas raízes culturais. Este “Desencontro” de culturas trouxe consigo uma grande ambição de apagar conhecimentos tradicionais de povos nativos, impondo crenças exógenas e demonizando as próprias (GALEANO, 2008). Nas palavras de Boaventura de Sousa Santos ocorreu um “epistemicídio”: a supressão dos conhecimentos locais deslocados agressivamente por um conjunto de conhecimentos alienígenas (SANTOS, 2013).

“O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremadamente desigual de saber-poder que conduziu a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados.”

(SANTOS, 2013: p. 15)

Deu-se então, uma construção de hierarquias do conhecimento, ao mesmo tempo em que se idealizava uma dicotomia tradição/modernidade. De lado, o discurso do desenvolvimento que menciona Escobar (2011), onde aquele chamado “Terceiro Mundo”, criado pelos países poderosos, colocou a América Latina, África e Ásia como “setores subdesenvolvidos”; levando com isto a um profundo processo simbólico e material.

Esta condição trouxe a dissipação e perda de saberes locais que essas culturas desenvolveram desde tempos ancestrais. Escobar (2011) adiciona que este processo envolve vários princípios de desapego: (i) o espacial, que envolve a separação da comunidade e do local; (ii) o ambiental, representado por um afastamento da natureza e cultura; (iii) o aspecto econômico desvinculado do social e natural; e por último (iv) a predominância do conhecimento acadêmico acima de qualquer outro saber.

Autores como Alfredo Wagner de Almeida (2004), Juliana Santilli (2008), Edna Castro (2000) e Antônio Diegues (1998) ressaltam a importância destes saberes a partir da relação que os diferentes povos, que lhes detêm, constroem com a natureza, não só envolvendo as técnicas, mas também a análise do simbólico e do místico dentro desse universo cognitivo.

A maioria dos saberes da América Latina sofreu nesse processo um desgaste profundo, porém muitas comunidades e povos resistiram e ainda hoje conservaram as suas formas de vida e cosmovisões. Povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades das florestas são donos e detentores desse universo de sabedoria.

O Brasil, o maior país da América Latina, é referência mundial pelo seu polimorfismo cultural, abrangendo uma enorme diversidade de etnias e povos tradicionais (SANTOS, 2015). Muitos deles lutam intensamente pelos seus direitos aos território, serviços básicos de saúde, propriedade intelectual dos seus saberes ancestrais e na defesa dos recursos naturais.

A região Amazônica concentra essas populações tradicionais, incluindo povos indígenas e não indígenas que convivem com a floresta viva de maior tamanho do mundo. Estas terras, por serem uma fonte enorme de recursos naturais, são espaços onde se desenvolvem, se constroem e renovam esses conhecimentos ancestrais.

A diversidade ambiental característica desta região modela a sua complexa dinâmica social. Porto-Gonçalves (2008) destaca:

“Amazônia é, sobretudo, diversidade (...). Habitar esses espaços é um desafio à inteligência, à convivência. Esse é o patrimônio que as populações originárias e tradicionais da Amazônia oferecem para o diálogo com outras culturas e saberes. Há um acervo de complexos conhecimentos inscritos em práticas medicinais, em remédios, em domesticação de plantas e animais em meio à floresta (...), além de uma estética de complexos códigos para se relacionar com o desconhecido e com o misterioso, por meio de suas cosmogonias e religiosidades (...).”

(PORTO-GONÇALVES, 2008: p. 9).

Esta dinâmica se reflete também nas distintas expressões, na arte de partejar das diferentes localidades da Amazônia. Já foram relatadas múltiplas experiências sobre mulheres que atendem o parto de outras em espaços não hospitalares no Brasil com diferentes enfoques, perspectivas e objetivos (FLEISCHER, 2011; PEREIRA, 1993; BESSA, 1997, BARROSO, 2001; CORRÊA e LEONEL, 2002; SILVA, 2004; PINTO, 2010). Porém, existe um vazio de informação sobre as parteiras tradicionais na região da Ilha do Marajó, onde foram desenvolvidas pesquisas qualitativas somente por Fleischer (2011) em Melgaço e por Santos et al (2016).

“Não há conhecimento sem práticas e atores sociais” (SANTO, 2013: prefácio), pelo que se torna necessário explorar os saberes das parteiras tradicionais a partir do estudo das histórias de vida delas e dos espaços onde elas atuam. As práticas e fazeres das parteiras tradicionais são diversos e revelam as crenças, as forma de se relacionar com a natureza, assim como as condições de acesso a recursos financeiros, políticos e de saúde (BARROSO, 2001).

Elas “são personagens muito importantes dentro da cultura brasileira e em todo mundo, possuem um papel essencial em muitas comunidades de difícil acesso, como as ribeirinhas e as que se encontram alagadas” (CREPALDI e NUNES, 2011). No seu ofício enfrentam muitas dificuldades ao ter que percorrer longas distâncias, ao não dispor de lugares aonde encaminhar os casos de risco, além do pouco ou nulo acesso as ferramentas adequadas para o atendimento de partos.

Aliás, elas contam com vastos conhecimentos sobre estas comunidades, já que elas interagem com grande número de mulheres e suas famílias, conhecendo as dificuldades que se apresentam no dia a dia e captando como a população as enfrenta. Santos (2015) destaca a importância de considerar-lhes como agentes reveladores do perfil das localidades.

“A parteira tradicional, com sua sabedoria, é capaz de perceber situações simples e complexas em suas pacientes e até conceituar o perfil de cada família de sua comunidade”.

(SILVA, 2013 apud SANTOS, 2015: p. 12).

Nascimento et al. (2009) comentam que o trabalho da parteira vai além dos cuidados médicos das mulheres grávidas e seus partos, sendo elas “conselheiras, curadoras da família e dos necessitados”. As ressaltam também como “pessoas que detêm saber essencial na sobrevivência de suas comunidades”.

As suas relações com a natureza e os seus saberes sobre cura mostram formas de atendimento ao parto que colocam na mesa a discussão sobre alguns métodos que estão sendo feitos tanto na medicina obstétrica quanto nas políticas públicas (VIANA, 2010; ODENT, 2003). A riqueza étnica e a

biodiversidade são fatores importantes na construção destes saberes, mas infelizmente a parteira tradicional historicamente tem sido colocada à margem do sistema formal de cuidado à saúde (GUSMAN et al, 2015).

Os sistemas de medicalização do parto é um reflexo da desvalorização dos fazeres das parteiras tradicionais, sendo aliados a mídia e a indústria farmacêutica neste “nada-inconsciente” processo de “modernização” (ODENT, 2003).

“As parteiras tradicionais resistem política e culturalmente à farmacologia química. O conforto entre a tradição e erudição, mostra que a sociedade urbana incorporou o que lhe é imposto, um mundo tecnicista, cirúrgico e industrial”.

(BARROSO, 2001: p. 39).

Entretanto, os dados disponíveis em relação à sua atuação, revelam que, são mulheres que, fora dos âmbitos institucionais formais, atendem partos domiciliares, com suas práticas e sabedoria, experiência e dedicação em suas comunidades (VIANA, 2010). Segundo um informe do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), durante o período de 2002-2010, o Pará foi o estado que registrou o maior número de nascimentos por ano na região Norte. Em 2010 contabilizou um total de 117.867 nascimentos, sendo 5,3% deles no domicílio da mãe e 0,7% num outro local (IBGE, 2011). Nos cartórios do Município de Breves, Fleischer (2006) encontrou que 21% dos partos que aconteceram até 2003 se deram no cenário domiciliar e destaca que, na maioria dos casos, o atendimento foi feito por parteiras reconhecidas nas localidades rurais do município.

Elas, numa construção não estática, adaptam-se às condições, sendo os ensinamentos e informações repassadas por suas ancestrais ou colegas, transformadas de acordo com as suas histórias de vida e recursos disponíveis; quer dizer, são conhecimentos que se encontram em metamorfose (FLEISCHER, 2011).

Revela-se com isto, a urgência dentro do mundo acadêmico e não acadêmico, de nos envolvermos na luta pela valorização destas ciências e tradições, entendendo-as como elementos chave para a inclusão das sociedades marginalizadas historicamente. E assim, contribuir na construção de uma justiça social global de todas as populações.

CAMINHOS DA PESQUISA

Inicialmente, fiz uma pesquisa geral sobre o tema de parteiras tradicionais no Brasil, para ter uma visão das abordagens feitas pela academia. Encontrei que existem muitos estudos relacionados aos saberes tradicionais envolvidos nos atendimentos “não oficiais”, como Soraya Fleisher menciona, de nascimentos por várias regiões. No entanto, percebi que existem poucos na região norte e nenhum na RESEX Mapuá. Destaco os documentos elaborados pelas autoras Soraya Fleisher e Celeste Pinto (2001), que detalharam de forma muito delicada e respeitosa os senários das parteiras em regiões do norte brasileiro.

Dentro do universo de saberes de parteiras tradicionais achei documentos que descrevem alguns elementos importantes como, por exemplo: o uso das ervas, elaboração de chás, fabricação de garrafadas e remédios, recomendações de banhos e defumações, uso de orações e rezas, múltiplas crenças e devoções, assim como, o acompanhamento psicológico e as famosas “puxações” ou massagens (FLEISCHER, 2011; PEREIRA, 1993; BESSA, 1997; BAROSO, 2001; CORRÊA e LEONEL, 2002; SILVA, 2004; PINTO, 2001). No entanto, considero que o tema de conhecimentos de parteiras tradicionais forma parte daqueles saberes silenciados, que Boaventura Santos nos convida a relatar e redescobrir.

No caso da pesquisa de campo, para dar início, foi fundamental o consentimento prévio das comunidades em estudo, assim como dos órgãos envolvidos na gestão da Reserva Extrativista (RESEX) Mapuá, por ser ela uma unidade de conservação. Primeiramente foi solicitada a autorização ao ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) por meio do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO). Uma vez autorizada pelo sistema, foi possível preparar o necessário para a viagem de campo de 45 dias.

Foi elaborado outro documento: o Termo de Anuência Prévia (TAP), com o objetivo de obter a autorização por parte das comunidades visitadas da RESEX. Este foi apresentado ao presidente e vice-presidente da Associação de Moradores da RESEX Mapuá (AMOREMA) no escritório do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), na cidade de Belém. A pesquisa foi aprovada por eles para ser realizada na RESEX, ficando acordado de se pedir a autorização pessoal para cada pessoa envolvida na mesma, especificando os seus objetivos e solicitando consentimento para fazer registros

fonográficos e fotográficos.

CHEGADA À RESEX

O percurso para chegar até a RESEX Mapuá começou desde a cidade de Belém. Saí do Porto Bom Jesus, às 20 horas, em direção ao município de Breves, acompanhada pelo vice-presidente da AMOREMA: o senhor Antônio “Galo” Gonçalves, que considero uma das pessoas-chave para o desenvolvimento do trabalho de campo.

Durante o caminho começou meu encantamento pela novidade de conhecer as águas amazônicas. Tentava ficar atenta para não perder nenhum detalhe. As pessoas entravam no barco e amarravam suas redes, e conversavam com seus companheiros e companheiras de viagem.

Falando com seu Antônio, ele comentou a importância da formação de RESEX Mapuá e sobre algumas características da vida dos moradores de lá. Chamou-me muito a atenção como ele insistia na qualidade acolhedora das pessoas, e de quanto eles gostavam de receber visitas de fora que valorizavam o seu trabalho. Isso fez com que eu me sentisse mais tranquila com respeito a receptividade que as parteiras poderiam ter á mim e sua abertura para participar da pesquisa.

Depois de 12 horas de viagem, chegamos na cidade de Breves, onde Seu “Galo” e eu tomamos rumos diferentes. Ele embarcou diretamente num outro navio para a RESEX e eu fiquei mais um dia na cidade. Já era do meu conhecimento que muitos dos casos de risco das grávidas da Ilha de Marajó são encaminhados para este município, tanto para o hospital municipal quanto para o regional devido ao serviço de saúde oferecido nestes locais. Procurei então a Secretaria de Saúde do Município. Encaminhei para a direção da mesma uma cópia do projeto de pesquisa como justificativa para que eles me pudessem proporcionar informações sobre o número de partos registrados sobre todo o município, entre outros dados relevantes para a pesquisa

Conversei com a senhora Marielly Borges, encarregada do projeto municipal chamado “Revelando sorrisos das parteiras tradicionais do município de Breves”, e ela forma parte da equipe de trabalho da Secretaria de Saúde. Marielly relatou suas preocupações sobre o fato de que muitas mulheres não fazem acompanhamento do pré-natal e que muitas preferem ter parto com parteiras e não no hospital. Encaminhou-me para procurar algumas pessoas dentro da secretaria que poderiam me informar melhor sobre as parteiras da RESEX MAPUÁ.

Efetivamente foi assim que tive a oportunidade de entrar em contato com uma das parteiras tradicionais com grande representatividade no município: Maria Leão Saraiva, presidenta da Associação de Parteiras Tradicionais da Ilha do Marajó (APTIM), que trabalha como técnica de enfermagem no Posto de Saúde Ribeirinho de Breves. Na conversa que tivemos surgiram temas como: A formação da associação de parteiras; histórias de médicos tidos como negligentes; e a luta contínua pelo salário das parteiras. Foi relatado por ela que a RESEX Mapuá apresenta somente três ou quatro parteiras que se encontram cadastradas na APTIM. Comentou da importância de elas ter lutado com o apoio político para conseguir, no ano de 2013, que as parteiras tradicionais por lei pudessem acompanhar as gestantes no hospital. Depois da entrevista fui dormir na casa de uma amiga da cidade, que me acolheu de uma forma muito especial junto com sua família.

No dia seguinte, às 11 horas da manhã embarquei no barco Mauá, com destino à RESEX Mapuá. Entrando no navio conheci o dono que me indicou que Seu Galo já tinha falado de mim. Atei a minha rede e me preparei para a viagem. As pessoas dentro do barco já começavam a me identificar como uma pessoa “de fora” e me perguntavam o que eu estava fazendo por lá. Aos poucos fui me apresentando e observava como as relações eram construídas no barco.

Notei que muitas das pessoas eram jovens e que o consumo de álcool estava presente intensamente. Fui conversando e conhecendo algumas delas que comentavam sobre a sua origem e lugar de moradia e assim, fiquei sabendo sobre algumas que formavam parte das comunidades que eu iria pesquisar. Aproveitando isso, fazia perguntas: *conhece alguma parteira? Você nasceu aonde? Tem parteira nessa comunidade? Como ela se chama?*

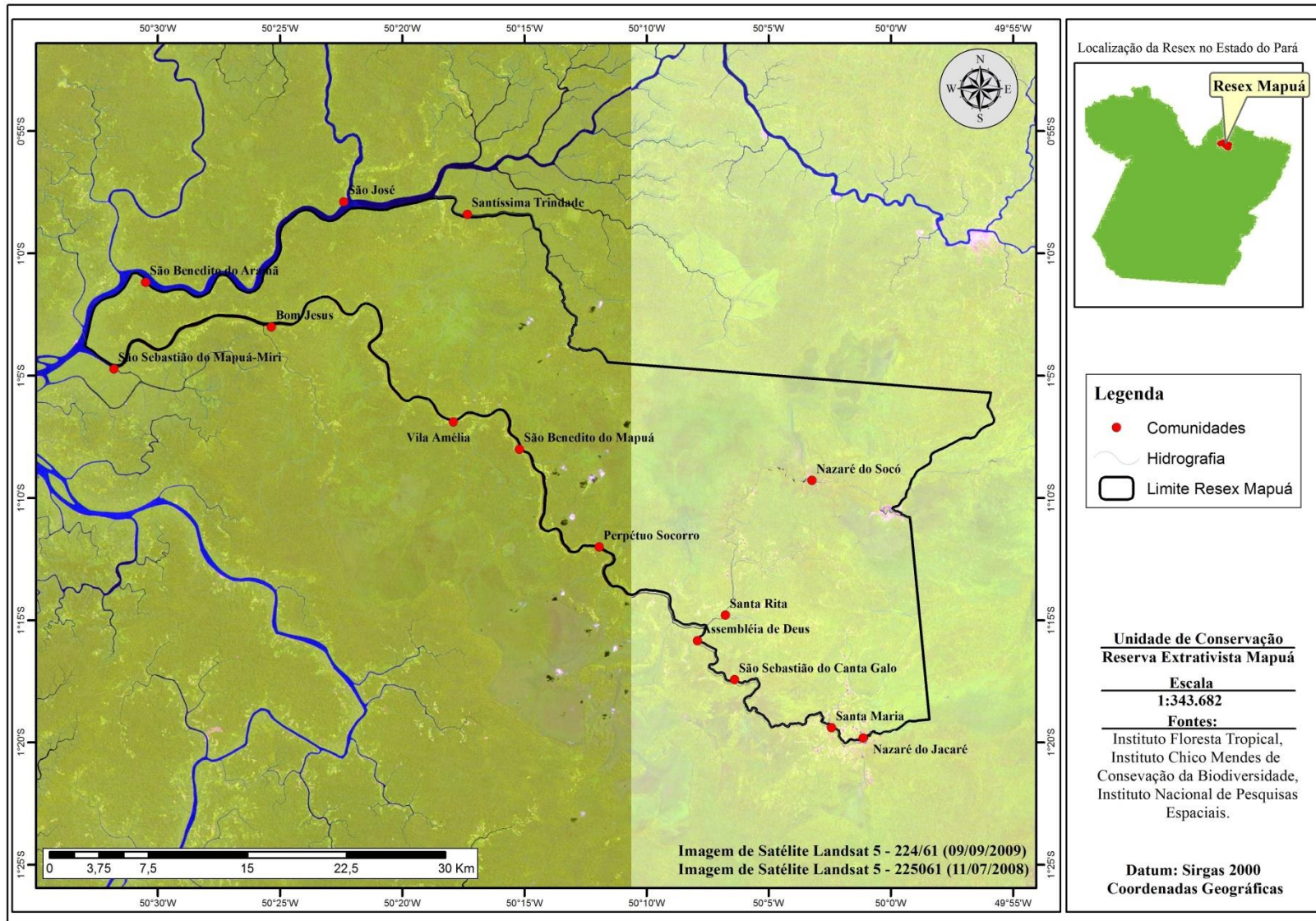
Enfim, fui sabendo aos poucos alguns nomes de parteiras, de igarapés e furos¹ da RESEX; e claro, fui falando da pesquisa e da minha vida.

Após um longo caminho desde a cidade de Breves, percorrendo os rios Parauaú, Macujubim e o Furo Jaburu, o navio entrou nas áreas da RESEX pelo Rio Aramã. Durante a viagem, a voadera² anexa ao barco, ia pegando passageiro de todos os povoados por onde passava. Depois de dez (10) horas de viagem, observando a paisagem e sentindo os ares dos povos marajoaras, cheguei ao meu destino (VER FIGURA 1). A primeira casa visitada: a casa do Seu Antônio “Galo” Gonçalves, vice-presidente da AMOREMA e grande conhecedor das medicinas da floresta.

¹ Terminologia local utilizada para referir-se a um canal de água menor que um igarapé, usualmente é um caminho feito pelos residentes com o propósito de fazer atalhos, entradas em pontos estratégicos da floresta ou para separar uma colocação da outra.

² Uma voadera é uma pequena embarcação de metal o de fibra de vidro, com motor capaz de alcançar altas velocidades.

Figura 1. Mapa de localização da Reserva Extrativista Mapuá, Município de Breves, Ilha do Marajó, Pará.



FONTE: IFT, ICMBio, INPE. Modificado pela autora.

CONHECENDO AS COMUNIDADES E PROCURANDO AS PARTEIRAS:

Mapeamento comunitário

Na chegada à RESEX, priorizei primeiramente o convívio com a comunidade, tentando me aproximar das pessoas e conhecer mais a sua realidade. Foi fundamental a elaboração de um mapa/croqui com a colaboração dos moradores com quem tive oportunidade de conversar. Inicialmente localizavam algumas comunidades e igarapés relevantes que me poderiam levar a encontrar as mulheres que “pegam nenés” nas beiras dos Rios Mapuá e Aramã. Depois foram acrescentando outras informações devido à importância que representa para eles, por exemplo, foram sinaladas igrejas católicas, algumas escolas, serrarias e cemitérios.

A elaboração do mapa/croqui começou na Casa Familiar Rural (CFR), com a colaboração de estudantes, professores, administrativos e outros funcionários. Após, foi-se acrescentado informações e locais no andamento do trabalho de campo, modificando-se com a participação de membros das diferentes casas visitadas. Um aporte fundamental foi realizado pelas próprias parteiras, que indicaram a localização de outras colegas nas proximidades.

O resultado do mapeamento comunitário se apresenta a seguir com algumas modificações de formato em relação ao resultado final no campo. Pode-se observar a localização das comunidades da RESEX, de cada uma das parteiras que participaram da pesquisa, de algumas escolas, cemitérios e serrarias de relevância para os moradores (VER FIGURA 2).

Figura 2. Mapeamento comunitário da Reserva Extrativista Mapuá, Breves, Ilha do Marajó, Pará.

Este método participativo representa uma forma de integrar os conhecimentos dos moradores das comunidades, tentando compreender as instituições, pontos de referência e localização dos pontos de relevância para eles. Representa um instrumento importante para a identidade deles como povo, além de que facilita informação para pessoas que desconhecem o território, que estejam em visita e para futuras pesquisas, por exemplo.

Gorayeb et al (2015) ressaltam que a importância deste método consiste em que “um grupo não pode ser compreendido sem seu território, no sentido de que a identidade sociocultural das pessoas está, invariavelmente, ligada aos atributos da paisagem”. Neto et al (2016) comentam que a elaboração de um croqui ou o mapeamento comunitário não é só uma ferramenta fundamental para que a comunidade participe ativamente na caracterização espacial de territórios, levando em conta os seus vínculos ancestrais e simbólicos, mas que permite ir além, visualizando e valorizando o conhecimento presente no território.

Considero esse mapeamento como um convite para o povo da RESEX Mapuá de se inserir no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCS)³ que visa, desde uma perspectiva interdisciplinar, contribuir com os povos e comunidades tradicionais na construção de representações sócio-espaciais frente a conflitos e dificuldades ligadas à garantia de direitos sobre seus territórios (DA COSTA-LIMA e GAYOSO-DA COSTA, 2012). O mapa construído junto com as comunidades do Baixo e Médio Mapuá é o primeiro esboço de autorepresentação coletiva desse território.

As informações contidas no mapa/croqui, permitiram-me procurar as minhas interlocutoras nas comunidades do Baixo e Médio Mapuá⁴. Entrevistei um total de oito (8) parteiras, numa faixa etária entre 48 e 78 anos e a partir dessas informações esbocei um perfil de cada uma delas. Foram entrevistados interlocutoras e interlocutores-chave da RESEX como: suas vizinhas, comadres e familiares na busca de informações referentes ao papel das parteiras na vida dos moradores dos mencionados espaços. Posteriormente selecionei a parteira mais mencionada durante estas

³ Mais informação sobre o Projeto em <http://novacartografiasocial.com/>

⁴ Os moradores da RESEX Mapuá consideram o Baixo Mapuá como aquele território nas beiras do Rio Mapuá que abrange desde a boca dos rios Mapuá e Aramã, até o início da comunidade conhecida como Vila Amélia, onde se encontra a Igreja Nossa Senhora das Graças. Inclui as Comunidades São Sebastião e Bom Jesus. O Médio Mapuá abrange o território desde o começo da Vila Amélia até o final da Comunidade Perpétuo Socorro. Ver FIGURA 1 e FIGURA 2.

entrevistas e conversas informais: Joana Ferreira do Nascimento. Com ela experimentei uma aproximação mais prolongada, aprofundando-me na sua história de vida e no seu ofício através do convívio.

As parteiras são identificadas neste trabalho por seus nomes reais primeiramente com a devida autorização e depois cumprindo seu desejo de ser visualizadas como mulheres com um papel fundamental na saúde das famílias das comunidades aonde atuam. Considero este aspecto de suma importância, dando relevância ao saber por elas praticado, sem julgamentos.

Nas palavras do antropólogo Clifford Geertz (2001) buscando revelar a “hermenêutica cultural”, “compreendendo o entendimento dos personagens”, conhecendo o conjunto de signos que envolvem ser parteira nestas comunidades por meio de uma “descrição densa” dos elementos que compõem este ofício. Busquei a compreensão “do outro” nos seus próprios marcos de percepção. Foi vivenciando e escutando parte das formas, histórias e simbolismos na arte de fazer partos neste canto da mística Ilha do Marajó, que consegui ter uma aproximação da racionalidade desses saberes e colocar-lhes neste trabalho de maneira que estejam disponíveis para a sociedade.

MAIS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Busquei conhecer as histórias de vida destas parteiras, para reconstruir uma “história dentro da história” (GEERTZ, 1961), revelando as situações que algumas delas passaram e passam no contexto específico em que vivem: de populações tradicionais amazônicas, historicamente desfavorecidas e isoladas geográfica e politicamente. Assim como o Mintz (1956) se apoiou nas histórias de vida do Taso para uma análise dos acontecimentos na vida dos porto-riquenhos nas plantações de cana, estudar as histórias de vida das parteiras tradicionais pode mostrar as condições que esses grupos sociais -comunidades tradicionais da Amazônia brasileira- enfrentam e como isto se reflete na dinâmica dos saberes e fazeres por elas reproduzidos.

Segundo Viertler (2002) o método de história de vida é um dos mais úteis na coleta de dados para as ciências sociais, por meio do qual “se capta o processo de memória e de reflexão crítica de um ser humano sobre as suas vivências tidas em condições sociais altamente específicas” (2002: p. 15). Para Sebe (2004) as histórias ou trajetórias de vida “são mais do que a entrevista e mais que

uma lembrança arquivada, entendendo que existe uma relação entre memória e visão do mundo que leva a esses indivíduos a projetarem mais que lembranças quando narram”.

Através da aplicação de entrevistas semiestruturadas, propostas por Thiollent (1992), consegui obter relatos e informações aprofundadas sobre a vida dessas mulheres, procurando elaborar um perfil das mesmas e das condições do seu ofício. Esta ferramenta é considerada importante pelo fato de não ser fechada, mas que conta com uma série de elementos para conduzir a conversa. Vierter (2002) descreve a importância destas entrevistas mais livres: “quanto mais o informante é deixado falar por si mesmo, mais nos deparamos com a sua própria visão e inserção no mundo, bem como das transformações nele contidas” (2002: p. 12).

No trabalho em campo, foram aplicadas entrevistas nas casas das parteiras, permitindo-lhes uma liberdade de expressão sem se limitar pela presença de terceiros. O uso de roteiro ou “check-list” foi importante para não esquecer perguntas norteadoras e relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa, no entanto foi utilizado como um apoio flexível, permitindo-lhes destacar aspectos e situações que elas considerassem pertinentes (Apêndice 1). Foi importante levar em conta os horários mais convenientes, as distâncias por percorrer e os meios de transporte disponíveis.

Durante todas as visitas, e mais amplamente na casa da Dona Joana, foi utilizado o método conhecido como observação participante. Malinowski (1978) caracterizou este método como fundamental para a pesquisa antropológica do ponto de vista de que a imersão no cotidiano de uma outra cultura permite observar comportamentos, situações e fatos que não aconteceriam ou seriam alterados se estivesse alguém considerado estranho no espaço. A partir da visão do Geertz (1978), essa imersão é um modo de reduzir a estranheza recíproca, para conseguir elaborar descrições densas. O autor destaca que na busca pelo entendimento de uma cultura, não podemos esquecer que o resultado não é mais que “nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem” (ÍDEM: p. 25).

Nesta perspectiva, conviver com as parteiras fez com que a proximidade permitisse construir uma confiança que admitiu maior abertura e acesso a informações mais íntimas sobre seus saberes, práticas e os significados delas. Ao participar do seu dia a dia e interagir com seu universo de núcleo familiar captava suas particularidades, sua racionalidade e refletia por meio dessas observações.

Segundo Becker (1994) nos colocarmos como observadores na vida da comunidade permite ver, ao longo de certo período de tempo, o que as pessoas normalmente fazem enquanto realizam seu conjunto diário de atividades. Foi esboçado o relato completo de todas as experiências observadas, tentando não perder detalhes importantes para depois analisar cada uma dentro dos limites dos objetivos da pesquisa.

Utilizei outro roteiro para observação do cotidiano para conduzir o olhar e enxergar aquilo que se tinha como objetivo, mas me permitindo apreciar outras situações e não somente aquilo que tinha em mente (Apêndice 2). Isto guiou o procedimento de coleta de dados, percebendo as paisagens, os espaços, as relações de conflito ou amizade, assim como outras dinâmicas socioculturais e econômicas nas quais as parteiras estão inseridas.

Permaneci atenta, descobrindo, admirando e “com caderno em punho e olhos atentos” como indica Fleischer (2006). Assim como esta pesquisadora brasileira com vasta experiência em relatos sobre parteiras tradicionais no Brasil, registrei reações, perspectivas e sensações durante a permanência em campo utilizando caderno de campo e registros fotográficos e fonográficos com as devidas autorizações.

Soares e Suzuki (2009) destacam o uso do gravador de voz como fundamental para registrar trabalhos de história oral, particularmente em histórias de vida dos sujeitos das comunidades em foco. Das oito (8) parteiras entrevistadas, todas autorizaram fotografar e sete (7) permitiram o registro da sua voz; interlocutores como vizinhos, familiares e pessoas próximas das mesmas deram permissão para fazer ambos os registros mencionados.

Fixei momentos por meio de fotografias com o fim de obter imagens do cotidiano que ajudassem, posteriormente, na análise mais aprofundada dessa realidade. É importante destacar que este trabalho é um estudo de cunho etnográfico, e que a incorporação da fotografia considera-se uma ferramenta de análise, ou seja, utiliza a fotoetnografia como um apoio (BONI E MORESCHI, 2007).

A Fotoetnografia ou Etnofotografia contribui de maneira importante no registro de saberes e práticas em comunidades tradicionais (BONI E MORESCHI, 2007; SOARES e SUZULI, 2009), além da sua relevância como ferramenta que facilita a circulação-divulgação de informação (RIBEIRO, 2005).

Lévi-Strauss, etnólogo francês, foi um dos precursores do uso da imagem fotográfica nas pesquisas etnológicas com povos indígenas no Brasil. Ele destaca:

“Vivia nas minhas expedições uma experiência totalmente nova. Era um tema que me encantava sobre o qual era preciso guardar os vestígios. A foto então se impôs como uma evidência. De maneira geral, no plano etnográfico, a fotografia constitui uma reserva de documentos, que permite conservar coisas que não se poderão mais rever.”

(Lévi-Strauss in Garrigues, 2000; apud Achutti, 2004, p. 2)

A fotografia é utilizada neste trabalho como instrumento para ilustrar e estudar a paisagem, as pessoas e os elementos; além de transmitir sensações nos espectadores a partir da apreciação daquela imagem. As palavras de Pierre Verger, com respeito ao propósito do registro e interpretação dos materiais visuais, destaca-se:

“A fotografia permite ver aquilo que não se tem tempo de ver, porque ela fixa o instante. Eu diria ainda mais, ela memoriza, ela é a memória [...] O milagre é que esta emoção, que emana de uma fotografia, testemunha um fato que foi fixado sobre um instantâneo e que vai ser sentido por outras pessoas, revelando assim um fundo comum de sensibilidade, frequentemente não expressa, mas é revelador de sentimentos profundos quase sempre ignorados”.

(VERGER apud ACHUTTI, 2004: p. 4).

A partir das fotografias obtidas em campo, foram selecionadas as imagens mais representativas do ponto de vista dos objetivos da pesquisa. Foram retratadas as oito parteiras entrevistadas, que aceitaram e autorizaram os devidos registros. As fotografias foram escolhidas destacando as suas formas de vida, relações sociais, casas e espaços frequentados, assim como dos atendimentos e eventos relacionados com a transmissão de saberes e acompanhamento durante a gestação.

Foram também registradas com gravador de voz a maioria das entrevistas, algumas conversas informais e atendimentos das parteiras, tendo a possibilidade de re-escutar os relatos compartilhados em distintos momentos. Soares e Suzuki (2009) mencionam a importância do uso

conjunto dos áudios e fotografias tentando re-construir, a partir da interpretação das falas e imagens, o contexto das cenas e conversas.

Tendo as informações por meio dos procedimentos metodológicos acima descritos, elaborei uma etnografia sobre os saberes tradicionais, com uma abordagem etnoecológica do conjunto K-C-P (TOLEDO E BARRERA-BASSOLS, 2015). Este se baseia na compreensão da natureza dos saberes locais a partir do entendimento da complexa inter-relação entre as crenças, os conhecimentos e as práticas. Estes três grupos de elementos são nomeados por eles como: universo de crenças e cosmologias ou *cosmos*, sistema de conhecimentos ou *corpus*, e as práticas ou *práxis*; o conjunto de interpretação K-C-P.

Os resultados da pesquisa estão estruturados em quatro capítulos: o primeiro de cunho etnográfico descrevendo o locus da pesquisa; o segundo, de natureza etnofotográfica expondo o perfil das parteiras e caracterizando as condições do ofício; o terceiro, de caráter etnoecológico retratando o conjunto K-C-P; e por último, uma etnografia da história de vida de uma das parteiras.

CAPÍTULO I: CONTEXTO GEOGRÁFICO E ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DA REGIÃO EM ESTUDO

O *locus* da pesquisa se localiza no Município de Breves, na Ilha do Marajó, Estado do Pará. O Arquipélago de Marajó é um conjunto de ilhas com uma extensão total de 49.606 km², sendo a maior ilha fluviomarítima do mundo (COSTA, 2015). Conta com 16 municípios e é considerada uma região rica em termos de recursos hídricos, biológicos e arqueológicos. A Mesorregião Geográfica do Marajó conta com uma população total de 467.822 habitantes com uma densidade demográfica de aproximadamente 4,05 habitantes/km². Infelizmente é a região mais pobre do Estado do Pará junto com a região do Tapajós (IBGE, 2009).

Assim como muitos lugares da América Latina, a zona possui uma história que revela intensas mudanças desde a chegada dos europeus no território. Pacheco (2010) relata que ao chegar ao Marajó, os portugueses tiveram um encontro conflitivo com o grupo indígena denominado os Mapuás, sendo que os representantes religiosos dos colonizadores submeteram os nativos a se reorganizar por meio de missões religiosas por eles dirigidas. Os Mapuás resistiram com enfrentamentos armados, fechando rotas de passo para os europeus porém, conforme as missões avançavam, iam conseguindo livre passo pelo Arquipélago (ÍDEM).

A região foi-se transformando com os diferentes processos de exploração de recursos na Amazônia. Dentro deles provavelmente o mais marcante foi o ciclo da borracha, onde o território sofreu modificações demográficas importantes devidas ao deslocamento de populações do sul e nordeste do Brasil para esta região. Com o objetivo de trabalhar nos seringais na extração de látex, o governo mobilizou mais de 60 mil pessoas na chamada “Batalha da Borracha” (NECES, 2004).

Os marajoaras não escaparam das influências das mudanças que essas políticas provocaram. Martins et al (2010) mencionam que após o ciclo da borracha, depois do abandono político dessas populações, a indústria madeireira e os chamados “patrões madeireiros” tomaram controle dos recursos naturais e grande quantidade de terras no arquipélago se concentraram nas mãos dos empresários. Estes se autodenominaram “donos dessas terras”.

Em Breves, nas proximidades do Rio Mapuá, desde o final do século XIX aconteceram fortes conflitos entre ribeirinhos, o Estado e os empresários do ramo madeireiro. Os impactos ambientais e econômicos na região começaram a se observar e o povo dos rios Aramã e Mapuá começou a despertar (ALVES et al, 2014).

A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA RESEX MAPUÁ

A RESEX Mapuá está localizada no município de Breves ao sudeste da Ilha de Marajó no Estado do Pará, Brasil. Limita-se ao nordeste com os municípios de Anajás e São Sebastião de Boa Vista, e ao sudeste com o município de Curralinho. Ao sul e sudoeste limita-se com o município de Breves, sendo separados pelo Rio Mapuá. Ao noroeste com o município de Anajás sendo eles divididos pelo Rio Aramã.

Durante o trabalho de campo, escutei relatos dos residentes descrevendo o processo para conseguir a formação da RESEX. Por eles chamadas as “Revoltas do povo do Mapuá” foram importantes acontecimentos históricos de luta pela criação e defesa dos direitos do território. Cabe colocar que, nas décadas de 1970 e 1980, o município de Breves se colocava como o quinto maior produtor de madeira em tora do Estado do Pará. Os madeireiros concentravam grandes extensões de terra, incluindo sua instalação no Distrito de São Miguel, onde fica localizada atualmente a Reserva Extrativista Mapuá. Esta foi uma época de devastação de recursos naturais na região (JUCÁ et al, 2015).

Até a década dos anos noventa, existiu no território uma condição de trabalho de patrão-obreiro, na qual se estabelecia que qualquer produto extrativista devia ser vendido para os donos das empresas madeireiras São Félix, Madeireira Exportadora e a Madeireira Santana (JUCÁ et al, 2015). Essas figuras eram chamadas de barões, patrões ou donos. Nas margens do Rio Mapuá eram de duas famílias: os Nascimento e os Félix. O senhor Antônio Joaquim Nascimento, natural do estado do Ceará, era dono das áreas da beira sul do Rio Mapuá; enquanto o patrão da beira nordeste do rio era o senhor Constantino Félix, de origem portuguesa, que ao morrer deixou o poder para o seu filho Sebastião Félix.

Em 1995 aconteceu a primeira das revoltas. Nas cabeceiras do Rio Mapuá⁵ foi organizada uma mobilização com embarcações e trabalhadores extrativistas junto com suas famílias, acompanhados do Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) do Município de Breves. Eles transportaram várias toneladas de madeira até a boca do Rio Mapuá, exigindo o direito de vender os produtos extrativistas por seus próprios meios e não entregar para os respectivos patrões. Contam que foram armados e dispostos a enfrentar-lhes. Nessa ocasião não teve enfrentamento e eles conseguiram, a partir deste momento, desfazer este condicionamento.

A luta continuou quando, no ano 1999, uma empresa de capital chinês com o nome de ECOMAPUÁ chegou ao território comprando as terras da família Félix. A companhia propôs em 2001, a criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável Particular, colocando várias restrições para as populações locais (COSTA, 2015). A partir desta situação, em 2002, um grupo organizado de residentes do território, apoiados novamente pelo STR de Breves coletaram assinaturas nas comunidades e solicitaram a criação da RESEX à Brasília para evitar a privatização dos bens neste território.

Cabe ressaltar o nome de três lideranças nesta luta: os senhores Antônio Ferreira Gonçalves-conhecido como *Seu Galo*-, Aluizo Farias Martins-conhecido como *Lula*- e Raimundo Pinto Alves. Eles articularam o movimento e fizeram o chamado da população solicitando apoio para pressionar as autoridades, conseguindo a declaração do território como Unidade de Conservação (UC), na categoria de Reserva Extrativista (RESEX).

Como consequência desta luta social foi criada a Reserva Extrativista Mapuá, a partir do Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2005. A área total da UC é de aproximadamente 94.463,93 ha (BRASIL, 2005) formando parte do Bioma Amazônia Brasileiro (PINTO, 2008). A RESEX é gerida pelo Conselho Deliberativo (CD) que está constituído por órgãos públicos, organizações da sociedade civil, organizações não governamentais (ONGs) e as populações tradicionais residentes no território. A presidente ou chefe do CD, representante do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é a Eng. Nayane Soares de Meneses. Também forma parte do CD: representante da AMOREMA e da ONG Instituto Floresta Tropical (IFT).

⁵ Os moradores se referem nas cabeceiras do rio aos territórios que abrangem as comunidades do Alto Mapuá: desde a Assembleia de Deus (conhecida com Assembleia de Deus de Canta Galo) até a o final da Nossa Senhora de Nazaré do Jacaré (conhecida como Nazaré do Lago do Jacaré).

Em novembro de 2005, o ICMBIO articulou a criação da AMOREMA, com sede na Comunidade Bom Jesus. Atualmente o presidente e vice-presidente são respectivamente: Benedito Charles da Silva Almeida e Antônio “Galo” Ferreira Gonçalves. Esta instituição surgiu com o principal objetivo de articular decisões sobre atividades e projetos que busquem melhorar as condições de vida dos moradores da RESEX. AMOREMA é responsável pela administração do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e do Projeto Sanear Amazônia⁶ dentro da RESEX.

Dentro da RESEX Mapuá vivem aproximadamente cerca de 4500 pessoas, distribuídas nas diferentes dezoito (18) comunidades nas margens dos rios mencionados (ver FIGURA 2). Delas, são oficialmente registradas pelo ICMBio, IFT e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais somente quatorze (14) comunidades devido, segundo informantes da AMOREMA, a falta de interesse ou dificuldades para assistir as reuniões do CD (Ver FIGURA 1).

No Rio Aramã se encontram as Comunidades Assembleia de Deus do Aramã, São Sebastião do Aramã e São José. A Comunidade Santíssima Trindade está no rio chamado Aramã Grande, braço do Rio Aramã. Subindo no sentido das cabeceiras do Rio Mapuá, primeiramente se encontra a Comunidade São Sebastião do Mapuá, seguida da Comunidade Bom Jesus. Essas duas comunidades constituem o chamado Baixo Mapuá. Continuando o percurso, encontra-se Comunidade Vila Amélia onde está a Igreja Nossa Senhora das Graças; depois a Comunidade São Benedito e seguidamente a Comunidade Perpétuo Socorro; estas três formam o chamado Médio Mapuá. O presente trabalho teve como *locus* o Baixo Mapuá e a comunidade São Benedito do Médio Mapuá.

⁶PNAE consiste na oferta da alimentação escolar e de ações de educação alimentar e nutricional à alunos de toda a educação básica matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias (conveniadas com o poder público). Para conhecer mais sobre o programa consultar <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/alimentacao-escolar/>

O Projeto SANEAR tem o objetivo de promover acesso à água para o consumo humano em comunidades extrativistas da Amazônia, por meio da disponibilidade das tecnologias sociais Sistema de Acesso à Água Pluvial Multiuso Comunitário e Sistema de Acesso à Água Pluvial Multiuso Autônomo. Informação em <http://memorialchicomendes.org/projeto-sanear-amazonia/>

Ao chegar à comunidade Assembleia de Deus do Mapuá, o rio se bifurca em dois braços: um deles é conhecido como Rio Cumarú, onde estão as comunidades Santa Rita e Nazaré do Socó; o outro braço que chega até as cabeceiras do rio é conhecido como Rio Canta Galo, neste se encontram quatro comunidades: São Sebastião do Canta Galo, Santa Maria, Perpétuo Socorro de Canaticum e Nazaré do Jacaré (conhecida também como Nossa Senhora de Nazaré do Lago de Jacaré). O território identificado como Alto Mapuá abrange as comunidades que estão no Rio Canta Galo, desde a comunidade Assembleia de Deus do Mapuá até o final da comunidade Nazaré do Jacaré (Ver FIGURA 2).

A VIDA NO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ: uma breve caracterização

Na busca de uma mais ampla compreensão da realidade que envolve a prática de ser parteira tradicional neste território, foi necessário descrever o cenário, analisar as paisagens e contextualizar ao leitor sobre o tempo-espaço onde elas se desenvolvem. Segue uma descrição de vários aspectos que são considerados relevantes na análise deste trabalho.

As colocações e casas

As colocações⁷ estão distribuídas ao longo das margens dos rios Aramã e Mapuá, assim como nas beiras dos seus braços. Usualmente são separadas umas das outras por meio de igarapés ou furos do rio. A maior parte das casas foi construída pelos residentes e a sua família, porém existem algumas que foram doadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que contava com equipe de trabalho para a construção das mesmas. As moradias são construídas com diversos tipos de madeira; algumas delas têm telhado de palha de babaçu (*Attalea speciosa*), outras são cobertas com telhas de fibrocimento (“Brasilit”) ou uma combinação das duas.

A paisagem típica é formada por casas rodeadas de palmeiras de açaí na frente do rio, com uma ponte ou trapiche na entrada. Em muitas casas se tem criação de galinhas e patos, assim como

⁷Na reserva se fala sobre “colocações” referindo-se ao espaço ocupado por cada família incluído casa, terreiro ou quintal, área de floresta manejada e área de floresta não manejada.

“canteiros elevados” com cebolinhas, couve, pimentas e algumas plantas medicinais. Individualmente, cada casa tem a sua forma única, porém seguem um padrão de distribuição. Em sua maioria contam com um número pequeno de quartos (de dois a três), uma cozinha do lado de um jirau⁸ e uma área em comum onde usualmente são colocadas as redes para dormir à noite ou descansar à tarde. As casas contam com uma área que as circunda, chamada de terreiro ou quintal onde estão algumas plantas medicinais, árvores frutíferas e os animais de criação.

Figura 3. Paisagem típica da Reserva Extrativista Mapuá. Elementos dentro da imagem: (1) Casa; (2) Casa de farinha; (3) Pés de açáí; (4) Canoa.

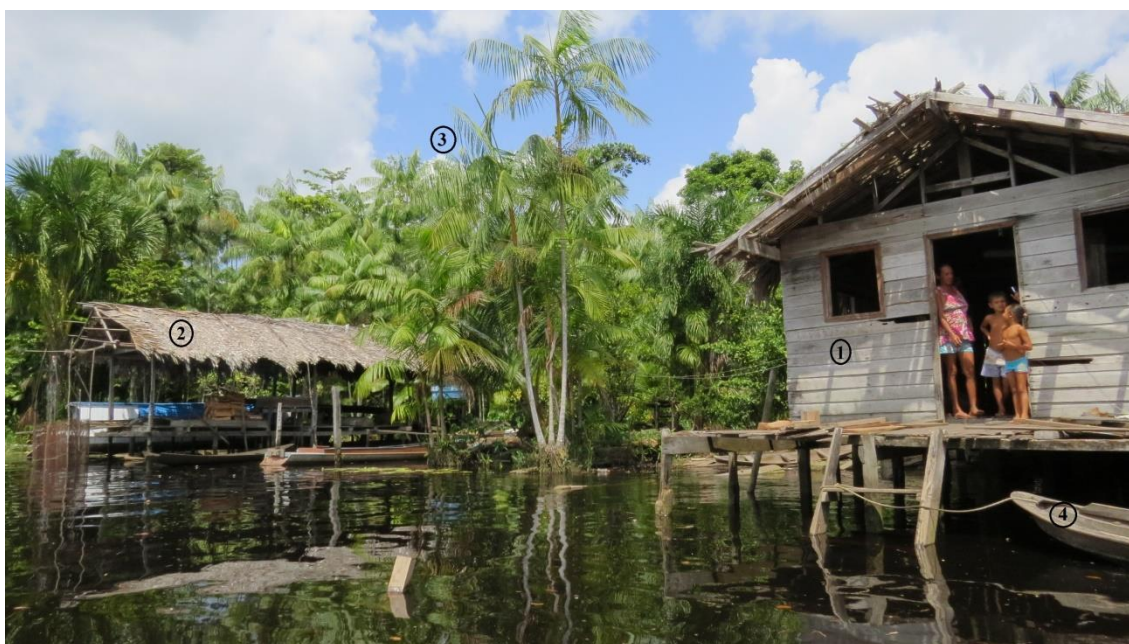


FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Como se observa na figura 3, do lado da casa (1) se localiza a “Casa de Farinha” (2) onde se processa a tradicional farinha de mandioca. Em outras colocações este espaço fica do lado de trás da casa principal. Identificam-se na paisagem no redor da casa os pés de açáí (3), e o meio de transporte: canoa neste caso (4) amarrada à estrutura de entrada da casa; se observa a paisagem do rio circundando a casa.

⁸Estrutura anexa à cozinha onde se lava louça e acostuma-se secar utensílios como panelas e pratos. Aqui se preparam as carnes e outros alimentos antes de ser cozidos.

As águas do Rio Mapuá

A água do rio é utilizada, na maior parte das casas para todos os propósitos. O Projeto Sanear está instalando sistemas de recolecção de água de chuva em cisternas em múltiplas moradias ao longo do rio. Para o tratamento da água para consumo, em algumas ocasiões utilizam hipoclorito, no entanto, na maioria dos lugares visitados se bebe diretamente água do rio sem tratamento nenhum.

A zona do Baixo Mapuá se caracteriza por ter as suas "águas pretas", de cor marrom escuro, um pouco avermelhadas; enquanto no Alto são encontradas as "águas brancas", mais claras e frias segundo os relatos. A dinâmica do rio é influenciada fortemente pelo fenômeno da enchente e da vazante modificando-se segundo a hora do dia e a época do ano. Segundo os depoimentos dos residentes, durante a época seca na região do Baixo Médio Mapuá o volume das águas diminui, mas não deixa de ser navegável; já no Alto Mapuá durante o verão se consegue caminhar pelo espaço onde passa o rio no inverno.

Pereira (2007) ressalta a importância desta sazonalidade como reguladora de ciclos de vida da biota local e, portanto, das oportunidades de subsistência disponíveis para populações humanas que vivem nestes espaços. Nas comunidades do Rio Mapuá, esta dinâmica faz com que elas tenham que criar estratégias de planificação próprias de cada localidade, as quais implicam adaptações nas atividades e aos recursos que estes ritmos provêm. Por exemplo, no caso da agricultura na RESEX Mapuá durante a época seca ou verão, é mais frequente pescar e trabalhar na preparação das roças para plantio.

Assim, essa dinâmica das águas influencia no dia a dia dos moradores da reserva, independentemente do ofício, já que a enchente e a vazante, são determinantes nas decisões da trasladação dos mapuaenses. Como foi explicado por um dos residentes da reserva: "*quando está enchendo, as águas sobem, vão na direção das cabeceiras do rio; quando seca elas descem e vão pra boca do rio*". Eles aproveitam os movimentos das águas para usar menor quantidade de combustível e menos tempo de viagem.

Serviços de saúde

Existe uma falta de infraestrutura e pouca disponibilidade de serviços básicos de saúde dentro da reserva. No Baixo Mapuá, se conta com um único posto de saúde para atendimento público na Vila São Félix, na boca do Mapuá (Figura 2). Foi informado por vários moradores que

nele, poucas vezes se tem os materiais necessários e conta com pouco pessoal capacitado para o atendimento de emergências e intervenções ambulatoriais.

“Só quando um problema assim é pequeno... questão de estômago, uma dor leve, uma diarreia, aí procura o posto. Quando a gente já sabe que é um problema mais grave a gente corre em Breves, mas quando é um golpe ou uma coisa não muito grave, vai para o posto... se tem sorte eles atendem [...]”

CÁNDIDA, 49 anos. Moradora da RESEX Mapuá. Comunidade de Bom Jesus.

Na sede da AMOREMA, desde o ano 2011, existe a infraestrutura para ter um posto de saúde, no entanto, nunca foi inaugurado devido a dificuldade de contratação de um técnico de enfermagem. O local, no momento das visitas de campo (julho-agosto 2016) estava sendo utilizado pela AMOREMA como depósito de material do Projeto SANEAR. Nas regiões do Médio e Alto Mapuá, existe um posto que, segundo os residentes, cujo atendimento oferecido cumpre com as necessidades básicas de pronto socorro.

Existem dentro da RESEX Mapuá duas representações no que se refere à saúde: A Pastoral da Criança (PC) e o Agente Comunitário de Saúde (ACS). A PC é um grupo católico construído por residentes da RESEX que oferecem serviços de saúde comunitária como educação sobre alimentação sadia, controle de peso e valoração do estado nutricional de crianças. Infelizmente, esta instituição debilitou-se por falta de recursos econômicos e infraestrutura para os atendimentos, porém existe ainda a representante do grupo que mora próximo à Comunidade São Sebastião do Mapuá Miri: a senhora Ginete, esposa do senhor Janarí Gonçalves.

O ACS forma parte da equipe de trabalho do Programa Saúde da Família (PSF)⁹, e a sua função principal é ser o vínculo entre a comunidade e os serviços de saúde (BRASIL, 1997). Idealmente, ele participa ativamente “na criação de ambientes favoráveis à saúde, à ação nos domicílios, no desenvolvimento de habilidades individuais para o autocuidado e na mobilização comunitária” (ARAÚJO E ASSUNÇÃO, 2004: p. 19). O ACS, no Baixo Mapuá, embora exista, não faz acompanhamento nas comunidades sendo a assistência limitada e as vezes nula.

⁹PSF forma parte de uma estratégia implementada a partir de 1993 por parte do Ministério da Saúde que busca promover a organização de atividades relacionadas com a saúde de um território definido com o objetivo de proteger a saúde de indivíduos, da família e da comunidade por meio de uma equipe de trabalho. Procura criar vínculos de corresponsabilidade entre a população e os profissionais da saúde. Para um aprofundamento maior, procurar o documento do Ministério de Saúde, 1997.

Os recursos de saúde pública com os quais os residentes deste território contam são limitado, todavia, seu amplo e complexo conhecimento dos elementos naturais utilizados define o seu sistema etnomedicinal. As crenças de caráter mágico-religioso e os saberes da medicina tradicional influenciam diretamente em suas práticas. Nas beiras do Rio Mapuá, existem personagens que vivem esses conhecimentos e se transformam com eles. As parteiras são guardiãs desses saberes, tanto da medicina da família em geral, quanto sobre a assistência às mulheres durante a gestação, o parto e o pós-parto.

Os nascimentos que acontecem neste território, assim como em outras comunidades tradicionais geograficamente isoladas no Brasil, se realizam com pouca ou nula atuação do Sistema Único de Saúde (SUS). A grande maioria desses partos é assistida por parteiras tradicionais que, em muitas ocasiões, não contam com as condições necessárias para um bom atendimento. Por exemplo, é comum que não tenham as ferramentas básicas, nem possibilidades financeiras de encaminhar, em caso de risco ou emergência, à algum centro médico próximo (BRASIL, 2010).

As enfermidades mais comuns na reserva são: malária, gripe, febre e pressão alta; mas existe uma grande necessidade de primeiros auxílios por situações de picaduras de animais peçonhentos e acidentes de trabalho nas unidades produtivas (JUCÁ, 2015). Nesses casos, a pessoa afetada deve viajar até a cidade de Breves para ser atendida, percurso que demora no mínimo dez (10) horas, levando muitos a falecer no caminho até este lugar.

Alimentação

A cultura alimentar dos moradores da RESEX Mapuá está baseada em produtos que provêm da agricultura local, alguns frutos e animais extraídos da floresta, do rio e de diversos industrializados. O fruto e palmito do açaí, a farinha de mandioca, o peixe e várias caças são elementos que dificilmente se ausentam na merenda-almoço e janta destas comunidades. Encontrase na mesa dos mapuaenses produtos como café, açúcar, leite em pó, biscoitos de trigo, manteiga, margarina, óleo de soja e sal. Estes são usualmente adquiridos em pequenos comércios ao longo da RESEX, na cidade de Breves ou são comprados aos barqueiros que se dedicam à este negócio. Estes comerciantes vêm de diferentes regiões da ilha e popularmente são conhecidos como “Marreteiros” ou “O Regatão”. Estes fazem o percurso do rio todo durante a semana oferecendo os produtos de casa em casa, alguns vendem peixe salgado, camarão e queijo de búfala.

Existem algumas casas que contam com “freezers”, onde os alimentos perecíveis como carnes, queijos e o açaí batido são armazenados. As famílias que não possuem esse recurso utilizam o sal e a salmoura¹⁰ como conservantes. Cabe destacar que na maioria das famílias visitadas, os “freezers” e batedeiras de açaí foram obtidos por meio do INCRA.

O açaí nestas comunidades tem múltiplos significados “indo desde seu uso cotidiano enquanto alimento cercado de múltiplas prescrições, até a construção da identidade regional, passando pelo consumo como motivo estético amplo (música, poesia, crônica, paisagismo, cor), na edificação de instalações provisórias, na medicina tradicional, dentre outros” (XIMENES, 2013). No Mapuá é um elemento que acompanha todas as refeições, sendo o principal alimento das famílias, igualmente àquelas populações do baixo Amazonas (NAVEGANTES-ALVES et al., 2015). É servido em tigelas de alumínio e usualmente consumido com farinha de mandioca e, em ocasiões, com açúcar.

Os mapuaenses fazem de três a quatro refeições diárias. A primeira refeição é o café da manhã que começa entre as 6 e as 7 horas, tendo café com açúcar acompanhado de bolacha de sal e manteiga ou margarina. Perto das 11 horas é servida a “merenda” ou almoço, onde é oferecido -sem dúvida- açaí, alguma proteína animal e farinha de mandioca. Pela tarde costumam tomar um café com pão. À noite, a janta consiste em açaí, farinha e alguma proteína animal, o prato é similar à merenda mas em maior quantidade.

Os pratos são preparados na área da cozinha e no jirau. Elaborados usualmente pelas mulheres da casa no fogão a lenha, e em poucas ocasiões, com fogão de gás. Nesta área se encontra, eralmente, a batedeira de açaí que, pode ser manual ou elétrica em sua maioria.

Nas casas onde se tem uma mesa, o núcleo familiar se senta para comer e conversar sobre os acontecimentos do dia. Quando não se conta com a mesa, a interação durante as comidas acontece de igual forma, mas distribuindo os potes com o alimento no chão e as pessoas sentadas ao redor. É um momento e espaço de intercâmbio e compartilhamento familiar.

¹⁰Preparação de água e sal utilizada para conservar carnes, peixes e verduras.

Figura 4. “A boia”. (1) Batendo açáí para o jantar; (2) Janta familiar: Açáí, farinha e carne de caça; (3) Almoço em família: Açáí branco, camarão e farinha.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Meios de transporte e comunicação

A vida dos ribeirinhos das comunidades visitadas se desenvolve em torno ao rio, aos seus furos e igarapés, sendo o transporte dentro da RESEX exclusivamente hidroviário. As famílias se mobilizam por meio de casco e remo, rabetas com motor, voadeiras e barcos pequenos.

Existem, dentro do território, estabelecimentos familiares que comercializam gasolina e óleo diesel. Esses são levados da cidade de Breves e vendidos a preços mais altos para os moradores da reserva; os preços oscilam de 5 a 6 reais o litro de gasolina.

Para movimentar-se dentro da RESEX a longa distância ou ir à cidade de Breves, as pessoas fazem uso dos chamados “barcos da linha” de nome ASTRO REI e MENINO JESUS. Duas vezes por semana, estes fazem o percurso do centro da cidade de Breves até a Comunidade Santa Rita,

passando pelo Baixo, Médio até chegar ao Alto Mapuá; no dia seguinte ele faz o caminho de volta. Também tem outro “barco da linha” que percorre o Rio Aramá, que passa pela boca do Rio Mapuá e é usado constantemente pelos residentes do Rio Mapuá, para viajar para Breves, pois ele vai em direção à esta cidade todas as tardes. O custo da passagem destes barcos oscila entre os 20 a 25 reais por pessoa.

No que se refere aos meios de comunicação, o serviço telefônico celular é praticamente nulo. Ao longo do percurso pelas regiões do Baixo e Médio Mapuá não se recebe sinal de celular nem internet. Uma das formas alternativas de comunicação que os residentes utilizam se encontra na sede da AMOREMA: o rádio amador. Este é de uso comunitário e funciona para falar com os “barcos da linha” e outras embarcações.

Figura 5. Rabetas e seus motores no trapiche da Casa Familiar Rural de Breves (CFR).



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Atividades produtivas

Trabalhar na roça, na pesca, na extração de madeira, na extração do fruto e palmito do açaí, na criação de animais e na elaboração de farinha de mandioca são as principais atividades produtivas do Baixo e Médio Mapuá. Nas roças trabalham mulheres, homens, adultos e crianças nas diferentes etapas e processos das culturas. Geralmente se planta diversos tipos de mandioca, macaxeira, melancia, milho, abacaxi e jerimum; assim como algumas árvores frutíferas e plantas medicinais.

A produção de farinha é uma atividade onde usualmente participam todos os integrantes da família. Mulheres, homens e crianças participam da elaboração como se observa na figura 6.

Figura 6. Produção em família de farinha de mandioca.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Na área da floresta manejada, trabalham o açaizal, usualmente nas proximidades das casas, sendo o fruto deste o principal produto extraído pelos moradores e moradoras tanto para o consumo quanto para a venda. A época da safra é o período que se dá a maior comercialização do mesmo, começa na metade de junho, aumenta no mês de julho e vai diminuindo até metade de agosto. No entanto, o açaí está na mesa dessas comunidades ao longo do ano. Os extrativistas vendem o açaí na medida de latas¹¹ aos atravessadores, tanto comerciantes individuais como também às chamadas “geleiras” que levam o açaí em barcos com equipamento de refrigeração até as cidades de Breves e Belém.

Figura 7. A safra de açaí do Seu Mussuã.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

¹¹Equivale ao volume de aproximadamente 18 L. Neste recipiente se coloca os frutos de açaí e é considerada a medida para comercialização do mesmo.

A extração de produtos madeireiros também constitui uma atividade importante para a região. Segundo a gestora do ICMBio, existem de 38 a 41 serrarias no território que abrange a RESEX Mapuá. No trabalho feito em campo, se obteve informação sobre alguns destes estabelecimentos, os quais foram assinalados no mapeamento comunitário (Figura 2).

Por outro lado, assim como em outras regiões da Amazônia, a fauna silvestre é a principal fonte de proteína de comunidades rurais que vivem geograficamente isoladas (FIGUEIREDO e BARROS, 2015). A caça é uma das atividades produtivas mais destacadas na reserva, sendo praticada em todas as áreas de floresta não manejada. Veado, cutia, anta, jacaré, catitú, paca, cuandú e preguiça são algumas das espécies consumidas. Em ocasiões durante a caça, vários extrativistas vão acompanhados por cachorros treinados para facilitar a busca de alimento. Utilizam espingarda, machado e algumas armadilhas para esta atividade.

A pesca é mais comum na época da seca, existindo diversidade e abundância variada. Traíra, aracú branco, acarú pintado, jijú, sarapó, acará roxo, acará catitú, intuí terçado, tucunaré, sarda, pescada, mandube, mandíí, piramutaba, jacundá, puraquê e acarí foram alguns dos conhecidos durante a experiência de pesquisa em campo. São praticadas diferentes estratégias de pesca tradicionais, utilizando ferramentas por eles fabricadas, por exemplo: o matapi e o pari.

Figura 8. Comida que vem do rio.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Educação

Gama (2015) relata as condições variadas das infraestruturas escolares na RESEX. O autor identificou quatro (4) tipos de escolas: (1) aquelas com um único compartimento; (2) escolas que funcionam em centros comunitários; (3) aquelas construídas para abrigarem classes multisseriadas; e (4) escolas construídas nos últimos oito anos com melhores instalações. Assinala ainda o preocupante estado de abandono de muitas delas nos aspectos de infraestrutura e continuidade da educação.

Os moradores da RESEX apontaram que a maior parte das escolas está localizada na mesma colocação que a comunidade religiosa ou igreja da zona (ver Figura 2). Foi relatado que nestas instituições se apresenta frequentemente o problema da ausência de professores, o qual acaba prejudicando os estudantes que acabam perdendo ou abandonando o curso por este motivo; questão esta também colocada por Gama (2015). Foi percebido que a população em geral valoriza muito a escolaridade e a considera como importante elemento na construção de melhores condições de vida dos moradores da reserva.

Uma das representações educativas mais valorizadas na região marajoara é a Casa Familiar Rural de Breves, conhecida como CFR. É uma instituição de Ensino Médio que está localizada entre a Comunidade São Sebastião e Bom Jesus e conta com estudantes de vários municípios da ilha. Ela conta com o apoio financeiro da Prefeitura do Município de Breves e oferece aos estudantes a oportunidade de obter um curso técnico em "Manejo de Agrofloresta" o que faz com que eles potencializem os recursos com que contam dentro da reserva.

É uma escola que funciona em regime de alternância, isto é, alterna tempos e espaços educativos diferenciados, conhecidos como Tempo Escola e Tempo Comunidade. Surgiu no ano de 2011 e, desde então, vem pautando o desenvolvimento do meio e a formação integral dos jovens, tendo também como objetivo, promover o desenvolvimento da agroecologia através da pedagogia da alternância. Isto facilita a participação de estudantes de diversas regiões, assim como também estimula os estudantes a pôr em prática os ensinamentos da escola.

É espaço com um ambiente propício para a troca de experiências entre os estudantes, professores e toda a população da reserva. Incentiva-se por meio dela o uso sustentável dos recursos locais, a apreciação dos saberes tradicionais, além da promoção da cultura regional.

Religiosidades, comemorações e artes

A população do Mapuá se caracteriza pelas suas marcadas representações religiosas. Como foi mencionado, as comunidades na reserva são de carácter religioso, tanto católicas quanto evangélicas. No caso das primeiras, a missa é celebrada por um dirigente pela manhã a cada domingo. O padre faz visita uma vez por ano em todas as igrejas e comunidades católicas da RESEX, momento que é aproveitado para fazer casamentos, batizados e tomar bênçãos. Por outro

lado, os praticantes evangélicos ou “crentes”, como são chamados, assistem ao culto aos domingos, sendo este dirigido por um presidente, um pastor ou um dirigente do grupo. Os cultos são acompanhados por música e reflexões sobre passagens bíblicas.

No que se refere as santas e santos católicos, o Município de Breves é devoto da Santa Ana, sua padroeira. O festejo principal se realiza na cidade de Breves no dia 26 de julho de cada ano. As festas mobilizam a população da ilha toda, incluído o povo mapuaense. Durante os dias prévios à festa, os “barcos da linha” saem do Alto Mapuá em direção à cidade de Breves, saturados de devotos de todas as comunidades e lotados de redes penduradas.

Figura 9. Processo de restauração da imagem de Santana para a comemoração do dia 26 de julho na cidade de Breves.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Outra atividade que comemora santos são as festas juninas, especificamente a “Fogueira de São João”. Consiste na elaboração de uma fogueira comunitária, quer dizer, que todos os vizinhos estão convidados a participar. Celebra-se o dia do nascimento do santo e nestas comunidades costumam aproveitar esta data para criar vínculos especiais com pessoas do seu afeto. Duas pessoas participam do ritual, uma pega numa mão um cabo de vassoura, enquanto a outra pega a outra ponta do cabo; no meio delas, a fogueira que representa o fogo da vida e o início de novos caminhos.

Passam de um lado para o outro, cantando e dançando ao som da música junina. Os tipos de vínculos podem ser desde uma madrinha-afilhada, comadre-comadre, dentre muitos outros. Posteriormente ficam conhecidos como “minha madrinha de fogueira”, “minha comadre de fogueira” etc. Infelizmente, segundo as pessoas mais idosas, a tradição está se perdendo nas comunidades visitadas.

No que se refere às expressões das artes plásticas, muitos dos residentes da reserva trabalham os recursos da floresta para a elaboração de artesanatos. Nesta atividade participam tanto homens como mulheres, sendo de qualquer idade, tanto crianças quanto jovens e adultos. Alguns utilizam a palha do buçu-conhecido também como babaçú (*Attalea speciosa*), a tala do arumã (*Ischnosiphon ovatus*) e vários tipos de cipó. Fabricam cestos, paneiros, abanos, peneiras, razas e brinquedos para uso doméstico e para venda. As vassouras de cipó são comuns nas casas, assim como abanos de arumã nas cozinhas a lenha. A venda de razas de arumã durante a época de safra do açaí é uma entrada de dinheiro para as famílias, sendo compradas pelas “geleiras” para coletar o açaí em cada colocação.

Figura 10. Conjunto de mulheres fazendo artesanato com tala de arumã.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Dentre os jovens, existe um grande fascínio pela música. Muitos deles sabem tocar algum instrumento e se reúnem para praticar e compor músicas sobre o rio, as amizades e experiências. Na CFR, durante as horas livres, os estudantes estudam partituras de músicas populares e compartilham sons e letras.

Figura 11. Jovens praticando acordes musicais no violão.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Outra manifestação de arte na RESEX Mapuá é a construção de diferentes tipos de barcos. São elaborados a partir de madeiras extraídas da floresta e geralmente são pintados e levam escrito um nome de santo, algum nome de um membro da família ou algum louvor.

Figura 12. Artesão da RESEX fabricando rabeta própria.



FOTO: Monge Zúñiga, 2016.

CAPÍTULO II: AS PARTEIRAS DO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ

A partir das visitas de campo, entrevistas, conversas informais e convívio com as comunidades de Baixo e Médio Mapuá fiz uma coleta de materiais visuais e áudios, que complementados me fizeram refletir sobre as diversas formas de vida e o perfil das parteiras neste contexto marajoara. Apresento neste capítulo um ensaio etnofotográfico, acompanhado de fragmentos das conversas que mantivemos nas visitas. Seguidamente, descrevo as condições do ofício de partejar a partir dos relatos e histórias de vida das parteiras e pessoas envolvidas no processo de gestação, parto e pós-parto.

GENERALIDADES: O PERFIL DAS PARTEIRAS

Nas áreas que abrangem as comunidades de São Sebastião, Bom Jesus e São Benedito fui procurando o caminho para conhecer sobre as mulheres que “pegam criança” nas mãos. Neste percurso entendi que cada uma delas é um universo, e que este, querendo ou não, se encontra rodeado da poderosa floresta amazônica que as abraça e são influenciadas pelas condições que ela oferece.

Oito universos, oito histórias, muitas conversas e olhares que contaram mais do que eu consigo escrever. Sensações inexplicáveis e irreconhecíveis aos meus sentidos. Saberes que escondem poderes místicos e profundos que refletem solidariedade e cura para quem acredita e conhece de perto. Todas elas com experiências de vida e morte acumuladas ao longo dos seus anos de trabalho e vida na RESEX.

Todas elas na faixa etária dos 48 aos 78 anos, mulheres com caminhos complexos e longos, carregados de histórias. Cada uma com família grande, de seis (6) a quatorze (14) filhos, mulheres reprodutoras da humanidade, de saberes ancestrais. Quatro delas não dão assistência mais o trabalho de parto, por condições de saúde e outras prioridades emergentes; porém elas consideram-se ainda parteiras e a comunidade as reconhece nesse ofício.

Todas elas contam histórias de amores e desamores. Todas casadas, duas delas já viúvas; uma delas até quatro casamentos. Seus companheiros, elementos fundamentais do seu ofício: “quem apoia, acredita...” como uma delas mencionou. Netos e netas criados por elas, adoções de crianças abandonadas e até situações complicadas que fizeram com que elas dessem algum filho.

O seu ofício como parteiras em algumas ocasiões herdado, em outro aprendido na hora, na emergência ou como elas mesmas falam: “no aperreio”. Suas memórias guardam experiências que marcaram os seus olhares sobre a vida, sobre a morte, sobre o nascimento e a saúde. Elas não se esquecem dos seus primeiros e primeiras afilhados/afilhadas, aquelas primeiras crianças que pegaram nas mãos virgens de uma parteira inexperiente. Muitas delas já deixaram de contar quantos nenês já passaram pelas suas mãos, mas as histórias marcam os seus rostos, os seus olhares.

As religiosidades e cosmologias não se deixam esconder neste contexto, algumas ficam em silêncio, outras rezam e pedem para suas intenções serem ouvidas. Sempre com fé, entregando o seu trabalho nas mãos de uma energia mais poderosa que elas, a energia que conduz para o bem estar da humanidade, a que controla a dualidade vida-morte-vida.

Todas elas se conhecem umas a outras. Entre elas, uma teia de sororidade, de irmandade nas relações femininas, um grande elo de solidariedades. Como todo relacionamento humano, aparecem conflitos dentro do ofício: desentendimentos, vícios e costumes que não são de aprovação das outras; essa irmandade nem sempre funciona da forma romântica como poderia ser imaginada.

Os rostos de cada uma são marcados pelas linhas de experiência. Olhares profundos, sorrisos e expressões que transmitem emoções. Ao colocar os retratos destas mulheres neste trabalho, pretendo disponibilizar a experiência e conjunto de sensações que elas irradiam. O convite está feito, seguidamente apresento os retratos das mulheres parteiras do Baixo e Médio Mapuá.

Figura 13. MARIA INTEMERATA BRITO ARAÚJO, conhecida como Dona Merata, Tia Merata. Parteira da Comunidade São Sebastião.



“Pra mim o mais importante é a família, as crianças são alegria, são o futuro...”

Mulher de braços fortes e olhar profundo. Nasceu na região de Bananal e mora próximo da igreja de São Sebastião. Aos 68 anos de idade já foi casada quatro vezes, a última com Seu Manoel Raimundo do Nascimento, conhecido como Dinho, sobrinho da parteira Joana. Seus pais faleceram quando ela tinha 8 anos e foi morar na RESEX com seu padrinho João Gonçalves. Teve 12 filhos e filhas, 3 já falecidos. Ela é cristã protestante, pertence a igreja da Assembleia de Deus faz 17 anos. Hoje em dia se dedica a cuidar do seu lar e seu neto caçula, não atende mais partos marcados, “só se for uma emergência”. É a única parteira da pesquisa que integra a Associação de Parteiras Tradicionais da Ilha do Marajó e fez curso de formação na Secretaria de Saúde do Município de Breves.

Figura 14. JULIETA BALIEIRO LEÃO, conhecida como Júlia do Chiqueiro, Tia Júlia ou Júlia do Beto. Parteira do Rio Coqueiro, Comunidade Bom Jesus.



“Eu não sou parteira parteira dessas de carteira, só puxo e só corto umbigo...”

De 54 anos de idade e casada com Seu Humberto com quem criou 6 filhos: quatro homens e duas mulheres, duas falecidas. Mãe de leite e criação de dois dos seus 19 netos.

Começou no ofício por necessidade aos 29 anos, acompanhando a sua prima no parto. *“Já ajudei umas oito (8) mulhê e cortei uns doze (12) umbigos: quatro de menina e oito de menino”*. Ela é aposentada por invalidez devido a um acidente que teve com uma lamparina de gasolina e não faz mais partos por condições de saúde.

Além dos saberes de partos é grande conhecedora da arte de fazer roça. É dona de duas roças onde planta milho, mandioca, macaxeira, banana, abacaxi, melancia, dentre outras. Mulher apaixonada pela floresta e pelo Rio Coqueiro. Adora fumar no seu cachimbo de madeira enquanto aprecia sua roça e as matas ao redor.

“É muito grande a minha roça, é bonita, né? Aqui já vai virar mato, não vou plantâ mais aqui não, tem que descansâ.. Só pego maniva para plantâ na outra roça...”

Figura 15. MARIA ESTENI DAS MERCÊS DE LIMA, conhecida como Maria do Jaldo. Parteira da Comunidade Bom Jesus.



“Já peguei dez crianças... daqui deste meio, de várias comunidades que eu sou chamada.”

Mulher de 48 anos de idade, a mais jovem de todas elas. De olhar tranquilo e suave voz. Grande trabalhadora da roça e da floresta. Casada e mãe de 10 filhos, um deles falecidos. Aprendeu a partejar “no aperreio” no parto de uma vizinha, depois pegou crianças de outras 10 mulheres. Cuida das plantas medicinais dos canteiros elevados que tem no terreiro e conhece sobre remédios caseiros.

Figura 16. IRACEMA, conhecida como Avó Iracema. Parteira da Comunidade Bom Jesus.



“As crianças que eu peguei estão todos vivos, já faz 6 anos que estou sem fazer um parto... fiquei doente e parei...”

Mulher negra de 68 anos, de olhar profundo e sorriso contagiado. Nascida no braço do Rio Aramã chamado Japichaua. Mora na Comunidade Bom Jesus, do lado do igarapé Coati. Casada desde os 17 anos e mãe de 9 filhos: 4 mulheres, 4 homens e um aborto. Mãe de criação de uma neta e um neto. Grande conhecedora de remédios da floresta graças aos ensinamentos da sua mãe. Pegou a primeira criança nas mãos quando aos 32 anos de idade “num aperrero” e até o momento já pegou “umas 8”. É aposentada como trabalhadora rural. Agora se dedica mais a criar galinhas e patos no seu terreiro, e também cuida das suas plantas medicinais e temperos “pra quando precisar”.

“Vizinha eu vou lhe falar uma coisa que é verdade: eu era boa pra prantâ roça!”

Figura 17. MARTINHA.BORGES. Comunidade Bom Jesus.



“Graças a Deus filho que eu pegava nas mãos nunca morreu”

Viúva do senhor Sebastião Borges. Mulher de 74 anos de idade que gosta de uma conversa e uma boa companhia. Costumava plantar sua roça, cuidar do açaizal e de criar porcos e galinhas quando morava nas cabeceiras do rio. Depois de enviudar se mudou com seu filho de criação para a Comunidade Bom Jesus para morar com seu filho. É aposentada como trabalhadora rural e não trabalha como parteira faz muitos anos.

Figura 18. MARIA ISABEL BORGES DA SILVA, conhecida como Maria Isabel do Galo de Ouro. Parteira da Comunidade Bom Jesus.



“Um dia desses estava eu fazendo uma conferiçaõ e eu já peguei uns quarenta e poucas criança...Quando a gente morava lá pra cima que eu comecei a pegar criança, faz dezesseis anos já...”

Mulher de 49 anos de idade, alegre, com grandes sonhos e esperanças. Neta por parte de mãe da parteira Martinha. Nascida na Comunidade Santa Rita e morou por muito tempo na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Jacaré, aonde teve seus 12 filhos: 4 meninas, 7 meninos e um aborto. Mora na Comunidade Bom Jesus, junto com seus filhos e esposo, o senhor Emanuel Paulo da Costa, filho da parteira Maria Paula. Acompanhava sua sogra nos atendimentos de partos com quem ela aprendeu. Aos seus 33 anos partejou pela primeira vez sozinha e já são mais de 40 crianças que passaram pelas suas mãos.

Figura 19. MARIA DO CARMO BOUTA DA SILVA, conhecida como Maria do Cintura ou Maria do Governo. Parteira da Comunidade Bom Jesus.



“A última criança que peguei foi de logo ali, faz três semanas...mas já peguei cento e poucas nestes cantos”

Mulher discreta e observadora. Casada e amante das plantas medicinais. Mãe de 13 filhos e filhas. Cuida dos seus animais de criação e dos seus temperos com muita dedicação. Atende partos das vizinhas e das mulheres da sua família. Ela disse não ser parteira por não ter assistido aos cursos que ofereceu a Secretaria de Saúde, mas que ela ajuda quem a procura.

Figura 20. JOANA FERREIRA DO NASCIMENTO, conhecida como Velha Joana, Mãe Joana, Avó Joana ou Joana do Lucilho. Benzedeira-parteira a Comunidade São Benedito.



“Ele me chama só de mãe, porque fui eu que endireité essa criança... nasceu nas minhas mãos”

Por todas as comunidades conhecida pelo poder de cura das suas mãos. Dona de um conhecimento ancestral herdado de sua mãe, saber que se transmuta num dom de aliviar doentes, de auxiliar gestantes e de receber crianças na RESEX. Viúva e mãe de 10 filhos. Aos seus 78 anos de idade mora na casa do seu filho caçula, sua nora e dois netos. Perdeu a conta de quantos filhos-afilhados já pegou nas suas mãos.

CONDIÇÕES DO OFÍCIO DE “PEGAR CRIANÇA”, “PARTEJAÇÃO” E “CORTAR UMBIGO” NA RESEX MAPUÁ

O trabalho das parteiras tradicionais do Baixo e Médio Mapuá é regido pelo conjunto das condições de vida nas quais estas mulheres e as suas comunidades estão inseridas. Nesta seção, elaborei uma descrição e análise dos elementos e situações que rodeiam o ofício de “pegar criança” na RESEX Mapuá a partir de vários relatos e das histórias de vida das parteiras. A análise dessas narrativas foi feita na escala de *comunidade*, considerando o grupo de parteiras tradicionais na esfera macro. Cada um destes relatos detém uma parte ou uma fração do total das condições que circundam os saberes de *partejar* e *cortar umbigo* neste específico espaço-tempo na Amazônia brasileira.

Todos os saberes que estas mulheres pegadoras de crianças praticam são o resultado de uma mistura da sua história e do seu presente. Nas suas memórias guardam os segredos das experiências das suas ancestrais, e num complexo conjunto com suas crenças e cosmologias, expressam e desenvolvem no presente os seus dons de cuidar de gestantes e lhes atender durante o parto. O seu ofício está marcado por esses tempos e esse espaço.

Os começos da profissão: *como chegaram a ser parteiras?*

No Baixo e Médio Mapuá, as parteiras aprenderam de várias formas. Algumas delas por herança de uma mulher mais idosa, usualmente sua bisavô, avô, mãe e até sogra. Nas anedotas das parteiras mais idosas, Dona Joana e Dona Martinha, apareceu o ofício de partejar como um “dom de Deus”. Já as mais jovens relatavam sobre as instruções das suas “mestras de partejar”, mas sempre colocando o ofício dentro do sagrado. Embora tenham aprendido de alguém, elas consideram que o fato de ser parteira é uma “benção”.

As conversas com residentes da reserva revelam alguns dos casos mencionados. Por exemplo, a história da parteira Maria Isabel destaca como foi sua experiência de aprendizado.

“O negócio da *partejação* eu aprendi com a minha sogra Maria de Nazaré que mora no Jardim Tropical, conhecida como Maria Paula... Eu faço o mesmo que a minha sogra fazia... Quando ela ia partejar as outras mulhê, eu ia lá e fui pegando uma experiência. Aí depois veio uma mulhê assim a falar comigo... aí eu digo: *eu vou!* Graças a Deus quando eu fiz todos esses partos e nunca aconteceu nada de perigo, tudo bem... o dia que precisarem de mim eu estou aqui. Puxar peito, puxar barriga de mulhê... é o consultório da Mari Elsa, como aquele consultório lá de Breves que o povo vai se atendê de tudo...” (MARIA ISABEL, parteira).

Neste relato, Dona Maria Isabel revela que ela foi instruída pela sua sogra. Embora ela seja neta da parteira Dona Martinha, ela revelou que a sua avô não deixava assistir seu trabalho. Quando ela casou, ela sempre era convidada para auxiliar nos atendimentos que sua sogra acompanhava e foi assim como conheceu e aprendeu sobre o ofício de “partejação”.

Outra história é a de Dona Iracema, que lembra os grandes ensinamentos da sua mãe. Relatou em várias ocasiões que recorda, com “muita saudade”, como ela conseguia acessar esses saberes, ressaltando a importância de passar para as suas filhas essas lições.

“Eu me lembro de tudinho, porque quando a minha mãe começou fazer parto, nós todos estávamos solteiros, morávamos na casa dela, eu já estava grandona, ela sempre levava uma de nós... mas sempre dava certo pra ser eu quem ia com ela... eu sempre gostava de estar, como diz o ditado: bururucando, espiando... Ela sempre dizia: “*tu já és moça, tem que saber, tem que aprender... porque tu já sabendo não te aperreias...*”. E é verdade, isso eu ensino as minhas filhas! Tão bom a gente aprender certas coisas.. de tudo, né vizinha? Se minha mãe não me ensinasse eu me *aperriava*¹² muito hoje em dia... Todo serviço que a minha mãe fazia aí estava eu enxerida! Daquilo que ela aprendeu eu sei!” (IRACEMA, parteira).

Na fala da Dona Iracema, ela coloca um aspecto interessante sobre como a mãe já considerava ela na “idade certa” para conseguir acesso a estes saberes. Importante ressaltar que, em geral, as parteiras e as pessoas próximas delas comentaram sobre a permissão de acompanhar o trabalho de uma parteira experiente. Ela explicou que as mulheres, que usualmente são as interessadas em aprender, não podem participar dos partos de outras até ter certa idade, quando

¹²“Aperreio” é uma palavra local que denota uma situação de risco ou perigo, uma circunstância inesperada que complica o momento.

conhecem seus corpos e não atrapalhem o trabalho da parteira experiente. Este aspecto também se ressaltava no relato da Michele, neta de parteira. Conta que no interior as crianças não são permitidas de assistir os partos.

“Eu acompanhei o parto da minha prima que ela [avó] assistiu... aqui no interior, quando a gente é criança eles não deixam a gente ficar no quarto, entram só elas! Nem que a gente vai, mas a gente não tem direito de entrar...” (MICHELE, neta de parteira).

Assim como a avó da Michele, a Dona Joana considera que durante a assistência ao parto não pode ter outras pessoas que não sejam aquelas que participem ativamente do trabalho, especificamente crianças. Diferentemente, nos outros acompanhamentos como puxações¹³ e rezas, onde crianças de colo ou de pouca idade podem estar junto à mãe que está sendo atendida. Ela ressaltou que também depende da criança, não pode ser uma criança que seja inquieta, que faça muita bagunça porque atrapalha o trabalho dela, “se quer ficar do lado da mãe, tem que se comportá!”.

Na seguinte figura se observa que durante o atendimento da gestante, a criança acompanha a mãe enquanto Dona Joana “puxa” e reza na barriga dela. O menino ficou deitado durante o atendimento que demorou aproximadamente 20 minutos.

¹³ Uma puxação se refere a um tipo de massagem específico feito pelas parteiras ou outros médicos não oficiais que se faz para colocar a criança na posição correta ou colocar algum músculo ou osso no lugar.

Figura 21. Atendimento da dona Joana para mulher gestante acompanhada de uma criança.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Continuando com a temática das formas como elas se iniciam como parteiras, o senhor Antônio-Mussuã, filho de uma parteira comentou que morar longe da cidade é uma condição que faz com que muitas mulheres se vejam na necessidade de acompanhar a outras dando à luz. Ele já teve várias experiências com os partos da sua esposa que sempre foi acompanhado de uma parteira. Conta que é comum que mulheres dessas comunidades, sem ter experiência nenhuma, comecem o seu caminho como parteiras por mera solidariedade, para não deixar a sua “colega” sozinha.

“Tem ocasião que ela [mulher] é obrigada ser uma parteira, porque não dá tempo da parteira chegar. Aí você, mulhê, não vai ver a sua colega no aperreio sem não poder ajudar, você tem ideia de como é, ou talvez não saiba nada. Por mais que você nunca teve, mas se uma colega já contou para você que é daquele jeito. Aí você faz...” (ANTONIO-MUSSUÃ, filho de parteira).

Devido ao limitado acesso aos serviços de saúde pública para gestantes dentro de RESEX Mapuá, a quantidade de mulheres que já pegaram crianças nas mãos é muito mais elevada do que eu tinha pensado antes de chegar lá. A longa distância entre comunidades e a dificuldade de deslocamento exige que muitas mulheres saibam como manejar este tipo de situações. Muitas delas acabam por pegar uma ou duas crianças, só pela emergência, já outras sentem o chamado da vocação de partejar ao participar do primeiro nascimento. Além das parteiras entrevistadas, foram listadas mais seis parteiras de várias comunidades, que devido a questões de logística e disponibilidade delas, não foi possível conhecê-las.

Mas além das circunstâncias que limitam o acesso aos serviços de assistência médica oficial, é importante ressaltar que existe uma relação de confiança e respeito para com o trabalho das parteiras, que faz com que muitas mulheres dessas comunidades prefiram ser atendidas por parteiras tradicionais que por médicos na cidade.

Entre parteiras: relações entre mulheres

Encontra-se no relato do senhor Antônio-Mussuã acima citado, outro elemento fundamental das relações entre mulheres: a sororidade. Esta é uma profunda e complexa relação entre nós, mulheres, que aflora em momentos e situações de extrema angústia, é aquela solidariedade mulher-mulher, que se manifesta através de oferecer uma companhia, um cuidado ou ajuda de forma desinteressada com profundo sentimento de irmandade. A palavra “soro” vem do latim que significa “irmã”, sororidade seria um equivalente da palavra fraternidade, da união entre irmãos, os membros de uma sociedade (SCHALLMAN, 2012).

Este vínculo mulher-mulher se fortalece com diferentes eventos e situações que revelam o sentimento de coletividade feminina, o parto e acompanhamento da gestação são momentos em que emerge e brota este vínculo. Por exemplo, escutei de várias histórias das chamadas “Mães de leite”, que são mulheres que oferecem seu peito e leite materno para uma criança que não tenha acesso e disponibilidade ao mesmo. Dona Julieta relatou a história sobre a sua “filha de leite”, a Naíde, que por causa de que sua mãe não “criou” leite nos primeiros dias de nascida, ela ofereceu o seu já que estava amamentando uns dos seus filhos nessa época. A Dona Joana relatou uma memória similar com seu sobrinho e “filho de leite” o senhor Zeca, pois a mãe dele adoeceu e não podia amamentar ele. E assim escutei muitos outros relatos de exemplos desta sororidade, de como uma mulher sem

ser experiente acompanha outra durante o parto, de compartilhar o seu peito para alimentar a criança de outra, de cuidar durante o puerpério de uma mulher sozinha, de preparar um caldo de galinha para recuperar as forças depois do parto, de ser uma mulher auxiliando outra.

Entre parteiras, esta relação se expressa em distintos laços parteira-parteira. A relação que existe entre uma e outra é única. Algumas são vizinhas, amigas, colegas de trabalho, comadres¹⁴, dentre outros parentescos. Por exemplo, Dona Iracema contou que a Dona Intermerata é uma parteira para quem tem um grande carinho, elas até foram “batizadas” como eternas amigas na fogueira de São João: “Dona Intermerata minha amiga de fogueira de São João”.

Numa conversa sobre seus partos, Dona Julieta relatou sobre a dificuldade que tinha nos seus partos e como foi sempre acompanhada por uma parteira de confiança: sua comadre Joana.

“Eram muito difícil meus partos, era muito ruim.. eu estava acompanhada, era a minha comadre Dona Joana... sim, quem me acompanhava era a Velha Joana... ela fez cinco (5) dois meus partos... Um eu tive no hospital e as duas primeiras eu tive com outra parteira: a Joana também... só que ela já é falecida, a mãe da minha cunhada...”. (DONA JULIETA, parteira).

Nesta conversa Dona Julieta deixa exposta a relação entre as duas parteiras: ela e a Velha Joana, que auxiliou cinco (5) dos seus oito (8) partos, elas são comadres. Também, elas compartilham a profissão de pegar criança, embora Dona Julieta disse não ter a experiência da Dona Joana e que ela não é “parteira de verdade”, ela fala “*eu só corto umbigo*”.

Isto me revelou que entre elas existe certa hierarquia, onde as parteiras com maior experiência são reconhecidas e contam com uma confiança maior durante a assistência ao parto. Na conversa com Dona Maria Isabel, ela traz uma lembrança de um evento no qual ela se destacou pelos seus conhecimentos.

¹⁴ Neste contexto, mulheres comadres refere-se à relação entre uma mãe e a madrinha de um filho ou filha dela. Também se consideram comadres: parteira-parturiente.

“Um tempo desses veio uma mulhê me buscâ aqui pra eu ir lá partejar com ela. Chegemos lá e mulhê já tinha tido a criança, só que sem desocupar... a pracentã não saia. Só que, a placenta da criança ela tem um detalhe: se a gente não estiver puxando no cordão do umbigo da criança, a mulhé não tem... Aí eu passei lá pra frente dessa outra e mexi daqui pra lá e ela se desocupou rápido. Essa mulhê que estava ali se admirou, que ela já tinha tido uns quantos filho, é mãe de muito filho e ela não sabia... mas eu lhe mostrei...”. (MARIA ISABEL, parteira).

Mas a fama é ganha pela trajetória de cada uma, e assim como se tem parteiras com caminhos cheios de experiências exitosas, tem outras que são conhecidas por situações problemáticas no ofício. Escutei muitos relatos sobre uma parteira alcoólatra, que por necessidade e falta de outra assistência, acompanha partos em estado de ebriedade.

“Aquele *dona*, você conhece? Ela pega também criança... Mas as mulhê já estão se sentindo ruim porque ela bebe, né? Aí na hora do parto ela já está meia porre e não faz o parto bom e as mulhê se queixam dos trato que ela da... Além de que ela já está velha, desde muito nova que ela bebe... tem muitas que ela vai começando desde que chega fazer o parto e quando o bebê já está pra nascê ela já está porre... aí já não querem ela e vem me buscar...”. (Interlocutor ANÔNIMO).

No momento da viagem de campo não tive a oportunidade de conhecer a mencionada parteira, mas todas as outras a descreveram como uma ameaça para o ofício delas. Muitas mulheres não têm alternativas de parteira próxima, pelo que a procuram no aperreio. Mas ela não é a única que apresenta esta condição. Como relatei no capítulo 1, durante a estadia em campo percebi que muitos residentes da RESEX Mapuá, principalmente homens, consomem grandes quantidades de álcool chegando até o estado de embriaguez, provocando situações de conflito dentro das comunidades e no nível familiar também.

Saúde e coragem das parteiras em estudo

Outros problemas de saúde ameaçam a continuidade do trabalho das parteiras tradicionais do Baixo e Médio Mapuá. Algumas delas, pela sua idade, apresentam doenças que dificultam o seu desempenho como parteiras, motivo pelo qual algumas não realizam mais partos.

Das oito parteiras entrevistadas, quatro desistiram de trabalhar com partejação devido aos problemas de saúde. As outras quatro estão ativas, ou seja, acompanham mulheres grávidas durante a gestação, o parto e até pós-parto. Dona Martinha relatou como a falta de visão a levou a abandonar o ofício de partejar, mesmo assim ela se considera parteira e a comunidade a reconhece como tal.

“Eu já peguei muita criança, agora que eu não, nunca mais eu peguei criança... da minha vista dona eu estou quase cega, não enxergo... Eu pergunto pra o menino: *quem que vai passando lá?* A vista da gente é a guia da gente, mas agora como diz o outro: *sinto falta da minha vista...* por isso não atendo mais não.”. (MARTINHA, parteira).

As parteiras relataram suas histórias e nelas encontrei semelhanças e diferenças nos acompanhamentos durante a gestação, parto e puerpério. A Dona Iracema descreve o que elas fazem e considera-o como um ofício de muito sacrifício. Faz uma comparação com o parto hospitalar, onde as pessoas que pegam as crianças usualmente não são as mesmas que lavam as roupas. Comenta também que não se dá tratamento à placenta, também chamada de “resto da criança” ou “parceiro” nos hospitais.

“Eu larguei porque começou me aparecer um bando de problema... passei mal de dor de braço, dor na perna, a pressão alta... Aí eu passava ruim e os meus filhos mandaram pra eu largar de mão porque poderia me causar uma doença maior, né? Esse problema de pegar criança vizinha, tem muito problema no meio... A gente pra pegar criança sem ser no hospital sempre tem que ter um bom remédio pra se cuidar, a cachaça, álcool, um alho,

uma louva pra a senhora pegar uma criança... porque não só prejudica a criança, prejudica a gente, né? Porque no hospital a gente não cuida disso nada, a gente tem tudo pra lá, médicas, os dotores que cuidam da mulhê, pra lá resolve. Aqui não, aqui é mais arriscado porque a gente tem que pegar tudinho aquilo da mulhê, tirar aquele resto da criança, tem que engasgalhar no pinico, tem que jogar, fazer um buraco pra trás pra enterrâ... não é que nem no hospital que lá a gente não sabe nem pra onde vai... Aqui não! Aqui todo corre por conta da pessoa que pega, da parteira né?. Ela vai lavâ aquela roupa, e lá [no hospital] eles tiram aquele parto tudinho e jogam pra lá não sei pra onde... aqui tem que ser todo por conta da parteira que pega a criança, não é negócio simples, né vizinha?”. (IRACEMA, parteira).

Além do relato da Dona Iracema, escutei de todas elas que o ofício de “pegar criança” é uma profissão que requer muita coragem e força feminina, não é toda mulher que pode ser parteira.

“Como diz o ditado dona: *a gente tem que ter muita paciência, muita mordomia, pra assisti com uma mulhê!* Porque é muito complicado... ter o juízo mais o menos, né?... mas não é muito fácil não vizinha. Se a criança não estiver direito a gente tem que endireitâ. A gente não pode entrâ no desespero, não pode mais fugir... eu se não estiver muito sacrificoso eu endireito... mas isso vizinha não é negócio fácil não!”. (IRACEMA, parteira).

Essa descrição do que envolve o serviço de partejar se repete no relato da Claudiene, filha de parteira tradicional da RESEX. Ela comenta que sua mãe atende partos, mas só quando não tem quem mais acompanhe á gestante, pois ela acaba com problemas de saúde e “passa mal”.

“Olha ela já fez uns quantos partos... Mas agora ela não faz muito, ela só vai quando não tem outro jeito que vem pedir para ela... aí ela vai. Ela não gosta, ela não está podendo fazer porque ela passa muito mal. Ela disse por que ela está muito velha, ela passa ruim...”. (CLAUDIENE, filha de parteira da RESEX).

A profissão de parteira no interior é um trabalho de risco, tanto para a mulher parturiente quanto para a criança e a parteira. O isolamento geográfico joga um papel fundamental nesta RESEX, já que o fato de não ter facilidade de encaminhar rapidamente um caso de risco para o hospital, torna a situação completamente distinta do parto na cidade, sendo que compromete o trabalho da parteira, a vida da parturiente e a vida da criança.

A cidade de Breves fica a 10 horas de barco das comunidades do Baixo Mapuá e, além do tempo necessário, representa um alto custo econômico para muitas das famílias. Por este motivo, o acompanhamento do pré-natal dificilmente é feito pelas grávidas. Isto demonstra como o trabalho das parteiras na etapa da gestação tem um papel fundamental na saúde delas. Muitas acreditam mais nas mãos destas mulheres, já que são pessoas que conhecem seus antecedentes de saúde, a forma como vivem e a situação familiar em que aquela criança nascerá, além de que o custo é menor e o deslocamento se torna menos cansativo.

No seguinte relato, Dona Cândida conta como sua filha, na sua segunda gravidez, decidiu não realizar o pré-natal na cidade de Breves por vários motivos.

“Minha filha fez o primeiro pré-natal dela tudinho. Ela viajava para Breves de dois em dois meses, mas ficava muito cansada... aí, ela ia e pegava dinheiro... olha é caro viajar pra lá... Quando ela engravidou dessa outra, ela nunca fez o pré-natal, ela ia ter por aqui mesmo, com a velha Joana. E graças a Deus ela teve normal.”. (CÂNDIDA, comadre da parteira Dona Joana).

As parteiras oferecem atendimentos durante a gestação que seria, na minha visão, o equivalente ao serviço do pré-natal. Elas fazem perguntas durante os atendimentos para conhecer as condições que rodeiam a gestação, além de puxar e conhecer as condições de saúde da criança e da grávida. Oferecem conselhos sobre o que elas consideram importante e urgente, inclusive algumas recomendam assistir ao pré-natal da cidade de Breves.

“Aperreios” no Mapuá

As circunstâncias de angústia ou perigo pelas quais as parteiras do Baixo e Médio Mapuá passam são chamadas por elas de “aperreios”. Nestes cantos da Ilha do Marajó, os relatos das histórias de aperreios relacionados aos partos são muitos, a Dona Intermerata comentou: “Cada parto é diferente do outro, cada um é uma história [...]”.

Os relatos descrevem os problemas que elas e as mulheres gestantes têm que enfrentar durante a gravidez, parto e puerpério. Na seguinte fala, uma das moradoras da RESEX descreve como sua saúde estava alterada na gravidez. Clemilda conta que a Tia Julia a ajudou, mas recomendou que precisava ser atendida no posto de saúde. No posto da Vila São Félix o Agente de Saúde, Jonorte, encaminhou-a para Breves.

“Era febre, dor de urina, deu crise... era albumina, anemia... a Tia Julia me puxou, ela disse que era para ir no posto. Aí me levaram para o posto, o Jonorte me mandou pra Breves. A mamãe me levou e aí pediram exame... aí que eu fiz, mas particular para ficar pronto logo porque eu não aguentava, estava só deitada acima de um pano, não estava aguentando mais”. (CLEMILDA, comadre da parteira Dona Joana e afilhada da parteira Dona Julieta).

Na situação que a Clemilda esteve, para evitar as longas esperas e trâmites do sistema público, ela decidiu optar por um atendimento privado. Isto é reflexo de que o sistema público é ineficiente e acaba prejudicando a saúde da população que se encontra numa emergência, sem levar em conta que muitas não têm recursos econômicos para optar por esse caminho. A maioria das vezes elas ficam nas suas casas e só vão quando o assunto é grave.

A vantagem de contar com uma parteira nas proximidades faz com que muitas decidam ficar em casa, se sentindo confiantes e seguras com uma mulher medicina ao lado. Dona Martinha conta sua história quando esteve grávida de gêmeos e a dificuldade que ela teve. Expõe a experiência com muita naturalidade e resgata a força que o corpo feminino tem para trazer ao mundo “*tantas crianças quando Deus mande*”. Ressalta a presença da sua parteira na situação.

“Eu tinha parteira, era uma mulhê que morava lá perto de nós... sempre ela assistia comigo... basta eu lhe disser que eu tive dois filhos ao mesmo tempo: gêmeos, uma mulhê e um homem... um casal. Eu tive lá pra onde eu morava, beeeem longe... Tem muita gente que tem filho de dois pra banda daqui, eu já soube que tem de dois filhos... Como diz o outro: *a gente não pode contra Deus, ele dá porque ele dá o jeito de ter, né?* A gente fica sabendo que tem essa força só nessa hora dona! Mas olha dona, não é bom não... olha basta lhe dizer que a gente quando sai gestante assim de dois filhos, é difícil... eu não podia nem me alevantar dona! Do tamanho da barriga grande! Ave Maria! Mas graças a Deus quando eu tive eles não teve embarço não, foi tudo tranquilo, a parteira sempre aí! Não houve embarço, no resgarde ela fico uns dias e todo bom!”. (MARTINHA, parteira tradicional).

A irmã da Claudiene não teve a mesma sorte. Quando cheguei à RESEX, logo me contaram sobre aquela menina que estava nos dias de ter filho. As pessoas compartilhavam essas informações comigo, acredito que pelo meu interesse de conhecer o atendimento de um parto com parteiras tradicionais dessas comunidades. Quando cheguei à casa da mãe dela foi tarde, a Claudiene me informou que sua irmã tinha dado a luz na madrugada anterior. Infelizmente teve uma complicação, um “aperreio”, apesar de estar acompanhada por sua mãe parteira e mais duas parteiras com experiência da RESEX.

“Ela passou bem a gravidez dela, ela estava lá para casa do meu pai: para aí para cima. Eu não sei como foi, que já foi os outros que contaram. Dizem que ela baixou mal pra Breves sem conseguir se desocupar. Ela estava com a mamãe, era mamãe que estava com ela... tinha outras duas mulher lá... não sei quem era.”. (CLAUDIENE, filha de parteira).

Depois de uns dias, conversando com as pessoas das comunidades e com outras parteiras, escutei que ela tinha tido que sair de emergência para Breves. Ela teve a criança, mas não conseguia ter “o parceiro”, a placenta. A parturiente foi junto com a mãe para Breves, onde foi hospitalizada por quase um mês.

Foram três parteiras presentes durante o parto. Segundo vários depoimentos, as três são consideradas as parteiras com maior experiência das comunidades onde moram. Isto destaca dois aspectos já mencionados: o primeiro, trata-se da responsabilidade que tem nas mãos estas mulheres; o segundo, como o isolamento geográfico e político afetam estas comunidades uma vez que não têm acesso fácil aos serviços de saúde.

Afortunadamente a irmã da Claudiene voltou um mês depois para a RESEX, e tanto ela quanto a criança estavam com boa saúde. O caso das três parteiras foi comentado em todas as comunidades que visitei, as versões sobre o acontecido rodaram a reserva inteira. Cada relato diferente, mas todos destacavam o papel dessas mulheres medicina, de como conseguiram encaminhar a tempo a parturiente e fazer com que a criança estivesse com vida.

O contrato e pagamento pelos serviços oferecidos pelas parteiras

Todas as parteiras visitadas no Rio Mapuá contam com estratégias próprias para assegurar um bom atendimento durante a gestação, o parto e o pós-parto. Cada uma delas fala primeiramente com suas clientes, com os seus maridos ou companheiros deixando claro qual o custo, o que inclui o “contrato” e aonde serão feitos os diferentes atendimentos. A maioria delas faz um pacote de parto que inclui: puxações durante a gestação, parto domiciliar e acompanhamentos durante os primeiros dias do puerpério.

No entanto, existem momentos em que as gestantes rompem com esse contrato, seja por causa da parteira não estar disponível, em casa, no momento que elas precisam, ou porque acharam outra parteira mais próxima, dentre outros motivos. Mas isto muitas vezes acontece no último momento, o que deixa inconformadas algumas delas. Por exemplo, a Dona Maria Esteni relatou que quando uma mulher chega só na hora do parto, ela fica num cenário desconhecido e de perigo, o que pode prejudicar a sua reputação e o trabalho como parteira, além do risco para a gestante e a criança por nascer.

“Sempre me pegam encima da hora, isso que eu acho ruim, né? Que às vezes falam com outra, a outra não dá, não sei que, aí vem encima da hora falar... talvez nem dá vontade da gente ir, né? Não sabe como é que está a criança, né? depois acontece alguma coisa e sempre a culpada é a parteira... Mas mulhê é difícil deixar uma mulhê sozinha nesse aperreio, a gente vai porque não tem como falar que não, mas depois vai ter que pagar mais caro, né? o custo pra nós é maior...”. (MARIA ESTENI, parteira).

Usualmente elas fazem a cobrança do conjunto do trabalho, que vai desde 50 até 100 reais, dependendo do deslocamento até a casa da parturiente, número de puxações durante a gestação e condições financeiras da gestante e sua família. Além disso, quando acontece um caso como o relatado por Dona Maria Esteni, o preço usualmente aumenta porque o risco é maior.

As parteiras também fazem outro tipo de acordo, no qual só incluem as puxações. Estes casos usualmente acontecem quando a gestante já planejou ter seu parto na cidade, ou com alguma outra parteira que mora longe. No Baixo e Médio Mapuá, só uma das parteiras não cobra para fazer este trabalho pré-natal: a benzedeira-parteira Dona Joana. O restantes das parteiras costuma receber pagamento em dinheiro, sendo entre 3 até 10 reais por atendimento. Todos os atendimentos pré-natais com puxações de barriga são feitos na casa das parteiras, sendo as gestantes que se deslocam até aí.

Os preços dos atendimentos variam de acordo com a parteira, com a situação financeira da gestante e do trabalho que será feito em si. Dona Iracema relatou que muitas vezes por causa da situação econômica da família da mulher, ela cobra mais barato: “tem dia que eu peço de três-quadro reais por puxâ, mas não é toda vez [...]”.

A questão do pagamento representa às vezes uma grande dificuldade, como narra a Dona Maria Esteni. Ela ressalta a importância de visibilizar o trabalho das parteiras, para assim, conseguir algum benefício econômico por parte do poder público.

“A gente tem vontade assim que uma pessoa se interesse pela gente, né?... para a gente ganhar um salário, alguma uma coisa porque aqui é assim: a gente trabalha, o pessoal são pobres, muito pouco dinheiro... Se a gente pede uma quantia eles acham caro, mas aliás a gente nunca vai deixar uma mulher sozinha... Muitas vezes é por isso que a gente está querendo mesmo uma pessoa que se interesse pela gente quem sabe se um dia não acontecerá isso para a gente, que nem no Amapá... a senhora sabe que toda parteira tem o seu salário lá?... já imaginou? Mas nós já lutemos, sabia? A gente foi em reunião lá em Breves, mas é difícil a gente acompanhar, é longe, né vizinha?...”. (MARIA ESTENI, parteira).

Nas conversas com as outras parteiras elas comentavam e comparavam com sua situação com relação a outras parteiras da cidade de Breves. No município de Breves as parteiras tradicionais estão organizadas numa associação (APTIM), e a partir daí conseguem alguns benefícios da Secretaria de Saúde como, por exemplo, acompanhamento de saúde bucal e disponibilização de material para assistência ao parto domiciliar. No entanto, as parteiras do Rio Mapuá apresentam dificuldades financeiras para viajar até a cidade, fazendo com que elas não participem e não sejam levadas em conta nas atividades realizadas por esta associação.

De todas elas, unicamente a Dona Intermerata está registrada na APTIM e conta com carteira de parteira e já fez curso de formação com o Grupo Curumim. Assim sendo, ela tem direito a acompanhar qualquer gestante dentro do hospital, com a condição de permitir intervenção da equipe de médicos que aí colaboram. Infelizmente o salário que a Dona Maria Esteni menciona que as parteiras do Amapá têm, não é lei no Estado do Pará.

A questão dos preços pelos atendimentos por parte das parteiras é um assunto delicado. Seu Antônio relatou que os preços vêm mudando com o tempo, e que ao ser ele quem pagava, sentia a diferença.

“Era eu que pagava, na época elas pagava uma faixa de 15 reais no meu primeiro filho [com 35 anos], lá foi aumentando e na caçula [com 20 anos] eu já paguei 30 reais. Isso era o serviço delas pegar a criança e as vezes lavava ali as roupas só um dia, também fazia a refeição da minha esposa...”. (ANTÔNIO-MUSSUÃ, filho de parteira).

Pelo lado das parteiras, a Dona Maria Isabel justifica o preço do atendimento colocando que ela considera um trabalho forte e que por isso merece ser pago. Ressalta-se como ela inclusive cobra para as filhas dela, ao contrário a muitas outras como Dona Joana, Dona Julieta e Dona Iracema que não cobram para seus parentes os atendimentos de puxação nem os partos.

“Tem gente que está achando caro porque eu estou cobrando cinquenta e cinco (55), aí eu digo: *não! é um trabalho muito forte que eu não faço de graça nem pra minhas filhas.* Porque só nós mulhê que enfrenta uma a outra...”. (MARIA ISABEL, parteira).

As relações que existem entre familiares nestas comunidades são complexas e não entrarei neste assunto neste trabalho, mas considero importante colocar que cada membro de família, de acordo com gênero, idade e capacidades, tem o seu papel importante dentro do processo de gestação, parto e pós-parto. Na fala do senhor Antônio-Mussuã ressalta-se um ponto importante sobre este assunto: ele gostava de acompanhar os partos da sua esposa. Usualmente uma figura masculina, seja o marido, o companheiro ou algum outro conhecido ou familiar, é quem faz o contrato com a parteira, se compromete a pagar pelo serviço e levar a mulher ao lugar onde a gestante dará à luz. O senhor Antônio-Mussuã comenta que no caso dele, eram seus cunhados que iam pegar a parteira.

“A gente ia buscar a parteira, quando dava para mim ir buscar eu ia busca. Mas quando eu não queria sair perto de casa, né? eu pedia para uma outra pessoa que fosse até lá, meu cunhado era. Mas eu já tinha conversado com a parteira, né? Era questão de só chegar lá e falar para ela que tinha chegado a hora e aí ela vinha, e era assim... Eu tinha meus cunhados e tal comigo em casa e eles faziam isso para mim”. (ANTONIO-MUSSUÃ, filho de parteira).

E assim como ele, em outras ocasiões perguntei para as mulheres: *quem leva elas até os atendimentos? Quem leva a parteira até a casa delas?* Para essas perguntas obtive sempre uma resposta do sexo masculino: “meu filho mais velho, meu esposo, meu companheiro, o vizinho, meu irmão, meu primo”. Percebi que este é o papel masculino durante o parto nas comunidades visitadas.

Por parte dos esposos das parteiras notei que é fundamental o apoio deles no trabalho delas. Por exemplo, Dona Maria Isabel, com o apoio do seu marido Emanuel, pensa em construir na sua nova casa um espaço apropriado para ela fazer as puxações, assim como os partos e outros atendimentos. O senhor Emanuel comentou que isso pode ser uma renda importante para a família, já que ela é muito procurada para fazer consultas e nessas comunidades a ausência do sistema de saúde público é uma “porta de entrada de dinheiro”.

A Dona Intermerata também comentou que seu marido, Manuel Raimundo, propôs para ela construir um quarto para ela atender os partos, para que ela não saia muito tarde e desatenda a casa. Porém esta proposta foi adiada devido ao fato dela estar procurando não fazer mais partos que não sejam da família, por causa da sua idade e alguns problemas de saúde.

O caso da parteira Dona Maria Esteni é diferente, pois seu esposo Jaldo não gosta que ela trabalhe com parto devido ao risco e o tempo que esta atividade demanda. Ele reclama do pouco pagamento que ela recebe, assim como do período que as crianças deles ficam sem a atenção e cuidados dela. A parteira contou que esse é um dos motivos pelos quais ela procura não atender partos, “pra não arranjar um problema com meu marido”.

CAPÍTULO III: CRENÇAS, SABERES E FAZERES DAS PARTEIRAS DO BAIXO E MÉDIO MAPUÁ

O evento do parto e o processo de gestação carregam infinitos significados, crenças e práticas peculiares a cada tempo/espço (GUSMAN et al. 2015). Infelizmente, os conhecimentos tradicionais, etiquetados como “não científicos” vêm sendo desvalorizados apesar de serem eles que tomam conta das lacunas deixadas pela medicina oficial e pelos órgãos públicos destinados à saúde (PINTO, 2010).

Nesta seção fiz uma análise dos relatos sobre as crenças/simbolismos, os saberes, e as práticas ao redor da gestação, do parto e do puerpério que envolve o ofício das parteiras do Baixo e Médio Rio Mapuá. Baseada na proposta de Toledo e Barrera-Bassols (2015) sobre a memória biocultural dos saberes tradicionais K-C-P, relato e analiso este complexo conjunto com o propósito de visualizar a importância da sabedoria destas mulheres nas suas comunidades.

Cabe aqui ressaltar que o conjunto K-C-P/*cosmos-corpus-praxis* deve ser visto como uma unidade, já que para as parteiras estudadas não existe separação entre o que elas acreditam, os seus conhecimentos e suas ações. Estes elementos se entrelaçam e se complementam para obter o resultado final: o ofício de “partejar”, a “partejação” ou “cortar umbigo”. As parteiras constroem suas representações sobre doenças e curas a partir do seu repertório de crenças, expressando seus conhecimentos acumulados e interpretam todos os elementos, fatos e padrões de processos para tomar decisões sobre suas ações (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015). Acredito que é só a partir de uma visão holística e unificada destes três componentes que poderá ser analisado o universo de sabedoria que permeia a prática de “pegar criança” nestas comunidades.

Busquei caracterizar, por meio deste enfoque, a complexidade das sabedorias locais das parteiras tradicionais do Baixo e Médio Mapuá procurando oferecer uma ferramenta que visualize a importância destas mulheres para as comunidades onde elas atuam para além do momento do nascimento, deixando claro que existe a necessidade de entender-lhes como uma complexa e indivisível sabedoria.

Na Amazônia, nestes cantos onde emanam estes conhecimentos ancestrais, aonde esta sabedoria é reproduzida, vira o cenário de uma longa e multifacetada pesquisa empírica feita pelos povos que ali habitam. Esta compreensão não pode ser negada (HORÁK, 2015).

KOSMOS-CRENÇAS: religiosidades e elementos mágico-místicos

Não podemos falar das crenças da Amazônia Brasileira sem mencionar a sua mistura religiosa que envolve influências indígena, africana e católica (MAUÉS, 2005). As populações amazônicas apresentam uma grande riqueza de mitos, concepções e crenças que são originadas nas práticas da medicina popular das mais variadas tradições. A região estudada do Rio Mapuá não escapa das expressões cosmológicas.

Todas as parteiras entrevistadas das comunidades do Baixo e Médio Mapuá manifestaram serem religiosas: sete católicas e uma evangélica. Todas elas representantes dessa rica mistura indígena-africana-católica, influenciadas pelos “poderes da floresta”. Nos atendimentos das suas clientes sempre sobressai a sua fé em Deus e seus santos, assim como rezas para pedir amparo no trabalho.

“Me valendo de Deus primeiramente”, me comentou a Dona Iracema quando lhe perguntei como ela fazia para começar o trabalho de parto ou ao puxar as barrigas. Enquanto ela me respondia, ela fazia o sinal da cruz, levando sua mão direita primeiramente para sua testa, depois tocando suavemente seu peito, ombros e finalmente a boca.

Notei que dentro das comunidades visitadas, quando alguém chega próximo de uma parteira estendem a mão na direção dela, gesto acompanhado sempre de um: “benção madrinha!”, “benção tia!”, para o que elas respondem: “Deus te abençoe, Deus te dê sorte, Deus te dê saúde!”. Isso não só expressando a sua religiosidade, mas também o respeito e o reconhecimento que estas mulheres têm nos seus povoados. Elas são legitimadas nas suas comunidades por uma clientela, da qual recebem afeto e que, em sua maioria, já passaram pelas suas mãos, seja para serem puxadas, abençoadas e até recebidas no mundo (PINTO, 2010).

Elas guardam nas suas casas imagens, figuras e algumas até altares de santos da sua devoção. Na casa da Dona Julieta, bem na entrada, tem um altar com imagens de Jesus, Santa Ana, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora Aparecida e Santa Luzia. Está todo enfeitado com serpentinas, fitas de cores e algumas velas. Toda noite ela passa e faz o sinal da cruz na hora de dormir, ela disse que é “para dormir na paz, e pra que acompanhem a gente...”.

Figura 23. Altar religioso da parteira Dona Julieta.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Dona Matinha, por exemplo, destaca que o ofício de partejar foi um ensinamento divino, entregue por Deus. Ela abraçou esse dom porque foi ele quem deu para ela, assim como o compromisso quando casou com o seu marido já falecido.

“Deus me ensinou [risadas] que eu não sabia, nera? E aí parece que Deus me encaminhou naquele rojumem... iiiish faz muito tempo isso aí! Eu já tava com meu marido que Deus me deu... nunca me separei dele, nós separemos por morte, foi Deus que quis assim... nunca deixei ele por outro homem, nunca nunca nunca... até hoje eu sinto a falta dele... ele me levava para pegar criança dos outro...”. (MARTINHA, parteira tradicional).

Elas relatam as suas histórias de vida, revelando os momentos determinantes quando foram “escolhidas por Deus para prestar ajuda, socorrer os doentes, auxiliar os mais necessitados sem exigir retribuição nenhuma”, como menciona Pinto (2010, p. 201) na sua experiência com parteiras quilombolas na região de Tocantins. Cabe dizer que as parteiras de mais idade entrevistadas na RESEX Mapuá contaram que antigamente ofereciam seus serviços de graça pelo fato delas o terem recebido como dádiva. Essa condição, entretanto, mudou com o passar do tempo, fazendo com que

todas elas cobrem pelo serviço de partejar, sem deixarem de lado a sua devoção por Deus e seus santos.

Dona Martinha destacou nas suas falas a importância de amar ao próximo na sua diversidade, de entender que todo mundo tem direito de ter a crença que quiser, assim como ela só crê em Deus e na igreja católica. Destaca-se no seguinte relato o fato de que os seus familiares pertencem a outros grupos religiosos, mas ela continua católica e assegura que até os seus últimos dias vai ser assim.

“Eu sou católica, eu como eu digo pra a família do meu filho, todos, a mulhê os filhos tudinhos são crentes... eu não desfaço na lei deles, mas eu não tenho vontade de entrar na lei do crente não... mas não desfaço na lei deles, porque é meu filho... Ele disse pra mim: *a senhora indo pra lá vai entrar na lei dos crentes. Aí eu digo: aaahh meu filho, está difícil que eu nasci na minha lei e nessa lei que eu tenho que teminâ a minha vida. O meu marido cansou de dizer que ele não ia ser crente porque ele não ia deixar a lei nossa pra ir pra a lei dos crente... nessa lei que ele nasceu e se criou ele tinha pra se acabâ e assim foi... Mas eu aceito a lei dos outro, todo mundo tem que se respeitâ, mas na lei deles não entro não vizinha, eu sou católica...*” (MARTINHA, parteira tradicional).

Importante ressaltar como a diversidade das representações religiosas na Ilha do Marajó mencionada por Maués (1990; 2005) se expressa nesta reserva nos relatos das parteiras, sejam elas crentes, católicas, ou da pajelança cabocla¹⁵.

Uma das questões que mais me impressionou –e ainda me impressiona– foi o fato de achar similaridades das religiosidades relatadas anteriormente por outros autores no universo das parteiras tradicionais de distintos lugares no Brasil. Muitas das suas rezas, rituais e santos coincidem com aqueles de outras regiões. Conversando com várias mulheres que já tinham sido atendidas durante os seus partos pelas parteiras da região do Rio Mapuá, várias mencionaram a reza para Santa Margarida, “poderosa oração para ajeitar *a útera*¹⁶, para deixar sair o “resto da criança¹⁷”, “o companheiro”...” mencionou Dona Cândida, da Comunidade Bom Jesus.

¹⁵ Segundo Maués (1990) no seu livro *A Ilha Encantada*, a pajelança é um conjunto de crenças e práticas xamanísticas que tem em suas expressões culturais diversos elementos da religiosidade indígena, africana e católica, misturados em distintos graus.

¹⁶ Interessante escutar o órgão feminino por ela mencionado: a útera (como substantivo feminino) se referindo ao útero (substantivo masculino).

“Valei-me Santa Margarida, nem estou prenha nem parida, sou de Deus favorecida, tira essa carne podre desta barriga. Ela reza três vezes essa reza quando fica o resto dentro da mulhê. Aí a Santa fica dentro da mulhê quando se reza e a coisa aí que vem... aí da uma dorzinha, aí a mulhê ajuda um pouquinho, aí é que sai...”. (CÂNDIDA, comadre da parteira Dona Joana).

Pinto (2010) também escutou essa oração na região do Tocantins nos atendimentos das parteiras quilombolas. Assim como, encontrei os relatos sobre a relevância desta santa nos documentos sobre parteiras tradicionais de Bessa (1997), Costa (2002), Chamilco (2001) e Dias (2002). Daí que vem meu questionamento: *como mulheres de regiões isoladas geograficamente aprenderam essas rezas, de onde vem esse saber?*

Elas são também adeptas a Nossa Senhora do Bom Parto, assim como à São Raimundo e São Benedito. Eles são os santos mais mencionados quando se trata de um parto, sua invocação faz com que eles ajudem para que tudo aconteça da melhor forma possível. Nossa Senhora do Bom Parto é chamada quando começa o trabalho de parto, enquanto São Raimundo e São Benedito são distinguidos por escutar súplicas de parturientes com muita dor e as ajudam para ter um parto rápido. Nos nascimentos difíceis são oferecidas as crianças para estes santos, motivo pelo qual no Baixo e Médio Mapuá existem muitas crianças, jovens e idosos com os nomes de Benedito, Benedita, Raimundo e Raimunda.

Existe nestes povoados um universo simbólico-cosmológico, mágico-místico que encerra um complexo entendimento sobre diversos assuntos sobre saúde e doença, sobre ciclos naturais e remédios. Dona Iracema relata como ela “se curou de ter mais filhos” com um remédio que poucos acreditam.

“Quando a minha cunhada morreu, eu estava com trinta e dois ano, foi quando eu parei de ter filho. Dizem que é um remédio tão bom quando a mulhê está menstruada passâ por cima de um que está morto... foi o que me aconteceu. Foi remédio memo, vizinha! Eu fiquei curada, graças a Deus, o dia que a minha cunhada se acabou. Aí eu digo: *se for remédio esse um, vai me curâ porque eu vou passâ!* E passei memo, por isso fiquei curada... E tem gente ainda que não acredita vizinha...”. (IRACEMA, parteira).

¹⁷ A placenta nesses povoados é chamada de “resto da criança”, “o companheiro” e também “parceiro”.

Nem todo mundo acredita, como ela menciona. Quando uma mulher menstruada passa por cima de uma pessoa falecida, ela fica estéril, não pode mais engravidar. Para essas populações, ao terem mínimo ou nulo acesso a recursos para tratamentos anticoncepcionais, estes métodos são reconhecidos e legítimos, são “remédios” para aqueles que acreditam.

Também existem crenças de entidades que as pessoas carregam no corpo, não só nestas comunidades, mas também em outras regiões amazônicas. A famosa “mãe do corpo” é uma delas. Acredita-se que nas entranhas da mulher, assim como na do homem, existe esta entidade misteriosa responsável pela força vital e regente da reprodução humana (PINTO, 2010, p. 273).

“Ela é a dona do nosso corpo como mulher, ela é o outro coração da gente, sabe? [...] Quando a gente não está bem com a mãe do corpo, quando ela sai do lugar, é ruim [...] Quando ela fica com vento, ela fica toda espalhada. Aí eu rezo para tirar aquele vento da corda do umbigo para a mãe do corpo se aquietar e dar sustância... A mãe do corpo é importante filha!”. (JOANA, bezedeira-parteira).

Dona Joana puxa e reza para a “mãe do corpo” voltar para seu lugar, enquanto outras puxam e fazem emplastos para agradar a mesma. Cada parteira tem a sua forma diferenciada de fortalecer esta entidade: umas recomendam remédios com plantas e árvores da floresta; outras misturam a sua sabedoria desses remédios com aqueles que vendem nas farmácias da cidade; outras acreditam que com o calor das suas mãos podem fazer com que ela se “ajeite”.

“Eu era puxadeira de barriga de mulhê [...] Quando estava gestante iam me buscar lá em casa, assim memo! Quando a pessoa chegava e eu era boa de saúde, as mulhê chegavam com aquele negócio da mãe do corpo, né? Sabe? Quando ela sai do lugar a gente tem que agradâ pra ela voltâ. Todas iam lá em casa para mandar eu puxar [...] era! Ajeitava tudo só passando a mão quentinha quentinha! Graças a Deus!”. (MARTINHA, parteira).

A mãe do corpo está localizada no baixo ventre e ela pode “sair do seu lugar” quando a pessoa não está comendo bem ou quando se encontra no meio de algum desequilíbrio emocional. As parteiras puxam, preparam emplastos e receitam banhos, defumações e comidas especiais de acordo com a necessidade de cada cliente.

“A mulher não pode ficar muito tempo triste, em depressão [...] A mãe do corpo fica fraca e a barriga fica cheia de ar e não consegue se alimentar direito. Qualquê coisa que ela comer não vai alimentâ... joga essa tristeza fora e te cuida filha! Ela é quem da a nossa saúde, tem que puxâ até várias vezes e comê direito pra dê sustância, aí ela vai voltâ”. (JOANA, bezedeira-parteira).

Todas as parteiras mencionaram este elemento mágico-místico como fundamental para a saúde e comentaram a importância de toda mulher se puxar depois do parto para ela ficar no lugar certo. Várias comentaram que a mãe do corpo é “quem cuida da nossa saúde”, ela é a responsável de que estejamos bem. Se ela não está bem, a gente passa mal.

Mas além desses cuidados, durante a gestação existe uma série de restrições quanto aos comportamentos da grávida. Por exemplo, a relação com os animais da floresta, de estimação e aqueles que servem de alimento é um assunto para se prestar atenção durante a gestação e no resguardo. Na Reserva é comum encontrar casas com animais de estimação como bichos preguiça, cutias, socós e alguns tipos de macacos. As parteiras e a população em geral do Baixo e Médio Mapuá acreditam que as mulheres grávidas não podem ficar muito perto destes animais, pois podem alterar o desenvolvimento da criança e o andamento da gestação.

Dona Intermerata narrou uma história sobre uma mulher da RESEX que cuidava muito de um macaco prego, ela pegava ele no colo, sentava o animal na barriga dela e até comia junto. Segundo a parteira, isso fez com que a placenta ou “companheiro da criança” tivesse características desse animal.

“O parto daquela mulhê demorou, demorou! Todos na família acharam que não ia dá certo [...] A gente só esperando ver se aquela criança ia ser normal [...] depois de um tempão o menino chegou! Ele era normal, mas getito getito¹⁸ [...] Quando ela se desocupou [...] menina de Deus! O companheiro era um rabo, parecia de cachorro, de macaco, sei lá! Tinha pelo, era de forma de lua! Eu desacreditei, nunca vi nada igual! Isso por ficar tanto tempo com esse bicho perto!”. (INTERMERATA, parteira).

¹⁸ Getito é uma expressão popular que caracteriza alguma coisa ou alguém pequeno.

Apresenta-se aqui um caso onde fica clara a concepção destas populações com respeito à relação com a natureza, sendo ela uma perspectiva ameríndia (SANTOS et al., 2016). Estes autores comentam sobre um caso no Município de Breves relatado por uma parteira sobre um “nascimento de criança preguiça”, onde a mesma argumenta que a gestante não respeitou determinadas normas, se expondo ao ponto de engravidar de um “não-humano”.

As parteiras conhecem um grande leque de histórias sobre casos estranhos, elas conseguem enxergar mais do que outros porque nasceram com “o dom de ver além...” comenta Dona Intermerata. Elas conseguem descobrir as causas, conhecer os sintomas e revelar os porquês daquelas situações.

Em relação a isso, elas narram também sobre outras doenças de causas espirituais, por exemplo, o “quebranto de criança”. Esta condição causa vômito, dor de corpo e mal estar nas crianças e se acredita que dá “quando se chega da roça com fome e pega aquela criança no colo” segundo Dona Intermerata. Dona Joana disse que este mal pode se apresentar por causa de um “olho gordo” ou inveja de outras pessoas.

Também escutei que é comum tanto crianças quanto adultos, sofrerem de repente do mal-estar chamado “doença do tempo”. Segundo Dona Iracema, a neta que ela cuida nasceu saudável, mas aos poucos meses de idade pegou essa doença e “ficou deficiente para sempre”. Ela explicou que esse padecimento aparece de repente e não tem cura, pois “paralisa o cérebro, as articulações”. A parteira considera que existem muitas doenças que não se sabe de onde vem e têm cura, assim como existem outras que não, pois “a vontade de Deus é que seja assim, e não tem jeito!”.

CORPUS- SABERES: conjunto de saberes das parteiras

As parteiras conhecem muitas curas para mal-estares comuns na RESEX, suas recomendações e práticas sempre permeadas pela fé nos elementos naturais, em figuras religiosas e entidades da floresta. São conhecedoras de remédios de plantas medicinais e de ervas do mato. Usam cascas, folhas, raízes e flores para curar uma grande diversidade dos males da população dessas comunidades. Elas conhecem sobre os ciclos naturais, sabem de doenças de suas curas; isto foi lhes ensinado oralmente pelas suas bisavós, mães, tias e outros ancestris.

É a partir dessa sabedoria sobre a natureza, das plantas, das seivas das árvores, das banhas de animais e recursos da floresta e do rio, que elas fabricam os remédios, poções, temperadas/garrafadas, chás, unguentos, banhos e emplastos para cuidar da saúde do povo mapuaense. Nas práticas específicas durante a gestação, parto e pós-parto elas utilizam diferentes técnicas para as distintas situações que se apresentam.

“O chá do parto só dão para uma mulher se ela está sentindo dor na barriga, dor de cólica. Se não estiver sentindo, ela está normal, ela não toma nada, né? Aí quando vem o bebê a gente faz um chazinho de hortelã, um chazinho de alfazema, aí dá para a criança no momento que nasce [...] Aí se a mãe não tiver o leite o que se faz é dar um pouquinho de chá pra a criança até criar o leite no seio da mulher [...] já pra o leite tem mais jeitos, né?”. (INTERMERATA, parteira).

Dentre as plantas mais mencionadas entre as parteiras das comunidades visitadas estão: a *mamona* e o óleo de amêndoas doces para a criança quando bebe leite ruim; a *manjerona*, a *japana branca* e a *alfavaca* para banho quando a mulher está com dor de cabeça; a *coramina* para o coração, fervendo a folha para fazer chá junto com a folha, casca ou flor da laranja da terra; a *brasileirinha* recomendam para parar a hemorragia da mulher depois de parir e também é usada em caso de picada de cobra; a *mucuracua* recomendam colocar a folha no álcool e passar na cabeça para aliviar a dor; a *corrente branca* serve para curar a diarreia e também para dor de cólica: “você pega e coloca com a batata do *parupai* e faz o chá para a gente tomar” (IRACEMA, parteira).

E assim, existem outras plantas que elas usam tanto para as gestantes quanto para outras pessoas que chegam para serem por elas atendidas. As parteiras põem à disposição de toda a população dessas comunidades seus saberes, elas se sentem valorizadas e respeitadas.

“As pessoas vem me procurâ, assim porque eu cuido e eles gostam de mim! É porque eu tenho a *catanga de mulata*, aquela plantinha que está ali! É cheirosa cheirosa, sabe? Por estes lados poucas têm, quase não se vê... ela é boa para quando a pessoa pega aquela doença, assim que se enrola tudo, né? A gente pega esse remédio aqui e ferve, depois esfrega na mão um pouco e afomenta¹⁹ tudinho: a garganta, a barriga, a gente afomenta

¹⁹ “Afomentar” é um termo local que se utiliza para se referir á fazer uma massagem.

tudo... fica cheirosa, cheirosa, cheirosa!”. (IRACEMA, parteira).

Durante a gravidez elas têm as suas prediletas, além das rezas, estes elementos formam parte do ritual do nascimento nestes espaços. As parteiras contam com um amplo leque de opções para o momento que elas precisem utilizar aquelas plantas que têm à mão: “a gente faz um remedinho daqui, dacadá, o que se tenha, né? Aí a gente da pra a mulhê e ela se sente melhor, porque estar gestante não é tranquilo vizinha, sabe?”, explicou Dona Maria Isabel.

“Esse daqui é *truverã*, é bom para hemorragia. Isso aqui é bom para dor de cólica, a gente pode fazer quando está na menstruação. Se sentir dor de cólica a gente pega uma folha dessa e uma folha da *corrente branca*, aí ferve e da para tomar. E o chá desse aqui ele é verde, mas a folha dela fica rosa.”. (MARIA ESTENI, parteira).

Elas não só recomendam, mas também as utilizam para melhorar a sua própria saúde. No seguinte relato, Dona Joana conta como ela tem se tratado de pedras na vesícula durante um ano com um remédio que toma todos os dias.

“Canafixe, rimchão e quebra-pedra branco, isso para desmanchar as pedras que tem na vesícula da gente. Eu acho que o meu, tenho fé em Deus que não tem mais, já está com um ano que estou tomando tudo isso, eu tomo todo dia. Eu faço duas garrafinhas dessas cheia, aí eu tomo de manhã em jejum [...] Aí as horas que eu me lembro no dia eu venho e tomo de novo. De manhã cedinho eu vou escovar os dentes e venho logo a tomar o meu remédio. É bom para tudo! A minha filha era ruim, doente do rim, aquela que mora para Macapá, ela ficou bem com isso.”. (JOANA, benzedeira- parteira).

As parteiras são donas e guardiãs de uma sabedoria que abrange desde as formas de uso dessas plantas, quanto os lugares aonde lhes encontrar e como lhes cultivar. Além disso, sabem preparar os remédios, sejam os óleos para puxar as barrigas das gestantes, as preparações para endireitar as crianças para nascer sem perigos, ou as garradas/temperadas do pós-parto.

“A temperada no vinho ou na cachaça bota: *verônica*, essa *unha de gato*, folha de *arruda*, *alecrim*, *alfazema*, o alho que é muito remédio pra muita coisa [...] Tem que tomar no resguardo inteirinho pra desinflamâ a cama da criança logo.”. (MARIA ISABEL, parteira).

As temperadas ou garrafadas foram mencionadas por todas elas como estritamente necessárias para o resguardo. Cada parteira faz sua própria receita, com as diferentes plantas e suas

variadas formas de apurar o remédio. Algumas começam a preparação um mês antes da data prevista para o nascimento, para que esteja pronta no pós-parto imediato; outras a fabricam uma semana antes do parto e começam o tratamento duas ou três semanas depois de pegar o nenê nas mãos.

As oito parteiras ressaltaram a importância de amamentar as crianças até que elas mesmas deixem o peito. Porém, muitas mães têm dificuldade pois algumas não produzem leite no momento que dão a luz. As parteiras Dona Intermerata e Dona Julieta mencionaram que usam técnicas especiais para que a mulher “crie leite no peito”. As duas já fizeram para elas mesmas os diferentes tratamentos e deram certo, pelo que recomendam quando a mulher tem dificuldade de amamentar por falta de leite no peito. Elas colocam num pano pequeno uma colherada de sal, como se fosse um saquinho, e amarram no pescoço da mulher. Outra prática é puxar o peito com bastante manteiga, duas vezes ao dia. Também acreditam que colocar água para ferver numa panela com tampa para depois pegar o suor da tampa e com isto massagear os peitos funciona, se faz por vários dias.

Elas consideram que para ter um parto seguro é fundamental que a criança esteja na posição cefálica, ou seja, com a cabeça para baixo no ventre. Para que isto aconteça elas puxam e “endireitam” a criança para se posicionar para o nascimento. As parteiras entrevistadas comentaram sobre o momento oportuno de puxar, sendo que no final da gravidez é melhor utilizar a técnica do alho.

“Pra virâ a criança, a gente só vira quando estiver muito madura se tiver o alho, porque tem muita criança que vira de cabeça pra cima. Aí o cara tem que ter o alho que é pra poder virâ. Bota na boca da noite, toda noite para se ajeitar.”. (MARIA ISABEL, parteira).

Várias delas relataram a eficácia dessa técnica para a criança se colocar na posição desejada para um parto vaginal sem complicações. Elas picam de cinco a dez dentes de alho e misturam com algum óleo (pode ser de cozinha, de andiroba ou coco). Colocam na barriga da mulher e fazem só uma leve massagem, tentando deixar os alhos numa linha longitudinal. A criança parece que se incomoda com o cheiro do alho e ela sozinha vai se deslocando até a posição cefálica.

Assim como o alho ajuda nessas circunstâncias, outros remédios são utilizados para diferentes situações que aparecem antes, durante ou depois da gravidez. Como mencionei anteriormente, para elas a mãe do corpo é uma entidade muito importante e existem diversas formas de agradá-la. A Dona Joana costuma fazer um tratamento de emplasto, que consiste em colocar uma série de ingredientes no ventre da mulher e cobrir com um pano, o procedimento é repetido durante três dias.

“A mãe do corpo da gente, quando a gente sente que ela está muito fraca, dá uma dor na barriga da gente, na boca do estômago [...] A gente faz um emplasto de alfazema: a gente pega alfazema e torra bem torradinha e bota num pano. Aí a senhora pega um ovo de galinha, tira só aquela gema, coloca vinho de uva, aí você coloca o leite... e se não tiver o leite moça que a gente chama, né? A gente bota o leite ninho, pode colocar [...] Coloca um pouco de manteiga, aí você arranja o jambú e bate. A senhora tira um pouco daquele sumo. Aí a senhora pega um pedaço de pano, faz um buraco para a respiração do umbigo [...] Pode botar na barriga tudinho! São três emplastos, melhor na boca da noite.”.
(JOANA, benzedeira-parteira).

As influências da pajelança cabocla como Maués (2005) destaca, se expressam nas diferentes formas de interpretação das doenças e nas diversas curas. O autor coloca que existem doenças de corpo e doenças de espírito e para cada uma delas existem variadas formas de cura. No caso da RESEX em estudo, a doença de espírito mais mencionada pelas parteiras foi o “mal olhado” ou “olho gordo”, que pode ser tratado com vários recursos com que elas contam nesta região. Dona Joana, por exemplo, reza e coloca unguento na testa a base de café e folha seca de algodão. Já Dona Julieta recomenda defumações por toda a casa com o rabo do tamanduá bandeira, animal que segundo ela espanta as vibrações negativas do mau olhado. “A unha da preguiça é bom para dar sorte” disse a Michele, neta de parteira. Ela coloca atrás da porta como a sua avó lhe ensinou para proteção contra o “olho gordo” e para atrair prosperidade.

Figura 24. Unha da preguiça utilizada para espantar o “mal olhado” é colocada do lado de trás da porta da entrada das casas.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Muitas parteiras destacam que no período desde a gestação até terminar o resguardo, as mulheres devem ter cuidados especiais por estarem “mais abertas ao mundo”, comentou Dona Joana. É por este motivo, que parte do trabalho das parteiras é orientar sobre cuidados, restrições e proibições em vários contextos.

“O resguarde da mulher, não pode pegar a chuva nem aquela treboada da chuva que dá [...] De comida: certos tipos de comida não pode comer. Na gravidez aquele negócio de comida enviada não é bom a mulher comer. As vezes a mulher passa mal, acontece que a mulher pode perder a criança [...] Não é bom comer da gente de fora, por causa que muitos não faz boa limpeza, sabe? [...] As vezes a pessoa fica ruim com a marisca. Porque é assim: se é do marido da gente não tem problema, até de conhecido da gente também não, agora se for de gente de fora, não é bom!”. (JOANA, benzedeira-parteira).

Motta Maués (1993) menciona que as restrições alimentares em comunidades tradicionais na Amazônia se manifestam durante a gravidez e o pós-parto, já que é considerado como um tempo de vulnerabilidade da mulher. Nascimento Silva (2008) destaca a responsabilidade das parteiras em comunidades isoladas, onde são elas que orientam sobre os “perigos” do consumo de certos alimentos. Por exemplo, a parteira Dona Maria Isabel comenta dos cuidados que se devem ter com a carne de caça a partir da sua própria experiência.

“Durante a gravidez ela pode comê verdura, ovo, açaí, até carne de caça. Não tem problema, só que não pode ser a boia dos outros, assim caça que os outro mata, né? Só do marido! Eu não era de todas as pessoas que eu comia viu, porque as vez passa que eles tratam diferente, falta uma lavagem, passa a espingarda por cachorro as vez [...] Tem muita mulhê que perde assim a criança. Eu já tive uma assim, aí eu aprendi e nunca mais!”. (MARIA ISABEL, parteira tradicional).

A mesma parteira narrou das suas formas de fazer a comida, ressaltando que a mulher de resguardo precisa ter cuidado com os alimentos “reimosos” e a “boia brava”.

“Eu faço sempre uma galinha do terreiro que a gente cria, coloco comida no fogo, depois eu tempero bem porque a comida da mulhê de resgarde não é salgada, ela é bem insossa. Coloco bem o alho, aí tem delas que come temperado, tem outras que não é acostumada e não come [...] Aí eu faço aquele pirão bem mole com aquela farinha bem escaldado, né? Aí primeiro eu dou esse caldo e depois eu dou a comida [...] Tem que ter um cuidado, né? Não deixar afumaçar, se vai comê com açaí com carne tem que ser bem assadinha e sem sal porque as vez da bochechado na mulhê quando está muito salgado, disenteria. A mulhê durante o resgarde não pode comê comida reimosa, só quando terminar que pode, é por causa da criança, né? Negócio de peixe de pele, assim boia brava... tem que ser leve: uma galinha, um charque bem tirado o sal, a farinha não pode ser azeda, nem o açaí [...] são cuidados que tem que ter.”. (MARIA ISABEL, parteira).

Os termos “reimoso” e “boia brava” nestas comunidades são utilizados como sinônimos de alimento pesado que pode ser perigoso para uma mulher no período de resguardo ou quarentena. São usualmente carnes de animais de caça, que ao serem consumidos pode causar problemas de digestão ou alimentos que fermentam rápido como o açaí e a farinha. As parteiras do Rio Mapuá consideram como comida reimosa: a carne de anta, de veado, carne de macaco e peixes de pele.

A transmissão dos saberes de partejar

Existe todo um universo de saberes por elas recebido através da oralidade por suas ancestrais. Estes conhecimentos e suas práticas são transformados dia a dia junto com a acumulação das suas experiências durante o ofício. As tradições de cura são parte destas comunidades e, ainda que sejam as mais antigas, as que põem em prática estes saberes, a perspectiva delas é repassá-las para outras mulheres o que elas conhecem.

Este fato ficou muito claro durante a participação da Dona Intermerata e Seu Galo na palestra que acompanhei na CFR. Os estudantes, professores, administrativos e colaboradores solicitaram a presença deles na construção de um projeto sobre “Plantas medicinais de uso popular na RESEX Mapuá”. Nesse espaço foi discutida a importância dos jovens se aproximarem dos antigos e conhecer os recursos da floresta para a medicina da população.

Dona Intermerata relatou algumas experiências com plantas e remédios durante partos difíceis. Destacou o conhecimento do Seu Galo, ressaltando sua sabedoria aprendida com sua bisavó Frozina, que “era parteira, benzedeira e índia”. A parteira narrou a participação da Fabiola, uma das suas filhas, em vários partos que ela acompanhou, incentivando às mulheres presentes a ter coragem para entrar nesse universo de solidariedade feminina.

Por outro lado, as demais parteiras mencionaram a sua preocupação sobre quem iria herdar essa profissão. Dona Maria Isabel comentou que não está ensinando ninguém, mas tem a certeza que alguma sobrinha vai se animar no dia em que esta seja sua única saída. Ela está inconformada porque nenhuma das suas filhas quer aprender, mas disse ter vontade de compartilhar esse conhecimento com outras mulheres, para que elas não se “aperreiem” numa situação de surpresa.

A mesma situação acontece com a Claudiene, filha de uma parteira tradicional conhecida como Dona Fatinha, que manifesta não ter a coragem, mas acredita que sua irmã Freydiane poderia assumir o trabalho da mãe.

“Eu não tenho coragem! Só minha irmã, ela tem vontade. A Freydiane às vezes acompanha, ela vai com a mamãe... Eu não consigo, me dá medo, não tenho essa coragem.”. (CLAUDIENE, filha de parteira).

No caso da Dona Iracema ela destaca o papel da sua mãe, grande parteira, que ensinou ela sobre parto, os remédios do mato e as plantas medicinais para auxiliar mulheres grávidas. Ela resgata das suas memórias o que aprendeu com ela e ensina da mesma forma às suas filhas.

“A minha mãe sabia de muito remédio, sabia de roça, de mato [...] Ela era parteira. Eu aprendi com ela a plantâ, puxâ, pegâ criança, curtâ umbigo [...] Ela sempre nos ensinava do que ela sabia e assim eu faço com as minhas filhas. Eu tenho uma filha que já pegou criança, já pegou um nenezinho.”. (IRACEMA, parteira).

A Michele, outra interlocutora neta de parteira e nora de Dona Julieta relatou, enquanto caminhávamos no meio da floresta e no seu terreiro, os poderes medicinais de cada planta e árvore que ela mesma plantou e cuida. Ela descreveu como ela prepara a terra para plantar, os lugares que cada uma delas gosta de crescer e dos cuidados especiais que cada uma precisa. Ela aprendeu com a sua avó Azélia e não descarta a ideia de um dia ser parteira.

“Esse negócio que eu sei de planta foi desde eu criança que aprendi, desde quando eu morava com a minha avó Azélia, ela é parteira, está com uns 80 anos [...] Ela morava no Mapuá, lá pra cima, mas agora mora em Breves. Ela gostava muito de plantâ, eu morava com ela, aí eu plantava com ela [...] Eu acho que eu puxei pra ela, por causa que eu mexo com negócio de rasgadura, ou puxar barriga quando doe [...] Mas negócio de mulher grávida eu nunca puxei porque eu tenho medo! [risada] Só que eu não sei, quem sabe quando eu ficar mais velha quem sabe, né? Eu sei fazer muito remédio, esse negócio de remédio caseiro, sabe? Tudo o que eu aprendi com ela, quando tem uma pessoa doente faço assim: faço chá até que dé certo e sempre da certo! Negócio de dor no estomago, quando está com diarreia e assim [...]”. (MICHELE, neta e nora de parteiras).

A transmissão de saberes permite que estes se reinventem e se transformem. As parteiras do Baixo e Médio Mapuá desejam repassar sua sabedoria para as mais novas e assim valorizar essa memória ancestral, como a Dona Intermerata colocou na palestra: “Essa medicina tradicional é nossa, e nosso papel é dar para ela seu valor!”.

PRÁXIS- PRÁTICAS: fazeres nas mãos das parteiras

As práticas que envolvem o ofício de partejar são várias e existe uma série de diferenças entre os serviços oferecidos pelas parteiras. Nestas comunidades, dependendo do contrato com a família da gestante, elas oferecem puxação durante a gestação, acompanhamento do trabalho de parto, preparação da primeira “boia” (comida) no pós-parto, lavagem das roupas da parturiente e usualmente retornam dias depois para puxar de novo.

As parteiras costumam puxar nas casas delas e para os partos se deslocam para a casa da parturiente. Os horários de atendimento das puxações poucas vezes são marcados por causa da falta de meios de comunicação, já os acompanhamentos do parto podem ser em qualquer horário. Dona Martinha relatou como ela atendia os partos a qualquer hora, os cuidados que tinha com a parturiente e a “boia” ou comida que preparava especialmente para elas.

“Quando dava dor para ela ter, aí eu ia. Se fosse de dia era de dia, se fosse de noite eu ia à noite [...] Já no outro dia eu ia me embora, deixava todas as roupas dela lá todo lavado, deixava ela ajeitada e vinha me embora pra minha casa [...] Eu fazia boia! Era galinha, que mulhê gosta de criar galinha, né? E outra boia não pode fazer porque ela não pode comê, né?”. (MARTINHA, parteira).

Seu Antônio-Musuã lembra suas experiências com os atendimentos dos partos de seus filhos e filhas. Descreve a “boia” que era preparada no pós-parto imediato e conta sobre o retorno da benzedeira-parteira Dona Joana oito (8) dias depois do parto.

“Cozinhava era sempre frango, galinha do terreiro. Fazia um cozido ali de calda e a mulher se dava bem! E assim, ela acompanhava durante os oito dias, puxando, vendo a situação de como a mulher ia ficando e [...] é isso o processo. Depois dos oito dias a mulher já se vira nos tempos, já fazendo comida e lavando.”. (ANTÔNIO-MUSSUÃ”, compadre da parteira Joana).

Durante o trabalho do parto e na hora de pegar a criança, elas têm estratégias para facilitar o nascimento. Algumas mencionaram a importância de colocar a mulher na posição que ela se sente confortável, que ajude para um parto rápido e exitoso.

“A mulhê quando ela está custando se desocupâ o cara tem que botâ a mulhê numa posição que ela esteja cômoda, porque se ela estivesse muito deitada pra trás ela não tem o resto da criança. Ela tem que vir mais pra frente assim [...]”. (MARIA ISABEL, parteira).

Dona Maria Isabel relatou que existem muitas posições que podem parecer estranhas, mas que o importante é que a mulher se sinta segura e possa ter força para que a criança “encontre seu caminho” e a mulher possa desocupar rápido. Comentou preocupada que os médicos da cidade não sabem sobre isso e que preferem “cortar a mulhê”, se referindo ao processo de intervenção cesariana.

Em relação com as posições de parto, Dona Martinha comentou que ela ficava tranquila quando acompanhava um parto no Mapuá, já que as pessoas estão acostumadas com a rede, elemento fundamental, segundo ela. A rede é característica da região norte, aparece nas paisagens em geral da região amazônica. Ela se encontra nos barcos, nas casas na hora de dormir à noite, no “cochilo da tarde”, ela é protagonista de alguns nascimentos destas regiões. As parteiras utilizam os elementos com que elas se relacionam, para atender os partos de uma forma única e exclusiva nas suas comunidades.

“Eu me pegava com Deus, nera? Deus é quem me ajudava em tudo o que eu pedia pra ele e prontamente me ajudava... mas como diz o outro: *não tinha negócio de embarço!* Todas tinham o filho bem. Aí se desocupava, aí eu puxava e deixava ela na rede [...] As vez ela tinha até na rede a criança, o companheiro e tudo! Aí tinha depois que lavâ, mas sempre tem em casa uma outra para ela se deitâ logo... Aí eu ia fazer boia, lavava a roupa e botava no sol, depois pegava e ia me embora [...]”. (MARTINHA, parteira).

Mas as parteiras não podem fugir da realidade das condições, muitas vezes precárias, que se apresentam nestas comunidades. Elas lidam com situações de doença que são comuns nestes espaços, como por exemplo, a malária. A benzedeira-parteira Dona Joana relatou que ela já teve malária nove (9) vezes e que teve que parar os atendimentos para cuidar da sua saúde na cidade. A parteira Dona Julieta conta também que sua filha Nazaré precisou de ajuda especial no pós-parto por apresentar a mesma doença.

“Eu foi cuidar da Nazaré depois que ela teve a bebê porque ela estava muito doente [...] Ela estava com malária. Aí eu fui ajudar ela fazer as coisas porque ela não podia por causa do resguardo também.”. (JULIETA, parteira).

A Dona Intermerata, ao ser a única registrada oficialmente²⁰ como parteira, teve a oportunidade de receber um curso de capacitação com o Grupo Curumim e um “kit” com instrumentos para os atendimentos. Durante o curso, em 2003, ela recebeu sua bolsa com “tesoura (dentro de uma caixa para uso no parto), luvas, álcool iodado, pedaços de linhas esterilizadas para amarrar o cordão umbilical, balança de tração com gancho, lanterna e pilhas novas, escova de unha e sabão de barra, algodão e gaze, “Livro da Parteira”, lápis, borracha, panos limpos, sombrinha ou capa de chuva, Pinard para ouvir o coração do bebê, fita métrica, toalha de mão, forro plástico, bacia pequena e tesoura para uso pessoal” (BRASIL, 2000: p. 62). No entanto, na visita mostrou que só conta com o livro, as tesouras e mercúrio para queimar o corte do umbigo devido a que não quer atender mais partos pela sua idade. Também mencionou que “é só de pegar lá na Secretaria Municipal que elas dão de novo”.

Infelizmente, nem todas têm acesso a esse material. Muitas utilizam o que têm em casa ou pedem para a família da parturiente comprar em Breves. Muitas delas contam com os recursos econômicos para comprar as ferramentas necessárias para acompanhar o parto. Procuram ter alguns elementos básicos de higienização como cachaça e para estimular a cicatrização do umbigo elas usam algumas plantas medicinais e outros remédios como o *azeite doce*.

“Eu não levo nada, porque eu não sou parteira memo, assim fichada, né? As vezes eu levo cachaça, vinho, *alfazema*, *azeite doce* pra passâ no umbigo da criança pra ele cáf [...] Tudo isso precisa [...] Mas a mulher tem que ter tudo em casa porque a gente não tem [...]”. (MARIA ISABEL, parteira).

Contudo, mesmo se elas não têm nenhum dos elementos acima citados, elas socorrem as mulheres que as procuram. Acompanham a gestação, o parto e o pós-parto oferecendo uma série de serviços que o sistema de saúde não oferece à população. O carinho, a confiança e o poder que elas têm nas mãos, faz com que muitas prefiram ficar em casa com esses cuidados e não utilizar os serviços oferecidos pelo sistema público na cidade.

²⁰ O registro é feito pela Prefeitura Municipal de Breves, Secretaria Municipal de Saúde e a Divisão de Atenção Básica. Eles oferecem cursos de capacitação, fornecem o “kit da parteira” e uma carteira de identidade como “Parteira” que lhes permite ter acesso ao hospital público junto com a parturiente.

“Quando a gente vai pra Breves os médicos cortam a gente! É mesmo! Eles gostam de abrir mulher, furam tudinha [...] Eu não saio daqui, se não está àquela parteira, está outra, e se for preciso até sozinha me viro! Mas pra cidade não vou pará!”. (CLARA, comadre da parteira Dona Maria Esteni).

Um dos assuntos mais discutidos na academia e na política ao redor do parto domiciliar trata-se da violência obstetra nos hospitais. Mulheres são submetidas a cirurgias e medicalização desnecessárias em muitas ocasiões, o que leva muitas delas a procurar o conhecimento e cuidado de uma parteira para acompanhar o parto domiciliar (ODENT, 2003). As mulheres do Baixo e Médio Mapuá não fogem desta lamentável realidade, fazendo com que o trabalho das parteiras, nesse espaço, seja valorizado e priorizado frente ao sistema oferecido pelo SUS.

Puxar

Figura 25. Dona Joana puxando a Sandra, gestação de 7 meses.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Os atendimentos pré-natais que as parteiras tradicionais oferecem têm um papel fundamental na saúde das gestantes e das crianças por nascer. Elas “puxam”, “endireitam a criança na barriga” quando está incomodando a mãe e algumas rezam.

“Puxar barriga de mulher” é um dos mais importantes atendimentos que as parteiras desta RESEX oferecem para as gestantes. Consiste em uma massagem abdominal para conhecer como está a saúde da criança, a idade dela e algumas vezes para saber o sexo. Além da questão física, o momento da massagem se presta para compartilhar saberes, conhecer sobre o estado emocional da parturiente, saber a situações de “risco”²¹ que podem acompanhar o parto e para comentar sobre acontecimentos recentes na RESEX.

Fleischer (2006) faz uma análise sobre a importância da puxação das parteiras nos Município de Melgaço e Breves, na Ilha do Marajó. Sugere que esta prática permite que o papel das parteiras permaneça respeitado. Ela ressalta que a puxação é mais do que uma massagem, e mais do que uma consulta. De igual forma em que acontece no Baixo e Médio Mapuá, em Melgaço é o atendimento que as parteiras fazem com maior frequência.

Tanto para as parteiras mapuaenses estudadas como para as mencionadas por Fleischer (idem), é essencial puxar uma mulher antes de assistir ela no parto, pois a partir da massagem conseguem diagnosticar algum sintoma de “risco”, reconhecer a posição do feto e prognosticar se será ou não um parto difícil.

“Eu acho mesmo melhor assim, que venha falar pelo menos assim um mês e até antes. É pra a gente cuidá melhor daquela mulhê, para saber como é que está a criança. Eu vou puxar, e aí eu vou sabê se aquela criança é normal dentro, porque eu conheço, sabe? Tem uma criança que tem uma película dentro, aquela criança é um perigo para ter [...] Aí tem uns que é soltinho, aí eu conheço tudinho na barriga da mulhê [...] Aí eu na hora que vem nascer essa criança eu tenho que dar meu jeito lá primeiramente para não ser só a mulhê. Eu dou uma força!”. (MARIA ESTENI, parteira).

²¹ Risco neste contexto se refere não só ao estado físico e emocional, mas inclui situações sociais e do entorno que podem afetar o andamento da gestação. Por exemplo, Fleischer (2006) ressalta como alguns “riscos” marajoaras os seguintes: disponibilidade de transporte, acesso a recursos para viajar para a cidade em caso de emergência, relação com o pai da criança e histórico de saúde gestacional da gestante.

Ademais a puxação é uma forma de descobrir a gravidez, como conta a Clemilda, comadre da benzedeira-parteira Dona Joana e afilhada da parteira Dona Julieta.

“Quando fiquei grávida do meu primeiro filho, eu já sabia... mas fiquei escondendo para mamãe que estava grávida [...] Aí não teve jeito, ela mandou chamar a velha Joana e só quando ela mandou me puxar que mamãe descobriu, eu estava com cinco (5) meses.”.
(CLEMILDA, comadre da benzedeira-parteira Dona Joana).

Mas a puxação não é só uma questão de massagem abdominal. É o espaço onde mulheres grávidas ou que quer, engravidar aclaram muitas dúvidas sobre a gestação, sobre amamentação e até sobre questões de família. Acaba sendo um momento de conversa sobre assuntos pessoais, sobre a vida e a comunidade em geral. Muitas perguntam sobre sensações, dores e incomodações que sentem devido a gravidez. É através da puxação que se estreitam os laços de intimidade e confiança entre a parteira e a gestante (PINTO, 2010, p. 274).

As conversas durante os atendimentos são diversas, algumas falam sobre as recomendações das comidas, outras sobre os cuidados que devem ter no trabalho em casa e na roça e até sobre o futuro das crianças por vir. Nestas comunidades a puxação representa o sistema de saúde nos diferentes ciclos do ciclo reprodutivo. Muitas mulheres procuram as parteiras com “dor de cólica”, outras por “suspensão” ou ausência do período menstrual, assim como mulheres que tenham passado por abortos recentes.

É importante ressaltar que receber uma puxação não se restringe ao sexo feminino, os homens também podem receber este atendimento. O ato de puxar refere-se a fazer uma massagem que pode ser feito também num braço que está fora do lugar, uma perna que machucou, e até osso quebrado. Também pode se puxar a área abdominal para diagnosticar o estado do corpo em geral, tanto de mulher quanto de homem.

Figura 26. Parteira Dona Iracema puxando as costas da sua neta Simone.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Na RESEX Mapuá, a puxação é um ato que não é só feito pelas mulheres parteiras. O senhor Antônio “Galo” Gonçalves, bisneto e irmão de parteira, é reconhecido por puxar ossos e músculos fora do lugar, assim como pelos remédios que faz da medicina da floresta. Ele conta com uma fama de “bom puxador”, ele é procurado até pelas parteiras para ajudar em alguns trabalhos complicados. Ele relatou que tudo o que ele sabe foi transmitido pela sua bisavó Frozina, que “era parteira descendente de índio”. Ele mencionou que não puxa grávida: “Isso pode dar confusão, é coisa de mulhê pra mulhê, eu nunca aprendi, mas se precisar ajudo na hora do parto se tiver aperreio, mas é só se for preciso [...]”. A fala reforça o já mencionado sobre a relação entre mulheres durante este período, sendo um momento íntimo e de confiança que vai sendo construída a cada visita, a cada puxada.

Figura 27. O Senhor Antônio “Galo” Gonçalves puxando o braço “fora do lugar” do seu amigo Lula.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Assim como Seu Galo, Pinto (2010) no seu livro sobre “mulheres de dom” menciona que na povoação de Umarizal, na região de Tocantins “apenas um homem, o velho João Baiano, exercia a função de curador”. Também menciona “O senhor Sinfrônio, quem somente partejava se houvesse uma parteira auxiliar”. Eles dois são mencionados nos seus povoados como lideranças, como no caso de Seu Galo.

Relato de uma experiência: sentindo a cura

Ainda escutando relatos sobre a puxação e acompanhando alguns atendimentos, ficava me perguntando: *o que sentiram estas mulheres ao serem puxadas? Será que doi? Será que é relaxante? Será que transforma? Será que movimenta algo mais profundo que só o corpo físico?*

Acompanhei algumas delas nos atendimentos, principalmente a Dona Iracema e Dona Joana. Mas ainda ficava curiosa do que despertava no corpo das mulheres e homens que elas puxavam. Foi assim que eu me propus ser cliente delas, conhecer pela minha pele o que é uma puxação. Tive a honra de ser atendida: Dona Iracema, Dona Joana e finalmente por Dona Intermerata. Cada uma delas de forma diferente, delicada e amorosa aceitaram me afomentar e devo dizer que foi uma das experiências mais ricas que tive em campo.

Primeiramente me encontrei com as cálidas mãos da Dona Iracema. Mulher de família numerosa e cheia de histórias para contar. Ela colocou um pano no chão da cozinha a sua casa e falou para sua neta fazer um cafezinho para nós. Enquanto ela fazia o sinal para eu deitar no tapete, eu contava para ela que três meses atrás eu tinha passado por uma situação de aborto com três meses de gravidez. “Pois é vizinha, somos da morte e da vida, isso é ser mulher...! Mas te acalma que já vou endireitar essa sua útera pra você engravidâ logo[...]”.

Pegou um pote com óleo de Andiroba: “Eu tiro óleo de andiroba, é o especial pra puxar barriga da mulhé, né? Eu arrumo um pouquinho, dou pra uma vizinha, dou pra outra, dou pra minhas filha [...] Sempre é bom ter [...]”. Esfregou as mãos e começou passar na minha barriga. Ela contou das propriedades desinflamatórias deste óleo e como desde criança com sua mãe tira-o da semente dessa majestosa árvore. Enquanto a gente conversava ela colocava o dedo indicador e o dedo do meio da sua mão direita sobre meu umbigo, aí ela torcia e esperava, parecia que queria escutar alguma coisa mas não conseguia. Finalmente ela ficou olhando profundo nos meus olhos e falou:

“Vizinha, a sua mãe do corpo está muito fraca, está fora do lugar e precisa de se tratâ! A senhora vai fazer um emplasto com o leite do Ananí, aquela árvore alí! Ainda está inflamada essa a tua útera, a senhora vai beber o chá de verônica todo dia de manhã e a tarde. A senhora com a graça de Deus vai ficar boa sim! Não esquite cabeça!”.

Eu levantei e abracei ela, agradecendo o carinho e o seu trabalho e ela dando risadas e oferecendo um cafezinho para continuar a conversa. Senti uma tranquilidade que fazia tempo não conseguia ter e gratidão ao conhecer o poder nas mãos dessa alegre mulher da floresta.

A segunda experiência que tive foi na casa da Dona Joana, conhecida em todas as comunidades visitadas pelas suas suaves mãos e poderosas rezas de cura. Ela preparou o quarto de trás, tirando as redes e colocando um pano no chão. Pegou seu óleo de cozinha, um de soja que ela

usa para esses atendimentos, e sentou do lado do mano com as pernas cruzadas. “Te afomenta Natalia!”, eu deitei e subi a camisa expondo a barriga. Ela esfregou as suas mãos com um pouco daquele óleo, seguidamente juntou eles de frente ao seu coração e fez o sinal da cruz. Botou as mãos na minha barriga e começou em voz bem baixinha a rezar e puxar. Colocava a mão direita aberta balançando do polegar, que botava no umbigo, ao dedo mindinho que ia fazendo uma volta pela barriga toda. Ela continuou rezando baixinho, sem me perguntar nada e bem concentrada na sua oração. Depois de uns quinze minutos ela parou, fez de novo o sinal da cruz e olho para mim dizendo:

“Não te preocupe minha filha, tu vai ficar grávida este ano ainda, daqui a pouco tu vai lembrar da velha Joana! Já tirei o ar da tua barriga, a tua mãe do corpo vai ficar no seu lugar e tu vai cuidar dela para ela ficar forte, né filha?”.

A Dona Joana, mulher de mãos macias, de rosto doce e coração de mãe. A sua puxada e rezas me trouxeram lembranças do carinho da minha avó, do seu poder nas mãos e da energia puríssima de alguém com o dom de cura.

A última em me puxar foi a Dona Intermerata, mulher de corpo grande e sorriso enorme. Ela me convidou no quarto dela, onde tinha já limpado e deixado bem cheiroso com óleo de abacate. Deitei encima de um lençol que ela tinha colocado no chão, ela fechou a porta e começamos a falar sobre a vida. Ela perguntou sobre meu ciclo menstrual, sobre meu companheiro de vida e a forma em que eu acostumava me alimentar. Levantou a minha camisa e botou óleo de abacate na minha barriga, e começou fazer uma massagem leve. Ela colocava, assim como Dona Iracema, o dedo indicador e o do meio no umbigo e girava para “sentir a mãe do corpo”. Ficava observando a pulsação do meu ventre e falava: “está fraquinha fraquinha [...]”. Depois de fazer isso três vezes falou para mim: “amanhã eu vou te puxar de novo, essa tua mãe do corpo está muito fraquinha, você precisa se alimentâ!”. Ela se levantou e pegou os meus braços, os cruzou e estirou. Depois pediu para eu ficar com o quadril do lado falando: “Tu não te afomentou depois de ter esse teu filho? Mas menina! O teu quadril está exposto, aberto tudinho, é perigoso [...] Deixa eu te ajeitar [...]”. Ela sentou encima de mim, dando pulos pequenos umas quatro vezes. Foi depois que ela se levantou e me fez levantar junto, pediu para eu fechar os olhos e puxou o meu cabelo do centro da cabeça para cima: “eu vou te ajeitar, não te preocupe!”.

Foi maravilhoso! No dia seguinte o mesmo procedimento ao chegar a noite. Ela comentou que não era para eu fazer esforço porque a minha mãe do corpo saiu do lugar por causa disso. Agradei os conselhos e todo o carinho que recebi com o atendimento.

Os três atendimentos fizeram com que meu corpo e espírito sentissem a força das mãos dessas mulheres. Foi uma comunicação corpo-corpo, espírito-espírito, uma energia que dificilmente pode ser compreendida ou descrita, porém o que eu senti foi inesquecível e mágico.

CAPÍTULO IV: “A VELHA JOANA”: história de vida da benzedeira-parteira

Figura 28. A Velha Joana.



Desde o momento que me dirigia à residência da Dona Joana soube que a minha perspectiva da história do Rio Mapuá ia se transformar. Muitas pessoas já tinham me mencionado a sensibilidade que ela tem para com a comunidade e como ela é considerada uma parteira de referência entre as parteiras e famílias do Baixo Mapuá.

Cheguei na casa dela graças ao contato que tive com o filho que mora com ela: o Raimundo, conhecido como “Mundinho” a quem conheci na casa da sogra dele: a parteira Dona Julieta. Uma vez que me aproximei dele e da Betânia, sua esposa e filha, quis perguntar um pouco mais sobre Dona Joana, tentando saber se ela estaria disposta a que uma estranha chegasse a conhecer a vida dela. O Mundinho, muito reservado, sorria enquanto a Betânia falava que era para eu ir até a casa deles e perguntar para ela.

Foi assim que eu me animei a partir para uma outra comunidade: São Benedito. Um dos filhos da Dona Julieta aceitou a proposta de me levar até lá em troca de alguns litros de gasolina. Depois de 3 horas de rabetá pelo imponente Rio Mapuá, passando por todas as comunidades do Baixo Mapuá e pela Vila Amélia, cheguei finalmente na simples e calorosa casa da parteira mais mencionada pelos moradores das beiras do rio. Bem na beira do Rio Mapuá, sem escada e sem trapiche, desci com a mochila pesada nas costas procurando manter o equilíbrio ao caminhar por uma tora que conectava o rio com a casa dela. Percebi que a casa estava localizada entre duas espécies com um forte simbolismo para a região: uma seringueira e um açazeiro.

Aí começou uma experiência de vida que nunca imaginei. A família toda estava me esperando: a Betânia, o Mundinho e as duas crianças: a Rafinha e o Careca; lhes cumprimentei e agradei pela acolhida. Imediatamente observei uma das cenas que mais me marcou: uma senhora idosa, de cabelo cumprido e trançado, sentada no chão, tecendo uma raze com tala de arumã, com mãos pequenas ficou me olhando diretamente nos olhos. Parecia que já nos conhecíamos, entrei e me apresentei agradecendo também a recepção e por me permitir lhe conhecer.

Figura 29. Benzedeira-parteira Dona Joana tecendo raza com tala de arumã.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

A partir desse momento, as conversas, os silêncios, o cotidiano durante 12 dias que compartilhei com ela e sua família fizeram com que eu entendesse por que as comunidades ribeirinhas do Mapuá valorizam e apreciam essa poderosa mulher de cura.

Muitos elementos e acontecimentos que foram expostos nas narrativas da Dona Joana são reflexos de uma série de processos históricos pelos que a Amazônia Brasileira passou. Contam as formas de conviver com essa floresta, as habilidades de navegar pelos seus rios e habitar seus mais escondidos cantos. Coloco nas seguintes páginas a história de vida desta benzedeira e parteira, quem mostra para os moradores das beiras do rio, a importância da solidariedade, da família e da boa saúde.

“EU NASCI NAQUELE SERINGAL”

Dona Joana Ferreira do Nascimento é conhecida como “a velha Joana”, “a mãe velha” ou “minha velha”. Aos seus 78 anos de idade, passa os dias cuidando dos netos, tecendo razas, fazendo suas “costurinhas” e atendendo doentes e famílias gestantes que chegam a lhe procurar em casa. Como seu próprio sobrenome o diz, ela é “DO NASCIMENTO”, desde seus dezoito (18) anos trabalha acompanhando mulheres gestantes durante o período da gravidez, no parto e pós-parto.

“A velha Joana” é uma das parteiras tradicionais mais conhecida e reconhecida pelos moradores do Baixo e Médio Mapuá pelo seu poder de cura com rezas, atendendo tanto famílias gestantes como qualquer tipo de doentes. No depoimento de várias pessoas que já tinham passado pelas suas mãos, se ressalta o poder de cura da benzedeira-parteira. A Clemilda, comadre dela da Comunidade Bom Jesus, já foi acompanhada durante suas duas gestações por Dona Joana, ela gosta e admira o trabalho que ela faz.

“Eu sempre quis ela do meu lado [...] Ela rezava na barriga da gente, não doía muito quando ela puxava [...] assim, para endireitar o bebê[...] Aí por isso que eu escolhi ela para ser a minha parteira [...] Ela marcava a data que era pra eu ir, eu ia lá na casa dela, ela puxava e rezava na minha barriga [...] Mas olha, ela reza em tudo quanto é doente!”. (CLEMILDA, comadre da parteira Dona Joana).

Dona Joana nasceu num braço do Rio Mapuá chamado o Mapuá Miri, onde foi criada e morou durante a infância e parte da juventude. Junto com seu núcleo familiar conformado por dois irmãos, uma irmã, pai e mãe; cresceu fazendo cerâmica e extraindo seringa dos seringais da região marajoara. Relatou em várias das nossas conversas quanto ela trabalhou junto com seu irmão, quem “era bom conhecedor dos seringais do Mapuá”.

O pai da Dona Joana era de origem cearense e chegou à Ilha do Marajó para trabalhar extraindo látex. Como muitos outros trabalhadores do mesmo ramo, trabalhava durante muitas horas provocando que ele ficasse doente (PORTO-GONÇALVES, 2008). A benzedeira-parteira lembra que ele ficava deitado na rede com muita febre e dores fortes no corpo e cabeça por causa das longas jornadas dentro da floresta coletando o leite da seringa. Ele faleceu quando ela estava muito nova, era ainda uma criança.

“Fui criada no trabalho junto com ele [irmão]. Éramos minha mãe, meus dois irmãos e duas irmãs, eu era a caçula [...] Quando meu pai morreu eu estava gatinha gatinha [...]começando engatinhar [...]”.

Um dos irmãos da Dona Joana dedicou-se a “trabalhar fora”, o Felício, enquanto o outro, José, ensinou elas o processo de extrair látex e trabalhavam juntos com produtos da floresta e na roça. Durante vários diálogos sobre a “vida dantes” ela ressaltou a fortaleza da sua mãe para carregar com o peso de toda a família.

“Eu já trabalhei muito [...] Eu não tinha pai, só meu irmão, mas ele quase nunca parava com nós, trabalhava assim por fora [...] Felício era meu irmão mais velho, morreu com os cabelos branquinhos branquinhos, parece que com 88 anos [...] Eu trabalhei muito, hoje em dia eu já descanso.”

A benzedeira-parteira também relatou várias lembranças com sua irmã Nazaré, com quem compartilhava o ofício de pegar criança. Ela faleceu cinco (5) anos atrás por causa de uma depressão pela morte do seu marido, segundo Dona Joana. Elas iam juntas para Breves, e suas casas foram vizinhas durante muito tempo no Rio Coqueiro.

Beatriz era o nome da sua mãe, nascida no Rio Mapuá, no mesmo lugar que a Dona Joana, no Mapuá Miri. Era parteira daqueles cantos e foi com quem aprendeu sobre remédios da floresta e sobre benzer. Ela se lembra dos conselhos da mãe, de como usar as plantas para melhorar a saúde e do poder de cura que ela carregava nas mãos.

”A mamona, para mamãe era o remédio dela... Ela curava muito as criança [...] Ela rezava que era uma beleza! Ela dizia que ela não era benzedeira, mas ela era procurada para todo lugar que tivesse doente [...] Era ela com Deus! Só com Deus! Quando ela botava a mão por cima daquela pessoa, ficava bom mesmo [...]”.

A Dona Beatriz era uma mulher de muita fé. Segundo a Dona Joana, sua mãe sempre ensinou para ela que “a medicina da terra vem de Deus, nosso pai velho nos cura com seu remédio”, lhe mostrando que na natureza existe a cura de todo mal. A religiosidade presente no trabalho da mãe, que, apesar de que não se identificava como benzedeira, foi herdada por ela.

Narrou sobre seus inícios como benzedeira, sendo que foi aos dezoito (18) anos, quando já estava casada com seu primer marido, Sabino Serrão. Com ele teve seus dez primeiros filhos, mas foi picado por uma cobra e faleceu quando o mais novo estava com uns oito (8) anos. Ela se lembra dos dias difíceis que passou no Mapuá Miri depois de que isso acontecera.

A situação fez com que ela decidira se mudar com seus dez filhos para o Rio Coqueiro, onde conheceu o segundo marido, Lucilho Fernandes. Até hoje ela é apaixonada por ele, ela teve mais quatro (4) filhos que cresceram e se criaram junto com os outros, “ele era o pai de todos”.

“Quando a caçula, a Darquinha, já estava grandinha foi que eu arrumei esse outro, mas para criar meus filhos. Ele me tirou do trabalho, aí eu não foi mais trabalhar, o menino deu conta de tudo [...]Porque é difícil arrumar uma pessoa assim [...] Eu dizia que eu não arrumava outro marido por causa dos meus filhos, aí meu cunhado diz assim: *não comadre, eu conheço muito o Lucilho, ele quer lhe tirar desse trabalho do mato, a senhora trabalha muito* [...] Aí eu disse para ele: *olha compadre eu posso ficar com ele, mas se ele foi ruim com meus filhos a ele vai ter que procurar outra, porque eu não vou consentir que tratassem mal os meus filhos* [...] Mas graças a Deus ele criou todos meus filhos, me tirou do trabalho e nunca deu nem uma palmada neles nem ralhou com eles porque ele dizia que tinha pena de crianças sem pai. Ele era pai de criação, não era pai deles [...] Mas hoje em dia é difícil achar um assim [...]

Ele faleceu, segundo ela, por causa de um golpe muito forte na cabeça. “*Ele bebia muito*” e caiu um dia numa pedra machucando a cabeça, aos dez (10) dias ele faleceu da dor. Durante os dias que estive com ela, não teve um que não mencionasse o Lucilho, ou como ela chamava “*O bom Lucilho*”.

“Para ele não tinha nada de ruim, tudo para ele era bom [...] Mas dizem que todo que é bom dura pouco, né? Ele adoeceu e rapidinho ele morreu. Ele bebia muito, mas foi muito bom comigo, sempre! Ele gostava muito de mim, não deixava eu fazer nadinha quando estava menstruada ou gestante [...] Ele cuidou de mim e dos meus filhos tudinho.”

Dos quatorze (14) filhos que ela teve, hoje estão vivos somente seis (6). Ela conta com muito sofrimento que eles faleceram por diferentes causas, desde picada de cobra, caída de um açazeiro e uma das suas filhas de “doença de nascimento”. Todos eles morreram quando ela morava no Rio Coqueiro, motivo pelo qual ela aceitou a proposta do seu filho caçula, o Mundinho, de sair para a comunidade São Benedito, lugar onde mora atualmente.

SUA VIDA NA COMUNIDADE SÃO BENEDITO

A mudança de comunidade foi difícil para ela, pois estava acostumada a “fazer coisa nenhuma”. Gostava muito de estar lá, na casa da filha dela, porque as netas e netos ajudavam ela fazer os trabalhos do dia a dia. Ela narrou que não se preocupava com lavar roupa nem de fazer almoço, e isso mudou ao ir morar em São Benedito. Ela fica na casa dela sozinha quando o Mundinho e Betânia (nora) saem para a cidade de Breves ou para visitar parentes. Nessas horas ela fica cuidando da casa, dos animais de criação além de ter a responsabilidade de fazer comida para ela e pegar água do rio.

Em muitas ocasiões ela falava sobre seu estado de saúde, colocando que agora ela se encontra em boas condições, mas que um tempo atrás passou muito mal. Foi diagnosticada de reumatismo, teve que fazer vários tratamentos e parar de trabalhar para conseguir recuperar os movimentos dos braços.

“Peguei reumatismo, fazia coisa nenhuma [...] Mas comecei usar óleo usado de carro. Aí melhorou por um tempo [...] Depois eu fui lá em Breves, o Dr. Benedito disse que é reumatismo, aí ele passou um bocado de piloras pra mim. Eu tomei e fiquei boa [...]”.

Durante esse tempo ela parou de fumar, e hoje continua sem. “Eu fumava, mas só a boca da noite [...] Aí eu adoeci e parei [...] o médico falou que melhor deixar, aí eu dexei.”. Narrou que foi difícil, pois ela gostava de fumar e vender fumo para as pessoas das comunidades. No entanto, ela considera que com determinação ela conseguiu e se orgulha disso.

Faz dois anos que ela se tratou do reumatismo com os médicos da cidade de Breves, mas desde então ela parou de fazer parto visto que ficou com receio de que a dor nos seus braços voltasse. Hoje ela atende pacientes com diferentes doenças. Ainda reza, puxa e aconselha as pessoas que chegam a lhe visitar sem pedir dinheiro por esse serviço.

Durante os dias que ela não recebe visitas, ela se dedica a fazer suas costuras, a tecer razas e outros artesanatos. Usualmente acorda cedo, desde as seis (6) horas está em pé, primeiramente atendendo os seus bichos: as galinhas, os patos, o porco e sua querida cachorra. Dona Joana prepara a boia deles com muita dedicação, fazendo uma mistura de açaí, farinha e sal duas vezes ao dia para alimentar-lhes. Algumas das galinhas e patos ela trouxe da sua antiga casa, já o porco ela ganhou de

um cliente. Ela relatou: “Ele gostou muito de mim, eu rezei nele porque ele estava passando mal, parece que com muita dor de estômago [...] Aí ele ficou bom e depois veio com essa criatura, ele vende porcos por aqui [...]”.

A criação dos bichos é um trabalho que ela disse que desfruta e que, embora seja cansativo, ela gosta de ter “carne viva” em casa e “coisa pra fazê”. Ressaltava a importância de dar carinho e boa comida para eles para que gostem da gente e depois criem boa carne. “Minha favorita é a carne de porco! Jmmmm, gosto demais!”.

Figura 30. Dona Joana alimentando suas galinhas e patos com açaí e farinha.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Ela costuma tomar um cafezinho adocicado de manhã cedo, às vezes acompanhado de uma bolacha. Merenda às 11 da manhã, sem falta o açaí e a farinha de mandioca com alguma proteína. Seu filho Mundinho gosta de caçar com sua cachorra, e leva quase todos os dias carne fresca para merendar. É jacurarú, preguiça e quando tem sorte, veado e até anta. Ela gosta de comprar comida para salgar dos “marreteiros” ou de algum vizinho; diferentes tipos de peixe, frango e boi são algumas, por exemplo.

Depois de merendar, ela deita um pouco na sua rede, mas como ela mesma disse “Eu me deito só àquele instante, mas é assim os bichos começam incomodar [...]”. A casa é aberta, dando espaço para eles entrarem, mas Dona Joana não gosta que eles estejam dentro da casa e fica espantando eles com suas talas de arumã de fazer razas.

Espera a hora de debulhar o açaí a tarde para preparar para o jantar. Depois de coletar água do rio em baldes para aquecer na lenha, ela fica sentada perto do jirau. Quem chega com os cachos de açaí os coloca perto de onde ela está esperando, para ela fazer o trabalho. Uma raza de fruto de açaí para jantar, ela coloca de molho na água morna para que depois Betânia bata na bateadeira manual.

Figura 31. Dona Joana debulhando açaí para jantar.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Toma banho nas águas pretas do Rio Mapuá todas as tardes. Pega uma tigela e leva junto com seu sabonete na beira do rio. Toca as águas com sua mão e faz o sinal da cruz, observa o rio, as riquezas ao seu redor e baixa a cabeça, fechando os olhos e agradecendo. Penteia seus compridos e brilhantes cabelos, respira profundo, e lava seu corpo. Mergulha e retorna caminhando pelo tronco que serve de ponte para entrar na casa.

Figura 32. Dona Joana nas águas pretas do Rio Mapuá.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

É durante a tarde que ela recebe mais visitas, porém ela só atende antes das dezoito (18) horas que começam as novelas. “Na hora da novela eu amarro [...] Eu não perco aquela novela, é do Velho Chico, é bonita aquela novela [...] É dum rio.”. Ela senta na frente da televisão e assiste uma hora inteira da primeira novela enquanto espera a janta que a Betânia prepara.

Da comunidade São Benedito, ela é das poucas pessoas que tem televisão e por isso é visitada na hora das novelas. Chegam canoas e rabetas com famílias inteiras para sentar na frente da TV e falar durante os comerciais sobre os acontecimentos na reserva.

Figura 33. Dona Joana com sua família e vizinhos assistindo a novela na sala da casa dela.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Costuma jantar açaí com farinha e proteína, usualmente o cardápio da janta é o mesmo que na merenda. Toda a família senta no chão numa roda ao redor das tigelas com a comida para compartilhar, é um momento de agradecimentos. Dona Joana sempre faz o sinal da cruz antes e depois de cada refeição, sempre agradece o alimento e a saúde.

Depois das novelas, já pelas vinte e duas (22) horas ela escova os dentes, penteia o seus cabelos e arruma sua rede. Deitar com sua neta ou neto, balançando até dormir. Acabou o dia e agradece a Deus.

LEMBRANÇAS NA FLORESTA

Desde criança Dona Joana trabalhou na roça, fazendo costuras, fazendo cerâmica; e como ela mesma diz, “embora nunca sentei numa escola, sei de muita coisa [...]”. Cortando seringa, fazendo roçado, mariscando, extraindo óleos de andiroba e pracaxí cresceu no meio das riquezas da floresta e do Rio Mapuá.

Ela é uma grande conhecedora da diversidade de recursos que oferecem esses cantos. Nas conversas falávamos sobre os diferentes lugares onde ela morou e como eles se alimentavam do que a natureza lhes proporcionara. Na sua memória guarda episódios das aventuras no Mapuá Miri, junto com seu irmão Felício e sua irmã Nazaré. Relatou se questionando a existência hoje de tanta variedade quanto antigamente.

“Quem tomava conta da casa era nós, tirar um açaí, a gente espiava uma preguiça. Nós espiava preguiça no casco [...] Pra lá [Mapuá Miri] era bom quando a gente achava preguiça, para lá tinha muito. Nosso marisco era só no igarapé, lá da Conceição [...] Tinha três braços dele [...] Pegava peixe, pegava tartaruga [...] A gente tinha carne de paca, veado, cutia, mutum, inambu [...] Hoje em dia não sei se tem, é difícil. O inambu é bom, que é igual uma galinha [...] Mas é muito bom aquele pintadinho grandão, ele é gordo que é uma beleza, a gente bota para cozinhar e fica um caldo que vale a pena.”

A “mãe velha”, como parte destas populações tradicionais, possui um modo de vida específico e uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos (DIEGUES, 1996). Guarda as lembranças da sua vida quando jovem, sempre associando as experiências com os ciclos de chuva e seca, com a enchente e a vazante.

“Quando chegava o inverno, era o tempo da ucuúba. Nós passávamos o dia inteiro na ucuúba [...] Tinha dias que a gente saía cedo, eu com a minha mãe e a minha irmã Nazaré. Fazíamos só merenda, botava na bacia e ia embora. Quando a gente voltava já eram seis (6) horas da tarde. Numa tarde dessa, a mamãe pegava duas latas... eu e a Nazaré, como nós éramos pequenas, pegávamos só uma nós duas. Nós vendia para o nosso patrão, o João Pará. A pessoa de hoje em dia não sabe o que é isso [...] A gente agora vê bem pouco no rio [...] Nestes tempos com esse negócio de tiração de madeira da ucuuba.”

A árvore da ucuúba (*Virola surinamensis*), também conhecida como virola, é uma espécie que nas suas sementes contém alta porcentagem de óleos e gorduras com potencial de uso na indústria cosmética, de alimentos, farmacêutica e têxtil (HERRERA et al, 2010). A benzedeira-parteira colocou sua preocupação a respeito do inconsciente uso dos recursos da floresta, consegue retratar o antes e o depois do grande desmatamento na região. Lembra como antes tinha muitas árvores de virola, mas com a chegada das madeireiras, nos dias de hoje é difícil de encontrar.

Lembra que ela e sua irmã elaboraram uma ferramenta especial para “pescar” a semente de ucuúba no rio, era “como uma cestinha gitinha”. Nesse sentido, as populações tradicionais vão criando estratégias que lhes permitem se adaptar ao trabalho e se apropriar dos recursos disponíveis no seu entorno (DA SILVA et al, 2007). Dona Joana contou também outras experiências com produtos da floresta colocando de novo a sua angústia pela desaparecimento das fontes.

“Antes tinha muita fruta [...] Andiroba tinha muito! A mamãe pegava, nós pegávamos aquela posa e a mamãe tirava o óleo [...] Aí depois ela dava para fazer sabão, ela com uma comadre dela. A mamãe dava o óleo e a comadre dava as outras, eles faziam sabão que ficava igual esse sabão que a gente compra, só que fica branco [...] Não sei porque é, mas fica cheiroso esse sabão. Não precisa comprar sabão! Eu tiro, só que a gente quase não acha mais pra a gente tirar óleo, já acabaram com as árvores todas, né? Tiraram para vender madeira [...] Não pensam direito que estão acabando com ela. Agora a gente não acha mais [...] Um dia desses tiraram, não sei nem quantas frutas. Eu cozinhei e amansei, estava escorrendo era nada, porque era só um poquitinho [...] A mamãe não, a mamãe cozinhava a vez de duas latas nós cozinhava, botava dentro dum panela grande. Quando é muito é certinho um mês para poder quebrar. Aí a gente vai quebrar, vai tirando tudinha aquela massa e vai amassar. Aí vai escorrer aquele óleo. Pracaxí do mesmo jeito, mamãe tirava muito [...] É uma coisa que é um grande remédio o óleo de pracaxí, é bom para todo quanto é doença. Ferve um chá de catinga de mulata e pinga três pingos de óleo de pracaxí e a pessoa está sempre tomando para acabar com doença [...] Hoje em dia eu não vi nada dessas coisas [...]”.

A utilização dos óleos de andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) é uma prática tradicional das comunidades da região Amazônica (SANTOS e GUERRA, 2010). O óleo de andiroba possui propriedades cicatrizantes, anti-inflamatórias, antissépticas e antipiréticas²², que são de

²² Propriedades antissépticas: que inibe infecções por bactérias ou germes em ferimentos.

conhecimento popular dentro das comunidades em estudo. As parteiras recomendam o óleo para puxar as barrigas das mulheres gestantes ou no pós-parto. No entanto, como colocou Dona Joana, as árvores de andiroba estão desaparecendo na RESEX por causa da extração para venda como madeira. Além, ela manifestou estar preocupada pelas pessoas jovens, pois poucos sabem como trabalhar com produtos florestais não madeireiros e acabam desmatando para obter benefícios econômicos rapidamente.

No caso do óleo pracaxi (*Pentaclethra macroloba* (Willd.) Kuntze), a história não é muito diferente. A medicina popular do Baixo e Médio Mapuá o utiliza para curar úlceras e feridas, pois tem propriedades anti-inflamatórias (CRESPI e GUERRA, 2013). Além do óleo, a casca da árvore é empregada para desintoxicar as pessoas que tenham sido picadas por cobras, já que inibe total ou parcialmente a hemorragia, dependendo da serpente (ídem). Na visão da benzedeira-parteira, o estoque de árvores de pracaxi tem sido alvo do imediatismo econômico, sendo ele derrubado para sua venda como madeira.

Cabe ressaltar aqui, o posicionamento dos autores Nepstad e Schwarzsman (1992), que salientam que os usos desses produtos não madeiráveis aparecem como uma estratégia de conservação da floresta e manutenção de sua biodiversidade, assim como os consideram como elementos que fortalecem o saber tradicional que engloba a preparação dos mesmos.

“O remédio que Deus deixou no mundo: o remédio da terra!”

Além dos exemplos citados acima, Dona Joana tem muita fé em muitos outros “remédios da terra”. Seus conhecimentos sobre usos de plantas e animais e suas diversas preparações, somadas às rezas fazem com que seu universo de saberes de cura seja reconhecido e valorizado por toda a população dessas comunidades do Rio Mapuá.

Azevedo e Barros (2013) ressaltam o uso de produtos de origem animal na medicinal tradicional de povos da Amazônia. As chamadas “banhas” ou gorduras de animais da floresta são utilizadas com diferentes propósitos de cura, por exemplo, a mãe velha contou uma história sobre o poder da banha da guariba.

“A banha da guariba é uma coisa que é bom. Se a pessoa ficar com braço, uma perna encolhida, as vezes um dedo, né? A pessoa as vezes fica com os dedos encolhidos... pode experimentar com a banha da guariba que aí solta aquilo e pessoa fica normal [...] A gente pega e tira aquela banha, que tira da caça, ne? Tirou, lavou bem lavado, corta bem miúdo, bota numa vasilinha e bota assim acima da brasa para derreter aquela banha. Aí depois que a gente tira aquela banha, bota num vidro, aí vai afomentando... pega uma pena e vai passando nos tendão, sabe? Aí a pessoa volta a andar... Acho que a banha da guariba é muito bom! [...] Tem um homem ali que ele se cortou acima do joelho, aí ficou com a perna encolhida também, ele chorava, porque ele é um homem trabalhador. *Dona Joana sei que nunca mais eu vou trabalha, não vou andar minha roça*[...] Aí eu digo: *Seu Antônio, não fique triste, tenha fé em Deus e a Nossa Senhora, bote a alegria para diante Seu Antônio, você vai andar*[...] Aí eu disse: *que remédios já fizeram?*... *ah já ensinaram banha de mucura, já ensinaram minhoca torrada*... Aí eu disse: *você sabe qual é seu remédio Seu Antônio? A banha da guariba*. Aí a mulher ainda disse: *tia mas se for remédio ele vai ficar bom*... A Maria do Governo, né? que ela também pega criança... ela mandou caçar uma guariba para passar na perna dele [...] Eu disse: *pois é Dona Maria! Acredite no que eu estou lhe falando e acredite em Deus, porque se a pessoa ir fazer um remédio sem fé, porque não está com fé em Deus, né? Nós temos que fazer um remédio com fé naquele remédio e com que nós temos aquela grande fé em Deus, aí a gente fica bom!* [...] Aí ela pegou e mandou o menino dela caçar, foi caçar um dia de sábado. Foi caçar e matou parece que foi três capelão, aí ela tirou a banha, afomentou a perna dele [...] Tá aí o Seu Antônio, trabalhador de roça!”

A Dona Joana coloca no relato acima, duas questões que Lévi-Strauss (1985) discute sobre a eficácia de “certas práticas mágicas”. Neste caso, acredito que ela não se refere na conversa ao poder da banha da guariba de forma exclusiva como poder de cura, mas também no poder das rezas e outros remédios. Como coloca o autor, para que a cura ou magia seja eficaz, implica uma crença nela. Aliás, salienta que a cura vai vir a partir de três aspectos complementares: (1) a crença do “feiticeiro” no seu próprio poder, quer dizer, a crença da Dona Joana na eficácia do tratamento; (2) a crença na pessoa que está oferecendo a cura, neste caso acreditar no poder de cura da benzedeira e parteira Dona Joana; (3) a confiança e as exigências da opinião coletiva.

Neste caso a Dona Maria acreditando no conselho da velha Joana, manda matar caçar a guariba para fazer o remédio do seu marido. Dona Maria é também parteira da RESEX e, pela sua ação, tem confiança e respeito pela benzedeira. Dona Joana coloca que “o remédio que Deus deixou no mundo: o Remédio da Terra!” sua fé em Deus está completamente ligada a eficácia da crença na cura, seja remédio ou reza funcione o remédio, sendo que ela acredita que “o nosso pai velho dá a nossa medicina da terra”.

“Faça que nem eu: fiquei com medo de me operar da vesícula e comecei tomar remédio da terra, porque era o nosso remédio dantes, né?! O remédio que Deus deixou no mundo: o Remédio da Terra! Lá de certo tempo já foi tendo muita gente para estudar, né? E já foi começando fazer todos esses remédios, mas todos esses remédios que vende, tudo é remédio da terra, né? Que eles juntam remédio da terra para fazer... aí nós diz que só esses remédio lá da botica, mas não! É o mesmo remédio que nós tomamos aqui na beirada, é que eles fazem lá, né? Eles juntam tudinho os matos para fazer o xarope, né? Porque eles fazem o xarope mas com esse mato... Aí eu tomo esse remédio e graças a Deus eu estou me sentindo bem... era para eu ter ido de novo para bater ultrassom de novo mas eu não... porque eu tinha pedra na vesícula... aí toda vez que eu ia lá, passavam encaminhamento para mim ser operada, nunca que eu foi! Não vou me operar! Quem vai me operar é meu pai velho do céu... quem tem a fé em Deus, tem tudo, né?”

Enquanto Dona Joana contava para mim essa história acima, ela preparava um remédio para ela mesma. Colocava os ingredientes perto da vasilha onde os misturava, fazia o sinal da cruz cada vez que pegava uma planta na mão. Mostrava para mim cada uma, sinalizando as características diferenciais para poder identificar elas. Depois ia pegando cada uma e descrevia o crescimento da planta e aonde que ela costuma crescer.

“O rimchão é uma planta que não é cheirosa, ela grela assim no terreiro. Lá donde eu morava, tem muito lá numa capoeira que era minha roça, a minha filha Darquinha tirou um bocado para mim. Agora eu me esqueci de trazer, mas eu vou mandar um recado para ela mandar, que agora eu vi para uma vizinha ali...”

Além de saber dos poderes e propriedades de cada planta, ela conhece quem pode procurar as plantas para ela. Mencionou durante várias conversas sobre uma ou outra vizinha que tinham daquela planta difícil de achar. Mas, esses conhecimentos e essa fé nas curas não fazem com que ela subestime a medicina alópata e medicamentos da indústria farmacêutica, ou “remédios de botica” como ela lhes chama. Considera que é importante para emergências e critica as mães, que tendo crianças pequenas não tenham por precaução.

“Eles não se incomodam com ter um vago de pílulas... porque é certo que a gente não está esperando a doença, né? Mas só que a gente é de carne... ainda mais quem tem filho. Porque eu quando eu tinha os meus filhos, Hummm! Eu não deixava meus remédios de botica para canto nenhum, eu ia para algum canto que levava meus filhos, iam todos na minha sacola. Aí se a criança adoce a gente tem, né?”.

BENZER: a cura com rezas

A relação com sua mãe foi muito especial, sempre acompanhou ela nos seus trabalhos de benzer, mas nunca a deixou entrar no quarto durante os atendimentos de partos. Dona Joana comentou para mim, no meio de várias conversas, que não foi ela com quem aprendeu a pegar criança, foi uma sabedoria que Deus deu para ela, um dom que foi por ela recebido desde a primeira vez que ela assistiu um parto.

“Ela me ensinou benzer assim, puxar e trabalhâ a terra, mas de pegar criança foi Deus mesmo [...] Quando eu fui pela primeira vez, me encomendei a ele e assim, parece que já sabia, ele me mostrou como e eu fiz do jeito que ele me mandou [...]”.

Ela não recorda de forma clara como foi a sua primeira experiência assistindo um parto, mas lembra da criança que abriu esse caminho de serviço na sua vida. Ela contou que até hoje, aquela criança que agora já é um homem de família, visita ela e sempre leva algum agrado²³ para ela.

Perguntei para ela sobre seu ofício, querendo saber sobre a sua profissão, me questionei para mim mesma: *será que ela é benzedeira ou parteira? Ou será que trabalha com as duas? Como será que ela se identifica?* Durante os primeiros dias fiquei só observando para saber qual o trabalho ou serviço que ela mais oferecia, mas um dia decidi perguntar especificamente sobre o assunto.

“E a profissão da senhora, o que a senhora faz?”. Ela respondeu: “Eu sou benzedeira, rezo nas pessoas que me procuram e assisto gestantes no parto... eu puxo, afomento e indireito criança se for preciso”. Ou seja, ela é uma benzedeira e parteira. É a única das mulheres que entrevistei nas comunidades do Baixo e Médio Mapuá que se identifica como benzedeira, e para ela o importante é se encomendar a Deus com qualquer trabalho para que tudo esteja nas mãos dele.

Nesse sentido ela discordava um pouco do pensamento da sua irmã Nazaré, quem assistiu várias vezes nos cursos de capacitação da Secretaria de Saúde de Breves. Ele comentou em vários momentos que “o dom não se ensina, a gente nasce como parteira, não se aprende isso...”, contudo ela comentou também que já quis participar para ganhar um kit e uma carteira de “parteira oficial”. Ela contou que uma vez ela e Nazaré foram para a casa da Dona Intermerata para ir para Breves na Secretaria de Saúde porque teria uma reunião da Associação de Parteiras Tradicionais de Breves, mas ela acabou não indo devido aos comentários da sua irmã que colocava: “ela é muito tola”.

Conversávamos sobre a importância de ter alguém de confiança durante o período da gestação e ela ressaltava que os conselhos das parteiras são fundamentais. Muitas vezes falou sobre as formas de criar filhos, de tratar com amor aos animais e de como uma mulher deve tratar seu marido, deixando sempre claro que o mais importante na vida de uma mulher são os filhos e não os companheiros ou esposos.

Para Dona Joana a prioridade sempre foi seus filhos. Destacava nas nossas conversas a estimativa que tem por eles. Uma das grandes preocupações como conselheira da comunidade que ela tem é das mães que não cuidam direito das crianças e nem “pegam amizade dos filhos”. A “mãe velha”, como mulher sábia desses povoados, aconselha as pessoas e principalmente mulheres a ter

²³ Agrado se refere algum presente como troca do trabalho que ela oferece.

um especial cuidado na forma de tratar às crianças, sempre colocando que elas devem ser tratadas com respeito. Ficava muito incomodada quando escutava que as mães batiam muito ou chamarem de “nomes” aos seus filhotes.

“Meus filhos eu não criei batendo neles... se algum dia eu dicesse uma palmada neles foi pouco... é porque se a gente bate neles o que dói é o coração da gente... a gente fica com pena de ver a criança chorar[...] Aí eu pegava eles, fazia eles sentar na minha ilhargá aí eu ia dizer para eles, aconselhar eles: *Meu filho, nunca mais vai fazer isso que você fez e assim não apanha, porque é doído... uma palmada dói...* é por isso que não gosto que chamem de nomes, gritando com as crianças e ficam com a cabeça atrapalhada. Meu Deus! Mas o que que isso? Nos meus filhos eu nunca abri a boca para chamar nomes, eu não! A gente até arrepiava de escutar criança chamar certos nomes...”

Pessoas da Ilha toda chegavam para procurar conselhos, rezas, puxações e até só para levar agrados para ela. Durante os dias que morei na sua casa, foram muitas as visitas que ela teve, eram vizinhos, comadres e compadres, filhados, sobrinhos, antigos vizinhos do Rio Coqueiro, grávidas de Breves e até animais doentes. As pessoas chegavam um dia e voltavam uma ou duas vezes depois para continuar o tratamento. Em todos os tratamentos que acompanhei, ela rezou nas pessoas e nas gestantes também rezou e puxou as barrigas.

Os atendimentos para pacientes que chegavam para receber as rezas eram sempre oferecidos na sala, de cara para o rio e com um termo de café do lado. As suas rezas começavam sempre com ela fazendo o sinal da cruz, segurando na outra mão um galho de um açazeiro seco. Ela rezava de 10 a 15 minutos na pessoa enquanto tudo ficava em silêncio. Depois ela convidava para tomar um café e falava sobre a doença ou mal da pessoa e sobre os remédios para curar aquele desequilíbrio. Chegaram bebezinhos de meses, crianças, jovens, adultos e famílias inteiras para serem curadas pelas mãos da “Velha Joana”.

Figura 34. Dona Joana benzendo a criança enquanto ela está sendo amamentada.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Uma das visitas foi de uma mãe com uma criança de colo. A mulher chegou com sua mãe de canoa, e contou para Dona Joana o que estava acontecendo: *“Ela não para de chorar, está com diarreia faz dois dias e fica incomodada”*. A Dona Joana pediu para ela sentar olhando para o rio, foi pegar a sua tala de açaí e começou a reza. A mãe assegurou a criança em braços e dona Joana rezou por 15 minutos, depois ela comentou sobre a situação. A benzedeira diagnosticou um “susto” na criança que, segundo ela, acontece muito nessas comunidades. Ela relatou que é difícil saber o que faz com que a criança pegue aquele susto, mas que ela pode observar de longe quando é.

A criança ficou quieta e Dona Joana acariciava o rosto dela. Recomendou para a mãe fazer um chá de *pataqueira*, uma planta com propriedades calmantes. Aliás, ela deveria fazer uma defumação na boca da noite, colocar folha de açazeiro, alfazema e alecrim dentro de um pote e levar pela casa toda por três dias. A mulher agradeceu carinhosamente com um abraço e partiu de novo na sua canoa.

Depois que a mulher saiu, a benzedeira e parteira comentou sobre o acontecido: “Alguém colocou um olho ruim sobre a criança [...]”. Ela comentou que esse “susto” é parecido com o que chamam de “quebrante” que provoca que a criança esteja “sem apetite, birrenta e enjoada”. Também revelou que “quanto maior o grau de parentesco, pior é o quebrante”.

Sobre estes métodos utilizados pela benzedeira e parteira, Maués e Villacorta (2001) mencionam que na pajelança cabocla as curas para estas doenças consistem em várias técnicas como “defumar o corpo com fumaças específicas” e realizar tantas sessões de cura quanto sejam necessárias.

OS SABERES SOBRE O PARTO

Preguntei para várias pessoas das outras comunidades porque elas tinham escolhido a “Velha Joana” como a parteira. Muitas contaram histórias sobre seus partos e dos milagres da Dona Joana, outras falavam das puxações, das datas de nascimento e do sexo da criança que sempre acertou.

“Ela é desses tipos de parteiras que se a criança estiver com as pernas para cima ou se ela estiver para atravessada na barriga da mulher ela só faz assim oh [gestos suaves na barriga de filha] [...] Ela não puxa forte, ela só faz assim [faz o gesto de novo] aí ela vai passando a mão assim e vai rezando. Aí pega a outra mão bem aqui, e quando ela já está pronta: *minha filha pode levantar que a criança já está direitinha* [...] essa aqui [filha dela] com oito meses ela vivia todo o tempo que eu não podia sentar. Eu ia com as outras parteiras e puxavam, mas quando eu levantava de lá ela já estava com a cabeça aqui de novo. Aí eu foi lá na casa dela e ela só fez passar a mão assim e posou o joelho aqui e disse: *tá minha filha!*, aí eu vim me embora. Aí quando eu cheguei aqui, meu marido perguntou para mim e eu disse assim: *olha ela afomentou mas enquanto as outras parteiras que puxavam não endireitavam*. Ela disse: “*minha filha tu vai ter essa criança*”

e ela não vai virar de cabeça, ela é uma menina” [...] E olha eu entrei no mês para ganhar ela e ela não se dobrou mais. Foi com oito meses que ela me puxou. Eu foi com as outras parteiras por aqui tudinho, foi com aquela outra e ela virava e quando me levantava ela já estava com a cabeça aqui de novo oh! E olha foi uma puxação só que ela me deu, só põe mesmo para passar a mão dela, mas só que ela benze... Depois disso foi só com ela que minhas filhas foram [...]”. (CÂNDIDA LOBATO, comadre da benzedeira-parteira Dona Joana).

Dona Cândida não foi a única que mencionou o poder nas mãos da parteira para “endireitar criança”, muitas outras pessoas também comentaram. Ela foi a parteira que mais pessoas mencionaram durante a visita de campo, sendo que a característica que mais foi ressaltada foi a questão das rezas e orações que ela faz.

Mas esse reconhecimento não se dá só por parte das pessoas por ela atendidas, mas também pelas outras parteiras. Como ela mesma conta no seguinte relato, elas a procuram quando estão no meio de um aperreio.

“As outras não sei nem o que elas fazem... tem delas que só fazem assim só pegar criança, não sabem nem uma oração; as vezes vão assistir uma mulher e não dão conta, mandam atrás de mim... tenho ido muitas vezes que a parteira não dão conta da mulhê, né? Aí vão me buscar por donde estiver [...] aí eu venho [...]”.

Assim mesmo aconteceu quando outra parteira da RESEX estava atendendo o parto de uma das filhas. Dona Joana ressaltou “não adianta assití se não sabe endireitâ!”, ou seja, para ela é fundamental acompanhar a gestação, pois ela puxando, pode saber a posição da criança e rezar no caso de que não esteja na posição cefálica para ter um parto tranquilo.

“Um rapaz veio, deu dor na mulhê [...] Filha dessa outra parteira de lá, ela não deu conta, sabe? Aí fui lá, a criança estava torta, não podia nascer... ele foi me buscar a boca da noite, de tarde [...] Eu disse para ele eu vou por causa que está assim chorando muito, eu vou! Cheguei lá, a criança não podia nascer que estava torto, né? Aí endireitei, rezei na barriga dela. Ele disse: que tal tia? Eu digo: é para agora... aí com poucas horas eu digo: agora você toma de conta, disse para a mulhê, aquela parteira, a mãe dela [...] Aí ela teve a criança. Ele veio nesses dias, está grandinho, um bebezão [...] Ele só me chama de *mãe*... porque foi eu que foi lá endireitâ pra ele nascê [...]”.

Além do reconhecimento pelos partos milagrosos e as rezas poderosas, o serviço dela é procurado também devido a que ela nunca cobrou pelas rezas nem pelas puxações. Antigamente, quando ela fazia o acompanhamento dos partos, ela cobrava pelo custo de se mobilizar até a casa da mulher e por esperar “tanto tempo quanto a criança precise pra nascê”.

“Eu não cobro, nunca cobre... olha eu faço os meus trabalhos, mas eu não cobro nada [...] Agora o que eu ganho! Eu não cobro mas as pessoas trazem coisas para mim. Eu acho que eu ganho mas que se eu cobrasse deles [...] Eu ganho muita coisa: tem vez que eles pegam um saco cheio de mercadoria [...] Para mim tem que ser á vontade, né? Eu ganho muita coisa... é café, é açúcar, é farinha, todo eles me dão... eu acho melhor, eu não cobro nada, nunca cobre nada [...] É por isso que quando eles precisam eles correm aqui comigo, aí eles me consciente me dão tudo [...] Porque tem gente aí, neste meio, que vem a pessoa para benzer e é de 10 a 20 reais. Eu não tenho vontade de fazer isso por causa que Deus dá esse dom para a gente, tem que ajudar aos outros [...] Para mim eu ganho muito mais, eles me dão comida... ainda mais esse sobrinho meu, ele veio e trouxe para mim e me deu 1 quilo picadinho para mim que vale uma merenda e uma janta para mim... tem gente que traz frango para mim.. é melhor que eu cobrar [...] Esse porco aí foi um presente que me deram [...] Se eu fosse trabalhar para comprar... mas quando? Porque um porco desses é caro, é um bom dinheiro [...]”.

Como Dona Joana mencionou na fala acima citada, o fato de ela não pedir uma contribuição faz com que as pessoas fiquem mais agradecidas e pensem em retribuir esses cuidados com “mercadorias” ou “agrados”. Durante o tempo que estive na casa dela, vi pessoas chegar com diferentes presentes para ela: carnes cruas, carnes preparadas, açaí batido na hora, café, bolachas e outras comidas. “Eles me consciente, me dão tudo [...] para mim eu ganho muito mais...”; acredito que com essas frases ela se refere, além do material, ao carinho das pessoas que o dinheiro não pode comprar, assim como ao prestígio que ela ganha pelos serviços de cura.

Durante os atendimentos que ela oferece para as grávidas se fala sobre muitas coisas. Conversam sobre redes familiares, da comunidade e claro, sobre a gestação da mulher. Em várias ocasiões ela comentou sobre os cuidados quando ela está atendendo, por exemplo, as pessoas que podem ou não estar durante o serviço.

“Não gosto muito de criança atrapalhando o meu trabalho... só as crianças que não é bom porque criança vê o que pessoa grande faz e eles veem fazer... aí tentam fazer nos outros... é por isso que eu não gosto que criança este assim na hora de eu puxar e rezar... Agora, quando é a hora de ganhar nenê, não, aí eu já não consigo, só é mesmo as pessoas que vão ajudar...” .

Contudo, em algumas puxações que acompanhei ela permitiu a companhia de crianças de colo que estava com as gestantes. Eu perguntei para ela: “a senhora se incomodou com aquele nenê do lado daquela mulher?; e respondeu “quando estão gitinhos não tem problema, eles só querem o colo da mãe [...] Não espiam o que eu faço [...]”.

Figura 35. Atendimento a mulher grávida junto com seu filho.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Quando Dona Joana vai atender alguma gestante, ela prepara o óleo de cozinha (soja) e leva para o quarto junto com um pano para colocar no chão, “afomenta!”. Ela senta no chão e de lado a mulher fica de boca para cima. Ela faz primeiramente o sinal da cruz e começa rezando e massageando a barriga da mulher. “Olha: é de baixo para cima minha filha... não deixe fazer de outro jeito!”. Quando termina: “Deus te de saúde, Deus te de um bom parto”. A mulher levanta e conversam novamente.

Figura 36. Mãos de ouro: Dona Joana puxando uma barriga de gestante.



FOTO: Monge-Zúñiga, 2016.

Dependendo de qual seja a situação, a benzedeira e parteira atende a quantidade necessária de vezes para as pessoas ficar com boa saúde. Ela gosta de cuidar de criança, conhece as orações para que elas tenham vitalidade e sabe rezar para serem ouvidas. Sua fé em Deus nunca passa despercebida nos atendimentos nem nas suas histórias.

Narra na seguinte história como a criança da Socorro, que chegou lhe visitar, está crescendo forte graças ao trabalho com rezas e com fé em Deus. Relata uma outra situação onde, junto com a parteira conhecida como Maria do Jaldo, assistiu um parto de uma menina que nasceu muito pequena e hoje está “igual uma boneca!”.

“Essa daí era getinha getinha, magrinha magrinha mesmo... pois é minha filha mas de gito que se põem grandes... já tenho visto criança assim gitita. Aquela Maria do Jaldo teve umazinha que foi eu que assisti com ela, que era igual essa assim, gitita que para pegar tinha que ter um monte de pano. A mãe dela dizia que essa criança não ia se criar.. eu digo: *“se cria sim minha filha! Não tem fé em Deus? Não é por ser gito que não se cria, né?”* Já está grandona, igual uma boneca! [...] Olha que eu comparei quando vi essazinha aí, eu comparei... a cabecinha getita getita e olha já está grandona! ...Mas também já teve trabalho com essa criancinha [...] Todo santo dia eu ia lá, todo santo dia eles vinham me buscâ, né Socorro? Mas está aí graças a Deus! Indo devagar devagar mas vai crescendo [...] Quando eu cheguei para lá, ela não mamava, ela só botava as coisas pela boquinha dela, mas ela não pegava o peito [...] Aí foi foi até que quando foi de noite eu vim me embora para cá e de noite ela já pegou o peito [...]

Independentemente da doença, Dona Joana sempre conta com sua fé em Deus para curar as pessoas. Ela é um exemplo dentro da RESEX de solidariedade, sendo reconhecida no Baixo e Médio Mapuá. Seus saberes e fazeres são um reflexo da complexidade do sistema de saúde dessas populações tradicionais. É por meio de suas rezas, remédios e conselhos que expressa sua identidade de “guardiã de conhecimentos da floresta”, de mulher de fé e médica desses povoados.

REFLEXÕES FINAIS

É fundamental refletir sobre a importância do universo dos saberes tradicionais das parteiras na Amazônia brasileira e no mundo. Esses conhecimentos se encontram guardados nas lembranças das comunidades tradicionais onde atuam essas mulheres e atuaram suas ancestrais. Como afirma o autor Maurice Halbwachs: “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013: p. 31).

As parteiras detêm nas suas memórias um imenso patrimônio cultural e ancestral imaterial que não pode ser ignorado. Como Halbwachs explica, esquecer determinados elementos da vida é também perder o contato com aqueles que nos rodeavam. A ruptura da continuidade da transmissão desses saberes é preocupante. Elas são uma espécie de semente de rememoração para que todos esses conjuntos de testemunhos exteriores se transformem numa massa consistente de lembranças.

“A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social (HALBWACHS, 2013: p. 100).

O papel das memórias orais destas mulheres e suas sabedorias praticadas nas comunidades estudadas ressaltam a sua importância social como verdadeiras médicas da floresta e do rio. Cabe ressaltar que a essência do ofício de partejar se baseia no bem-estar humano, e não no dinheiro. No entanto existe uma necessidade de elas serem apoiadas financeiramente pelo poder público, mas esta possibilidade passa longe de enxergar a saúde como um negócio, pelo contrário, a vida dessas mulheres é guiada por um eterno servir.

Ficou claro nesta dissertação a não valorização e reconhecimento do trabalho das parteiras pelo Estado. Nesse sentido, cabe aqui mencionar que é responsabilidade das autoridades dos governos, nas diferentes esferas, fornecer o serviço de saúde para toda a população como parte dos direitos humanos. As populações geograficamente isoladas requerem um melhoramento dos

serviços públicos de transporte para ter acesso aos outros serviços básicos e as parteiras nesses espaços são figuras fundamentais nesse processo.

O assunto sobre a ausência de materiais de trabalho para o atendimento ao parto envolve fatores tanto econômicos como políticos, sociais e culturais. Políticos porque através de leis podem disponibilizar tais recursos; sociais porque depende de intervenção social para poder chegar até as informações sobre essas mulheres nas zonas isoladas; e culturais, pois deve se entender esses fazeres dentro do contexto onde se praticam. Considero que existe um grande potencial para as parteiras estudadas de se incorporar às lutas junto com a APTIM, fazendo que esta aproximação lhes ofereça maior representatividade no nível público.

Sobre a questão da remuneração do trabalho das parteiras, pode ser estudado o caso da luta no Estado do Amapá, onde as parteiras tradicionais recebem pagamento pelos partos domiciliares atendidos. A partir de políticas públicas se valorizou o saber e fazer destas mulheres, considerando-as como indispensáveis agentes para melhorar as condições de saúde do Estado. Deve ser debatida de forma mais ampla a importância da inclusão da parteira tradicional no SUS como estratégia para incorporação de práticas e saberes por elas conhecidos. Odent (2003) ressalta que é através da mudança de paradigma com respeito ao parto não industrializado que deve ser feita uma estratégia baseada na diminuição de médicos obstetras e num incremento na participação de parteiras nos hospitais públicos e privados.

Sobre este assunto Gusman et al. (2015) chamam a atenção sobre a forma em que as políticas públicas atuais tem colocado estratégias para o “remodelamento do fazer da parteira” como principal forma de qualificação do parto domiciliar, como se fosse necessário dotar as parteiras de conhecimentos e práticas biomédicas. Nesse contexto, concordo com Borges (2008) que salienta que “o respeito e a consideração a diferentes saberes seria, então, um caminho para a ampliação das bases epistemológicas do paradigma da saúde integral”.

Finalmente, considero o material oferecido neste trabalho um testemunho do quanto crucial é o ofício de partejar na Amazônia Brasileira. As parteiras são guardiãs de saberes que vêm sendo construídos há muito tempo e devem ser expostos para contribuir na construção de uma sociedade que as inclua na sua peculiaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, E. L. Fotoetnografia, um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.

ACHUTTI, E. L. Fotos e Palavras, do Campo aos Livros in Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia: Arte e Antropologia. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fotoetnografia/textos/texto_achutti.pdf>. Acesso em: 17 Outubro 2016. 2004

ALMEIDA, A. W. Amazônia: a dimensão política dos “conhecimentos tradicionais”. In: ACSELRAD, H. (org.). Conflitos Ambientais no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Reúne Dumaró, 2004. p. 37-56.

ALVES, J. A.; SILVA, C. N.; CATRO, J. N. Uso dos recursos naturais por populações tradicionais na RESEX Mapuá (Breves-Pará). Rev. Inst. Hist. e Geográf. do Pará, v. 1, n. 1, p. 135-154, jan/jun. 2014.

ARAÚJO, M.R.N.; ASSUNÇÃO, R.S. A atuação do Agente Comunitário de Saúde na promoção da saúde e na prevenção de doenças. Rev Bras Enferm, Brasília (DF), v. 57, n. 1, p. 19-25, Jan/Fev. 2004.

AZEVEDO, P. de A.; BARROS, F. B. Comida, remédio, renda: conhecimentos e usos da mucura (*Didelphis marsupialis*) por comunidade ribeirinhas as várzea amazônica. Rev. Antropol. Amazôn., v. 5, n. 3, p. 862-878, 2013.

BARROSO, I. Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá-Histórias e Memórias. 2001. p. 142. Dissertação de Mestrado (Dep. História) – UNICAMP, São Paulo.

BECKER, H.S. Observação social e estudos de caso sociais: métodos de pesquisa em ciências sociais. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 117-133.

BESSA, L. F. Condições de trabalho de parteiras: algumas características no contexto domiciliar rural. 1997. 197 p. Dissertação de Mestrado Enfermagem- Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BESSA, L.F. Condições de trabalho de parteiras: Algumas características no contexto domiciliar rural. 1997. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – UFBA, Salvador.

BONI, P. C.; MORESCHI, B.M. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Doc. On-line, n. 3, p. 137-157. dez/2007.

BORGES, M. S. A incorporação do saber de parteiras e benzedeiras às praticas de saúde. Rev. Com. Ciência Saúde, v. 19, n. 4, p. 323-332, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde, Grupo Curumim – Gestaçao e Parto (ONG), Área Técnica da Saúde da Mulher. Livro da Parteira. Brasília; Ministério da Saúde, 2000. 166 p.

BRASIL. Ministério Da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Série C: Projetos, Programas e Relatórios. Parto e Nascimento Domiciliar Assistido Por Parteiras Tradicionais: O Programa Trabalhando Com Parteiras Tradicionais e Experiências Exemplares. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 90 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da Família: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília (DF): 1997. 36p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. Saúde Brasil 2005: uma análise da situação de saúde no Brasil. Brasília, 2005f. 822 p., il. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. (org). Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: HICITEC, 2000. p. 165-182.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. (org). Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. São Paulo: HICITEC, 2000. p. 165-182.

CHAMILCO, R.A.S. Práticas obstétricas adotadas pelas parteiras tradicionais a assistência ao parto e nascimento domiciliar na Amazônia Legal, Santana, Amapá. 2001. 175 p. Dissertação de Mestrado Escola de Enfermagem Anna Nery – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CORRÊA, I.; LEONEL, M.C. Parteiras, palejança e encantados: Aspectos da cultura cabocla em Melgaço. In: Entre homens, arcanjos e encantados: (Re)visitando Melgaço. Organizado por LEONEL, M.C.; Belém, Para: UNAMA, 2002. pp 35-49.

COSTA, E. Os “povos ribeirinhos” e a Reserva Extrativista no Rio Mapuá no Arquipélago do Marajó. 2015. 20 p.

COSTA, L. H. R. Memórias de parteira: Entrelaçando gênero e história de uma prática feminina de cuidar. 2002. 138 p. Dissertação de Mestrado em Enfermagem - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

COSTA, L. H. R. Memórias de parteira: Entrelaçando gênero e história de uma prática feminina de cuidar. 2002. 138 p. Dissertação de Mestrado em Enfermagem - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

CREPALDI, G ;NUNES, J. Etnoconhecimento de parteiras pioneiras do Município de Tangará da Serra- Mato Grosso. Engenharia Ambiental, Espírito Santo do Pinhal, v.8, n. 2, p. 281-297, abr./jun. 2011.

CRESPI, B; GUERRA, G.A.D. Ocorrência, coleta, processamento primário e usos do pracaxi (*Pentaclethra macroloba* (Willd.) Kuntze) na Ilha de Cotijuba, Belém–PA. Rev. Bras. De Agroecologia, v. 8, n. 3, pp. 176-189. 2013.

DA COSTA-LIMA, M. V.; GAYOSO-DA COSTA, S. M. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. *Rev. Geografares*, n. 12, pp. 76-113, julho 2012.

DA SILVA, S. C. P.; PEREIRA, C. F.; FRAXE, T. P.; WITKOSKI, A. C.; DA SILVA, M. A. P. Coleta de produtos florestais nas comunidades da área de atuação do PIATAM. In: *Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Organizado por FRAXE, T. P.; PEREIRA H.S.; WITKOSKI, A.C.; MANAUS, 2007. pp 141-153.

DIAS, M. D. Mãos que acolhem vidas: as parteiras tradicionais no cuidado durante o nascimento em uma comunidade nordestina. 2002. 204 p. Tese de Doutorado Escola de Enfermagem – Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 1998, 169 p.

ESCOBAR, A. Uma minga para el desarrollo. *Signo y Pensamiento: Puntos de vista*, v. XXX, nº 58, p. 306-312, enero/junio 2011.

FIGUEIREDO, R. A. A., BARROS, F. B. “A Comida que vem da mata”: conhecimentos tradicionais e práticas culturais de caçadores na Reserva Extrativista Ipaú; Anilzinho”. *Rev. Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 193-212, abr./jun. 2015.

FLEISCHER, S. Então minha filha, vamos se afomentar? Puxação, parteiras e reprodução em Melgaço, Pará. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, v. 3, n. 13, p. 889-898, 2008.

FLEISCHER, S. Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do cuidado obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Belém: Paka-Tatu; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. 351 p.

FLEISCHER, S. Puxando barrigas para puxar assuntos: a massagem abdominal como uma fonte de saber e significados entre parteiras marajoaras. *MNEME Revista de Humanidades*, v. 7, n. 19, pp. 239-272, 2006.

GALEANO, Eduardo. *Las Venas Abiertas de América Latina*. 6. reimp. Madrid España: SIGLO XXI, 2008. 379 p.

GAMA, M. da S. Nucleação de escolas na Resex Extrativista Mapuá: Contradições e Expropriações de Direitos no Campo, nas Águas e nas Florestas Brevenses. Belém, 2015. 28 p. Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agroambiental na Amazônia. Trabalho não publicado.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução Vera Mello. 4ta ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001, 366 p.

GEERTZ, C. O. *Studies in Peasant Life*. In: B. Siegel, ed. *Biennial of Anthropology*. pp 12-13, 1961.

GORAYEB, A.; MEIRELES, A.J.; SILVA, E.V. In: GORAYEB, A.; MEIRELES, A.J.; SILVA, E.V. (org.). Cartografia social e Cidadania: experiências do mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2015. pp. 9-24.

GUSMAN, C. R.; VIANA, A.P.; MIRANDA, M.A.; PEDROSA, M.V.; VILLELA, W.V. Inclusão de parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde no Brasil: reflexão sobre desafios. Rev. Panam. Salud Pública, v. 4/5, n. 37, pp. 365-370, 2015.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HERRERA, W.; HERNÁNDEZ, C.; MONTEALEGRE, Y. Plantas oleaginosas del Aquetá, Amazonia Colombiana. Universidad de la Amazonia. Rev. Ingenierías & Amazonia, v. 3, n. 1, pp. 28-39, mayo 2010.

HORÁK, M. Etnobotánica y fitoterapia em América. Brno; Universidad de Mendel em Brno; 2015. 353 p.

JUCÁ, A. P. C. ; PINHEIRO, J. B. S.; ALVES, L. B. D.; GAMA, M. da S.; ALMEIDA, S. P. de; FREITAS, V. M. Q. de. Diagnóstico Agrosociambiental da Reserva Extrativista Mapuá/Breves PA. Belém, 2015. 48 p. Trabalho apresentado como requisito de avaliação para obtenção de nota na disciplina “Sistematização, tratamento e análise de dados”. Universidade Federal do Pará. Curso de pós-graduação Lato Sensu Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia. Trabalho não publicado.

LEÃO, M. R.; RIESCO, M; L.; SCHNECK, C. A.; ANGELO, M. Reflexões sobre o excesso de cesarianas no Brasil e a autonomia das mulheres. Ver. Ciência Saúde Coletiva, v. 8, n. 18, pp. 2395-2400, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural. Tradução Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 2da ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. 456 p.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. 2 ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, C.; SCHAAN, D.; SILVA, W.F. Arqueologia do Marajó das Florestas: fragmento de um desafio. In: SCHAAN, D. e MARTINS, C. (org.). Muito além dos cantos, arqueologia e história Marajoara. Belém, Pará, 2010. pp. 105-138.

MAUÉS, R. H. A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: EUFPA, 1990.

MAUES, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. Rev. Estudos Avançados, v. 19, n. 53, pp. 259-274, Jan/Apr. 2005.

MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In: PRANDI, R. (org.). Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2001, pp. 11-58.

MINTZ, S. W. Canamelar, the subculture of a rural sugar plantation proletariat. In: Steward et al. The people of Puerto Rico. Urbana, University of Illinois Press. pp 314-417, 1956.

MOTTA-MAUÉS, M. A. Trabalhadeiras & camarados: relação de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica. Belém: Editora da UFPA. 1993.

NASCIMENTO SILVA, M. G. Dieta alimentar de mulheres grávidas e paridas em áreas ribeirinhas da Amazônia. In: Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder, 8, Florianópolis. 2008. Gênero, Cultura e Desenvolvimento: Um debate na Amazônia. 2008. 7 p.

NASCIMENTO, K.; SANTOS, E.; ERDMANN, A.; NASCIMENTO JÚNIOR, H.; CARVALHO, J. A arte de partejar: Experiência de cuidado das parteiras tradicionais de Envira/AM. Rev. Enferm., v. 13, n. 2, pp. 319-327, abr./jun. 2009.

NAVEGANTES-ALVES, L.; MASTOP-LIMA, L. N.; COSTA, A. P. D. Políticas Públicas e Produtos Locais: a não inserção do açaí (*Euterpe oleracea* Mart) na Alimentação Escolar no Estuário Amazônico. Rev. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 25, n. 2, pp. 287-296, abr./jun. 2015.

NECES, M. V. A heroica e desprezada batalha da borracha. Rev. História Viva, Acre, ed. 8, junho 2009. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_heroica_e_desprezada_batalha_da_borracha.html>. Acesso em: 10 jan. 2017.

NEPSTAD, D. C.; SCHWARZMAN S. (Eds). Non-timber products from tropical forests: evaluation of a conservation and development strategy. New York: New York Botanical Garden, 1992.

NETO, F. L.; DA SILVA, E. V.; DA COSTA, N. O. Cartografia Social instrument de construção do conhecimento territorial: reflexões e proposições acerca dos procedimentos metodológicos do mapeamento participativo. Rev. da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE. V. 18, n. 2, pp. 56-70. Set/2016.

ODENT, M. O camponês e a parteira: uma alternativa á industrialização da agricultura e do parto. Tradução Sarah Bauley, São Paulo; Editora Ground; 2003, 189 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Care in normal birth; a practical guide, maternal and newborn health safe motherhood unit. Family and reproductive health. Geneva: World Health Organization; 1996.

PACHECO, A. S. A Conquista do Ocidente Marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: Muito além dos cantos, arqueologia e história Marajoara. Organizado por SCHAAN, D. e MARTINS, C.; Belém, Pará, 2010. pp 13-32.

PEREIRA, H. S. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do Rio Solimões-Amazonas. In: Fraxe, T.J.P., Pereira, H. S., Witkoski, A.C.(org). Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. pp 11-30.

PEREIRA, M. L. Fazendo parto, fazendo vida: doença, reprodução e percepção de gênero na Amazônia. 1993. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- PINTO, B. M. Filhas das matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010. 350 p.
- PINTO, J. Reserva Extrativista de Mapuá: Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental (consolidado). Breves: ICMBIO, 2008.
- PORTO-GONÇALVES, C.W. Amazônia, Amazônias. São Paulo; Editora Contexto; 2008, 178 p.
- RIBEIRO, S. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. Revista de Antropologia, v. 48, n. 2, p. 613–648, 2005.
- SANTILLI, J. A biodiversidade de as comunidades tradicionais. In: BESUNSAN, N. (org.). Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê. São Paulo: Pierópolis; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2008. pp. 167-180.
- SANTOS, A. J. dos; GUERRA, F. G. P. de Q. Aspectos produtivos dos óleos de Andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.) e Copaíba (*Copaifera multijuga* Hayne) na Floresta Nacional do Tapajós-Pará. Rev. Floresta, Curitiba, PR, v. 40, n. 1, p. 23-28, jan/mar. 2010.
- SANTOS, A. S.; COSTA, E. M.; BEZERRA, F. B. As parteiras e a arte de fazer partos em perspectivas cosmológicas no arquipélago de Marajó. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 30, 2016, João Pessoa/PB. Partos e/ou maternidades e políticas do corpo: perspectivas antropológicas, 2016. 24 p.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.) Epistemologias do sul. São Paulo; Editora Cortez; 2013. p. 15-52.
- SANTOS, S. Os saberes e fazeres das parteiras na comunidade Kalunga, Ribeirão dos Bois, Teresina-GO. Universidade de Brasília-DF, Planaltina, 2015.
- SCHALLMAN, R. Parir en libertad: en busca del poder perdido. Buenos Aires; Editorial Penguin Random House Grupo Editorial; 2012. 318 p.
- SEBE, J. Desafio da história oral Latino-Americana: O caso do Brasil. In: História Oral desafios para o século XXI (online). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. pp 85-97.
- SILVA, A. S. Uso das plantas medicinais do cerrado na comunidade Kalung, Ribeirão dos Bois, Teresina-GO. 2013. 46 p. TCC de Licenciatura em Educação do Campo – Universidade de Brasília, Planaltina, DF.
- SILVA, S. N. Parteiras ribeirinhas: saúde da mulher e saber local. 2004. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido - UFPA, Belém.
- SOARES, F. C.; SUZUKI, J.C. Fotografia e História Oral: Imagem e Memória na pesquisa com comunidades tradicionais. V Encontro de Grupos de Pesquisa: “Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais”. Nov/2009.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 5ta Ed., São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1992. 108p.

TOLEDO, V.; BARRERA-BASSOLS, N. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. EDITORA EXPRESSÃO POPULAR, São Paulo. 272 p, 2015.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia das sociedades contemporâneas. 2 ed.; Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p. 121-132.

VIANA, P. A experiência de trabalho do Grupo Curumim com parteiras tradicionais. TEMPUS Actas de Saúde Coletiva, v. 4, n. 4, p. 209-214, jul./agosto 2010.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnologia. In: AMORORZO, M.C.M.; L. C. Ming e S.P. Da Silva. Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e ciências correlatas. Rio Claro, UNESP, 2002. 204 p.

XIMENES, R. P. Assahy-yukicé, iassaí, oyasaí, quasey, açãý, jussara, manaca, açai, acay-berry: rizoma. 2013. 163 p. Tese de Doutorado em Ciências Sociais - Universidade Federal do Pará, Belém.

APÊNDICES

Apêndice 1. Roteiro de entrevista semiestruturada: HISTÓRIAS DE VIDA

| | |
|-----|--|
| 1. | Me conte a sua história de vida? |
| 2. | Onde nasceu? |
| 3. | Qual a sua idade? |
| 4. | Quando chegou nesta comunidade? |
| 5. | Quem foram os seus pais? |
| 6. | Qual o ofício deles? |
| 7. | Tem ou teve irmãos, irmãs? |
| 8. | Como é ou era a relação com eles? |
| 9. | Você teve oportunidade de estudar? |
| 10. | Tem ou teve esposo, companheiro? |
| 11. | Quantos filhos e/ou filhas você teve? |
| 12. | Como foram as suas gestações e partos? |
| 13. | Foram em casa? Estava acompanhada de alguém? |
| 14. | Com quantos anos participou de um parto? |
| 15. | Faz quanto tempo que é parteira? |
| 16. | Sabe quantos nenês já pegou? |
| 17. | Você sempre trabalhou como parteira? |
| 18. | Qual outra atividade fazia antes? |
| 19. | O que fez a senhora ser parteira? |
| 20. | Alguém mais da família é ou foi parteira? |
| 21. | Como e com quem aprendeu a ser parteira? |
| 22. | A forma como aprendeu é a mesma como pratica hoje? Por quê? |
| 23. | Já ensinou alguém a ser parteira? |
| 24. | Alguma vez se negou a atender algum parto? |
| 25. | Alguma vez perdeu algum nenê ou parturienta? Me conte a experiência |
| 26. | Alguma vez parou de ser parteira? Por quê? |
| 27. | Já participou de alguma atividade ou trabalho no SUS? |
| 28. | Fez alguma capacitação? Com quem? Aonde? Gosto da capacitação? Pratica o aprendido? Por quê? |
| 29. | Encaminha a parturiente para o hospital se tiver alguma dificuldade? Para aonde? |
| 30. | O que acha do serviço dos/das médicas obstetras atuais? |
| 31. | O que acha dos serviços do SUS? |
| 32. | Quais as suas crenças religiosas? |
| 33. | Qual a relação dessas crenças com a prática como parteira? |
| 34. | Como é ser parteira hoje e como era antes? |
| 35. | Se pudesse mudar algo dentro do seu mundo como parteira, o que mudaria? |

Apêndice 2. Roteiro de Observação Participante: O COTIDIANO DO OFÍCIO DAS PARTEIRAS.

| | |
|-----|---|
| 1. | Observar a casa, estrutura e distribuição (horta, animais, roça etc.). |
| 2. | Moradores e moradoras na casa |
| 3. | Relação entre eles |
| 4. | O papel de cada um |
| 5. | Relação apoio/conflicto dentro da família com o ofício da parteira |
| 6. | Relação com os vizinhos |
| 7. | Relação com outras parteiras |
| 8. | Organização/Lideranças das parteiras |
| 9. | Relação com igrejas, SUS, outras organizações. |
| 10. | Local dos atendimentos da parteira |
| 11. | Deslocamento ou transporte para os atendimentos |
| 12. | Regras/normas dentro da casa |
| 13. | Horários dos atendimentos |
| 14. | Regras/normas nos atendimentos |
| 15. | Pessoas envolvidas/presentes nos atendimentos (mãe, pai, sogra, irmã, amiga, marido/companheiro). |
| 16. | Relação com as parturientes |
| 17. | Tempo de atendimento com cada paciente |
| 18. | Tempo de acompanhamento com cada uma |
| 19. | Relação com as aprendizas |
| 20. | Local de pegar os remédios |
| 21. | Deslocamento ou transporte para pegar os remédios ou plantas |
| 22. | Tipo de tratamentos que dá às parturientes (puxações, alimentação, banhos, chás, garrafadas etc.) |
| 23. | Artefatos e utensílios nos diferentes tratamentos |
| 24. | Pagamento ou retribuição |